



**Comunidade de
Aprendizagem**

**Formação de formadores em
Comunidade de Aprendizagem:
reflexões do percurso formativo**



INTRODUÇÃO

ESTA PUBLICAÇÃO É RESULTADO DO PROCESSO de certificação de formadores de Comunidade de Aprendizagem, uma parceria entre o Instituto Natura, Niase (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa) e Crea (Centro de Investigação em Teoria e Práticas de Superação das Desigualdades).

Foram 180 horas de estudo, entre aulas presenciais e acompanhamento supervisionado da prática, em que formadores, técnicos de secretarias de educação, parceiros institucionais e professores universitários construíram conhecimento a respeito das bases teóricas do projeto e sua implementação em contextos específicos da América Latina.

A partir de temas de interesse, os participantes contribuíram com uma nova perspectiva ao produzirem artigos sobre os principais conteúdos abordados no curso.

Que esses textos contagiem outros profissionais da educação na transformação de escolas em espaços de aprendizagem para todos e melhor convivência, com o mesmo compromisso e envolvimento daqueles que o produziram.



ÍNDICE GERAL

As Tertúlias Dialógicas como estratégia à formação docente no Ensino Superior Alessandra Maria Aquino Canivezi Pereira	5
Vivenciando o diálogo igualitário com crianças de cinco anos em Tertúlias Dialógicas Literárias – uma experiência no município de Beditinos, Piauí. Antonia Maria Carlos de Abreu	24
Participação das famílias em escolas que atuam como Comunidades de Aprendizagem: um avanço em direção à gestão democrática Carolina Miranda	43
A prática da gestão democrática na liderança dialógica: uma proposição de competências para o gestor de uma Comunidade de Aprendizagem Marcus Vinícius Costa Fontes	56
Grupos Interativos: Uma ferramenta eficaz para melhor aprendizagem. Mariene Pereira Lopes	75
Atuações educativas de êxito, uma das estratégias do plano municipal de educação de Serra do Salitre. Michela Cristina Santos Silva	87

Tertúlia Dialógica Literária na educação infantil: leitura de literatura clássica universal e o papel do professor na implementação e realização dessa Atuação Educativa de Êxito	
Noé Matias de Souza	100
Tertúlias Dialógicas na Educação Infantil - Literatura, música e artes dialogando com os pequenos	
Patricia Aparecida Marquezini De Oliveira	117
Tertúlia literária dialógica um caminho para a formação de leitores	
Rosa Maria Monsanto Glória	131
Projeto Comunidade de Aprendizagem e a educação de Pernambuco: a importância e o impacto do Grupo Interativo na aprendizagem de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental em uma escola do Recife	
Rosinete Salviano Feitosa	144
O Princípio da Transformação: em busca de possibilidades.	
Simone Cassiani	161
Recreio: um espaço de convivência e respeito, construído através do modelo dialógico de prevenção e resolução de conflitos e violência	
Tânia de Andrade Magalhães	177



Comunidade de
Aprendizagem

As Tertúlias Dialógicas como estratégia à formação docente no Ensino Superior

Alessandra Maria Aquino Canivezi Pereira

Resumo

“...os que me ensinam algo que eu ignorava antes de os ter lido”.

Alexandre Herculano – historiador português

PALAVRAS-CHAVE:

Tertúlias Dialógicas,
Formação de Professores,
Estratégia Formativa,
Interação.

O presente trabalho apresenta a experiência realizada por meio da implementação de Tertúlias Dialógicas junto a alunos de um Curso de Pedagogia, de uma instituição privada de Ensino Superior, como estratégia à Formação Pedagógica Dialógica. A realização da atividade ocorreu fundamentada nos princípios que sustentam o conceito de Aprendizagem Dialógica.

Introdução

Estudiosos da área da Sociologia afirmam que no início do século XXI é instaurado um novo tipo de sociedade, denominada Sociedade da Informação. Distintamente da Sociedade Industrial, em que as relações pessoais eram pautadas na obediência, na disciplina e no controle, na Sociedade da Informação vive-se a descentralização do conhecimento, caracterizada pela transmissão simultânea da informação, por meio dos recursos de comunicação e tecnológicos.

Nesse contexto, insere-se a instituição escolar que conforme as práticas educativas desenvolvidas, junto aos alunos, está mais ou está menos contextualizada nessa sociedade.

Aubert et al. (2016) localizam temporal e espacialmente esse tipo de sociedade ao afirmarem que

No século XXI, contamos com recursos informativos que nos permitem estar em contato contínuo com a comunidade científica internacional e conhecer as pesquisas sociais e educativas que atualmente oferecem um ponto de referência eficiente para o desenvolvimento de práticas que superam o fracasso escolar e melhoram a convivência (AUBERT et al., 2016, p. 21).

A revolução tecnológica da sociedade da informação, o fenômeno social da globalização, o aumento dos riscos e das opções entre outras características, fazem com que as pessoas precisem cada vez mais se comunicar e dialogar para tomar decisões em relação ao presente e ao futuro, cheio de opções que são produto de novos valores, normas sociais e intercâmbios culturais (ibidem, p. 28).

Podemos afirmar portanto que a escola não é uma instituição permanente e imutável. Como afirmou Paulo Freire (1980, p.08), “a escola na verdade não é, a escola está sendo historicamente”. A ordenação da escola e de suas práticas pedagógicas, dispostas de maneira tradicional, pautadas nas características da sociedade industrial, não mais se ajustam à Sociedade da Informação, permeada pela diversidade e composta por sujeitos heterogêneos.

As experiências escolares necessitam adequar-se às exigências e às necessidades do momento atual que, em decorrência de todas as transformações já descritas, implicam em diálogo, compreensão da multiplicidade de espaços para aprendizagem e aquisição de ferramentas para acesso e seleção do conhecimento, colocando na centralidade do desenvolvimento e da aprendizagem os processos interativos entre os sujeitos.

Bruner (2001) afirma que articulada à educação também está a cultura. O autor destaca que a interação humana nos processos educativos gera aprendizado. Por meio da linguagem – entendida como as diversas formas de comunicação – o ser humano adquire conhecimento.

Nesse contexto, destacamos o conceito de Aprendizagem Dialógica¹ que se apresenta cientificamente, por meio de atuações educativas, como estratégia à educação escolar para atendimento e respostas efetivas às atuais demandas sociais. Constantino; Marigo; Moreira (2011) definem o conceito de Aprendizagem Dialógica “como produto do diálogo orientado à superação de desafios interpostos nos coletivos sociais” [...] (p.60).

As mesmas autoras ainda afirmam, baseadas em Flecha (1997), que tal conceito “é construído a partir das contribuições da teoria da ação comunicativa de Habermas (1981/2001) e do conceito de dialogicidade de Paulo Freire” (1995/2005) (p.58).

Em sua teoria da ação comunicativa, Jürgen Habermas (1981/2001) discute o conceito de racionalidade sob a ótica da sociologia, explicando-nos que as ações sociais transformadoras são

1. O conceito de Aprendizagem Dialógica foi constituído por Ramón Flecha e publicado no livro *Compartiendo Palabras*, em 1997; o conceito de atuações educativas de êxito foi construído a partir do Projeto de Pesquisa INCLUD ED, que “analisou estratégias que contribuem para superar as desigualdades e promover coesão social, bem como aquelas que geram exclusão social. Na pesquisa Includ-Ed foram revisadas as principais teorias e contribuições científicas do mundo sobre esse tema, as reformas educacionais feitas nos países, membros da União Europeia e as práticas adotadas em escolas que, apesar de se encontrarem em contextos desfavoráveis e enfrentarem muitas dificuldades, obtiveram êxito educativo tanto nos resultados escolares como na coesão social [...]” (Fichário de Comunidade de Aprendizagem. Caderno de Divulgação 2017, p.10).

racionalmente apoiadas na comunicação, quando os sujeitos superam seus pontos de vista subjetivos, por serem capazes de linguagem e de ação. Na prática comunicativa, as pessoas podem estabelecer acordos entre si, ao compartilharem socialmente um saber de fundo, que lhes permita usar sua linguagem como meio de entendimento (ibidem, p.58).

[...] na concepção de educação de Paulo Freire, o diálogo não é apenas um método ou uma teoria pedagógica, mas uma práxis que vincula ação humana e comunicação. Para esse educador, homens e mulheres são sujeitos sociais quando estabelecem relações entre si, com o mundo e com o contexto de realidade que os condiciona geográfica, histórica e culturalmente (ibidem, p.59).

Assim, é possível inferir que nos contextos educativos, esses processos possibilitam a melhoria e a efetividade do ensino e da aprendizagem e em contextos mais amplos a humanização para transformação das relações. Conforme indicam Aubert et.al., (2016):

A aprendizagem dialógica é produto de processos de criação e significados a partir de interações destinadas a aprendizagem melhores. O conhecimento se cria e recria por meio de um diálogo orientado pelo desejo de entendimento, pela intenção de alcançar a maior compreensão e quantidade de acordos possíveis sobre algum aspecto da realidade, os conteúdos de aprendizagem e a escola. Nesse diálogo, o mais importante não são as intervenções do professorado, devido ao seu status superior na estrutura hierárquica da escola, mas sim as intervenções em função da validade dos debates que ocorrem. Essa validade é dada pelo grau de ajuda das contribuições ao diálogo para alcançar acordos que melhoram a aprendizagem de todos e de todas e, assim, a qualidade da educação (AUBERT et al., 2016, p. 68).

A Aprendizagem Dialógica se apoia em sete princípios² e que se materializa em sete práticas, denominadas Atuações Educativas de Êxito³. O processo de transformação do modo pelo qual se dá a aprendizagem em uma escola, tem início pela passagem por cinco fases de transformação⁴. Em seguida, ocorre a efetiva implementação dessas

atividades e a escola pode ser então denominada por Comunidade de Aprendizagem.

Pesquisadores apontam (Mello, 2009; Mello; Larena 2009) que a implementação das Ações Educativas de Êxito em espaços educativos comprovadamente transforma os níveis de aprendizagem dos estudantes, possibilitando também a democratização das relações nesses ambientes, por meio do diálogo entre os atores do processo educativo e da participação da comunidade.

Neste sentido, podemos assegurar que as práticas dialógicas, realizadas por meio da interação, são geradoras de aprendizagem ao possibilitar a participação do aluno pela crença em suas capacidades individuais e as trocas entre os pares. Como anteriormente mencionado, práticas pedagógicas apoiadas em fundamentações empiristas e tradicionais, comuns à sociedade industrial, já não se encaixam na escola contemporânea e necessitam ceder lugar a estratégias pedagógicas que efetivamente promovam educação de qualidade aos estudantes, por meio da aprendizagem efetiva de conteúdos escolares.

Implantar as atividades educativas de êxito por meio da transformação escolar em Comunidade de Aprendizagem possibilita a superação das desigualdades educativas, bem como das desigualdades sociais. Neste sentido, a ação docente, pautada em princípios de equidade, garante a participação de todos em espaços mais democráticos.

Compreendemos portanto que a Aprendizagem Dialógica é o modelo que deve sustentar as práticas escolares na sociedade da informação, pois possibilita que estudantes sejam formados sob princípios que promovem a valorização do saber cotidiano e da escuta, o interesse pelos conteúdos escolares, o respeito pelas diferenças e a prática solidária.

A partir dessas constatações, de nossa experiência docente no Ensino Superior, dos resultados positivos descritos por meio do Projeto INCLUD ED e da afirmação de Flecha (1997, p.13) de que “Consideramos que el aprendizaje dialógico es global o parcialmente

2. Diálogo Iguatário, Inteligência Cultural, Transformação, Dimensão Instrumental, Criação de Sentido, Solidariedade e Igualdade de Diferenças
3. Grupos Interativos, Formação de Familiares, Participação Educativa da Comunidade, Biblioteca Tutorada, Tertúlias Dialógicas, Formação Pedagógica Dialógica e Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos.
4. Sensibilização, Tomada de Decisão, Sonho, Seleção de Prioridades e Planejamento..

valido para una gran diversidad de contextos educativos, desde la primera infancia hasta la ultima madurez”, julgamos ser possível, válido e viável implementar uma das atuações educativas de êxito – Tertúlias Dialógicas – fundamentada na Formação Pedagógica Dialógica, em três turmas de um Curso de Pedagogia, vinculados a um Centro Universitário privado, localizado no interior de São Paulo.

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência do desenvolvimento da atividade anteriormente descrita.

2. Diálogo Iguatário, Inteligência Cultural, Transformação, Dimensão Instrumental, Criação de Sentido, Solidariedade e Igualdade de Diferenças.

Desenvolvimento do trabalho

Iniciamos o trabalho por meio da revisão de literatura cuja abordagem estivesse centrada nos conceitos de Aprendizagem Dialógica, Formação Pedagógica Dialógica e Tertúlias Dialógicas. Podemos afirmar que pouco se conhece em relação ao desenvolvimento dessa atuação educativa de êxito no Ensino Superior:

Após levantamento, leitura e organização das informações, elaboramos um plano de atividades para seu desenvolvimento, ao longo do 2º semestre de 2017, em turmas do segundo, quarto e sexto semestres do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Amparense UNIFIA, onde atuamos como docente.

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DIALÓGICA NO ENSINO SUPERIOR

A atuação docente no Ensino Superior, especialmente em cursos de licenciatura, implica em constante reflexão e tematização da ação docente, pois toda a atuação pode ser compreendida como modelo pelo aluno, futuro professor. Portanto, formar o outro, implica em rever-se, retomar posturas e avaliar-se.

Compreendemos a Formação Pedagógica Dialógica como prática docente no Ensino Superior que favorece o pensamento crítico do aluno, possibilita as discussões de situações cotidianas vivenciadas nos estágios, garantindo oportunidades para que todos participem.

Flecha et al. (2014) apresenta em seus estudos experiências de países europeus que ao implementar Atuações Educativas de Êxito em Universidades - AEU's - por meio de práticas específicas para o Ensino Superior, e especialmente em cursos voltados à formação

de professores, têm obtido melhor desempenho acadêmico de seus estudantes e fortalecimento das relações sociais. (Saville et al. 2005, apud Flecha et al. 2014 e 2011 apud Flecha et al. 2014; Riggio, 2007 apud Flecha et al. 2014; Saville, 2010 apud Flecha et al. 2014; Dunn, 2010 apud Flecha et al. 2014; Airini et al., 2011 apud Flecha et al. 2014; McKelvie, 2013 apud Flecha et al. 2014).

Ainda acrescenta o autor que o objetivo da implementação dessas atuações nesse nível de ensino é a formação mais qualificada de profissionais para atuação nos anos iniciais da escolarização. Neste sentido, “las AEU conjugan el rigor académico con los procesos de colaboración en el aula favoreciendo un aprendizaje que los mismos protagonistas califican de más profundo y motivante⁵” (Arum & Roska, 2011 apud Flecha et al. 2014).

Para além desse objetivo, sabemos também que a melhoria da educação básica tem como um de seus determinantes a excelência na formação dos profissionais que atuarão junto a crianças e adolescentes. Podemos inferir, portanto, que um professor formado por meio de atuações exitosas e que possibilitarem a ele eficácia no aprendizado, poderá potencializar e qualificar sua ação nos momentos de planejar, executar atividades e tomar decisões durante o processo formativo de seus alunos.

Para Aubert et al., (2016, p. 181) “as interações que criam sentido são aquelas em que os e as participantes da interação compartilham o mundo da vida, a partir de onde é possível haver entendimento”. Por meio dessas práticas, favorecemos a criação de sentido – um dos princípios da Aprendizagem Dialógica – pelo aluno em seu cotidiano, por aproximar as situações práticas escolares do ambiente universitário.

5. “as Atuações Educativas de Êxito em Universidades combinam o rigor acadêmico com os processos de colaboração em aula favorecendo uma aprendizagem que os próprios protagonistas qualificam como mais profunda e motivadora” (Livre tradução da autora).

De Luís (2013) corrobora tal asserção quando afirma ser necessária a revisão e a melhoria da qualidade das aulas e dos conteúdos na formação docente, visando à aprendizagem dialógica. O autor ainda expõe que “la Universidad tiene ante sí la tarea de reconstruirse culturalmente, como institución educativa que reflexiona con seriedad sobre el tipo de capacidades que esa población adulta ha de desarrollar

y el modo de hacerlo⁶” (Arandía Loroño, Alonso-Olea y Martínez-Domínguez, 2010 apud De Luis, 2013, p. 223).

Ao discutir acerca da formação de professores, Flecha (1997) articula a atuação docente como ação intelectual transformadora por ser capaz de melhor atuar junto aos alunos e assim melhor formá-los à sociedade atual. Neste sentido, a formação intelectual e as altas expectativas em relação aos alunos também devem estar presentes no cotidiano dos professores universitários.

Nesse contexto formativo e a partir dos resultados dos estudos de De Luís (2013) e Flecha et al. (2014) compreendemos que as Tertúlias Dialógicas podem apresentar-se como estratégia à formação pedagógica dialógica de estudantes do Ensino Superior:

TERTÚLIAS DIALÓGICAS

A palavra tertúlia tem como significado uma reunião entre pessoas, além de também poder designar uma palestra literária.

Derivadas de experiências espanholas estudadas e disseminadas pela Comunidade de Pesquisa em Excelência para Todos (CREA) da Universidade de Barcelona e no Brasil pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), as primeiras práticas de tertúlia tiveram início por meio da leitura de clássicos da literatura universal, assim conceituada por Flecha; Mello (2005):

A Tertúlia Literária Dialógica é uma atividade cultural e educativa desenvolvida em torno da leitura de livros da Literatura Clássica Universal. Destinada a pessoas sem formação universitária, foi criada há vinte e cinco anos, na Escola de Educação de Pessoas Adultas da Verneda de Sant-Martí, em Barcelona/Espanha, por educadoras e educadores progressistas, em conjunto com participantes da escola, homens e mulheres que estavam iniciando ou retomando sua escolaridade (p.01).

6. a Universidade tem diante de si a tarefa de reconstituir-se culturalmente, como instituição educativa que reflete com seriedade sobre o tipo de capacidades que essa população deve desenvolver e como fazê-lo” (Livres tradução da autora).

Tal prática educativa pressupõe o diálogo igualitário, fundamentado na força e na validade do argumento dos sujeitos participantes e não na posição hierárquica ou de poder ocupada, tornando assim protagonistas todos os sujeitos, valorizando o que cada um pode trazer e suscitar à discussão e desmistificando a crença de que a posse do saber acadêmico é a única ferramenta possível à transmissão do conhecimento ao outro.

Fernández González; Garvín Fernández; González Manzanero (2012) legitimam essas afirmações quando destacam o papel da leitura como mecanismo que promove a aquisição do conhecimento. Desta forma, as tertúlias dialógicas destacam-se como estratégias que viabilizam essa aquisição pois possibilitam o diálogo coletivo entre os leitores. Afirmam também os autores que a potencialidade da atividade centra-se no debate e nas discussões entre os sujeitos e não na busca de um consenso sobre aquele que está correto ou que mais se aproxima da ideia expressa pelo autor da obra lida, ideia essa geralmente creditada pelo docente.

Constantino; Marigo; Moreira (2011) também corroboram a ideia ao expor a relevância de participação dos envolvidos

Suas falas são reportadas aos âmbitos de vida dos quais provêm e, por isso, devem ser respeitadas, de maneira que seja garantido o respeito à inteligência cultural de cada pessoa e potencializado o ambiente de aprendizagem intersubjetiva. Para tanto, faz-se fundamental a presença de uma pessoa moderadora e outra que a apóie, a fim de se garantir o espaço de fala de todas as pessoas participantes, com base na aprendizagem dialógica. Na prática, as pessoas participantes fazem suas inscrições para apresentarem as compreensões

e/ou argumentos em torno do texto, cabendo à pessoa moderadora organizar a sequência das falas, priorizando quem falou menos, as pessoas que socialmente têm menos espaço para falar, em função de suas condições de raça, gênero, classe social, escolaridade e idade[...] (p.66).

Comprovadas a efetividade e as potencialidades dos trabalhos com as tertúlias dialógicas literárias em espaços educativos, essas práticas expandiram-se para a leitura de outros tipos de obras como músicas, obras de arte e materiais científicos específicos à formação docente, denominando-se nesses casos Tertúlias Dialógicas Musicais, Tertúlias Dialógicas de Artes e Tertúlias Dialógicas Pedagógicas.

O caráter transformador das tertúlias dialógicas confere a elas caráter universal, portanto transferíveis, são estratégias que podem ser desenvolvidas em quaisquer contextos educativos. (Flecha et al. 2014).

Neste sentido e após a assimilação de todo esse conteúdo, avaliamos serem essas modalidades de tertúlias, ferramentas que podem incidir positivamente na formação e na aprendizagem de alunos do Ensino Superior.

AS TERTÚLIAS DIALÓGICAS COMO ESTRATÉGIA FORMATIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Os trabalhos foram realizados em uma instituição de Ensino Superior privada, situada em Amparo, município localizado no interior do estado de São Paulo, com aproximadamente 70 mil habitantes, em região cuja economia tem como base a indústria, o comércio e a agricultura. Iniciou suas atividades há mais de quarenta anos como Faculdade de Ciências e Letras por meio da oferta de quatro cursos de licenciatura, assim permanecendo até fins da década de 1990.

A primeira década do ano de 2000 foi muito promissora para a instituição. Em decorrência das políticas educacionais de financiamento estudantil em curso e por não haver naquele momento, concorrência na região, a instituição rapidamente se transformou em Centro Universitário e passou também a ofertar cursos nas áreas de Ciências Biológicas e Exatas e pós-graduação. Atualmente o curso de Pedagogia, foco de nossas ações, possui 157 alunos matriculados.

Durante o segundo semestre do ano letivo de 2017, foi organizado

um plano de trabalho para que as tertúlias pudessem ser implementadas nas turmas do segundo, quarto e sexto semestre do Curso de Pedagogia. Após apreciação e deferimento da coordenação do curso foi elaborado o seguinte cronograma para desenvolvimento das Tertúlias.

2º semestre - 28 alunos

Disciplina: Fundamentos da Educação Básica

Tertúlia Dialógica Pedagógica: FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 21 - 35.

Tertúlia Dialógica Literária: ASSIS, Machado. **Um apólogo.** (publicado originalmente em Gazeta de Notícias em 1885).

4º semestre - 54 alunos

Disciplina: Educação Infantil

Tertúlia Dialógica Musical: BEETHOVEN, Ludwig V. **9ª sinfonia de Beethoven** - Ode à alegria (poema de Friedrich Schiller).

Tertúlia Dialógica de Arte: BRUEGEL, Pieter: **Jogos Infantis.** 1560.

6º semestre - 45 alunos

Disciplina: Tópicos Especiais III

Tertúlia Dialógica Pedagógica: AUBERT, Adriana et. al. O giro dialógico nas sociedades e nas ciências sociais. AUBERT, Adriana. et al. **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação.** São Carlos: EduFSCar, 2016. p. 27 - 33.

A opção pelas modalidades de tertúlia, bem como pelas obras a serem apresentadas se deu a partir das fundamentações que conceituam esse tipo de atividade articulada aos conteúdos em desenvolvimento em cada uma das disciplinas ministradas para cada turma.

A realização de tertúlias dialógicas vem ao encontro de vários dos princípios que sustentam a Aprendizagem Dialógica. Destacamos aqueles que julgamos fundamentais à otimização e à garantia da Formação Pedagógica Dialógica

1. Diálogo igualitário: em uma Tertúlia são respeitadas todas as falas igualmente; nenhuma pessoa pode impor a sua idéia às demais. O pressuposto é de que o encontro se dá entre sujeitos capazes de linguagem e ação. Assim, as diferentes manifestações são consideradas em função da validade dos argumentos e não da posição de poder de uns sobre outros; (FLECHA (1997) apud FLECHA; MELLO, 2005, p. 02).

2. Inteligência cultural: ao longo de nossa vida, aprendemos muitas coisas e de maneiras muito diversas. Assim, todas as pessoas têm as mesmas capacidades para participar num diálogo igualitário. Esta inteligência se desenvolve segundo os contextos de inserção das pessoas, permitindo, portanto, reformulações constantes a partir das novas inserções e interações; (ibidem, p. 02).

3. Solidariedade: encontra-se na gratuidade da atividade e no apoio a pessoas que têm vergonha de expor suas idéias. Destas relações de respeito, vão nascendo ações de solidariedade nos encontros e na comunidade mais ampla; (ibidem, p. 02).

4. Aprendizagem instrumental: o acesso a um conhecimento sistematizado em conteúdos e habilidades acadêmicos não é desprezado; “o dialógico não se opõe ao instrumental, mas sim à colonização tecnocrática da aprendizagem” (p. 33); (ibidem, p.02).

Podemos afirmar que ao longo do semestre letivo de 2017, durante a realização da primeira atividade por meio das tertúlias foi possível observar primeiramente um estranhamento dos alunos em relação à estratégia utilizada, uma vez que até aquele momento havíamos realizado apenas leituras compartilhadas e estudos iconográficos, em que sempre, ao final da atividade, ocorria a sistematização realizada por mim, professora.

Como expõe De Luis (2013) acerca da realização das tertúlias “Su función es dar la voz, animar el diálogo pero nunca valorar o cuestionar ideas. No consiste en releer el texto ni comentarlo teniendo en cuenta la interpretación del autor [...]”⁷ (p. 223).

Durante a realização da segunda tertúlia em duas turmas foi possível observar maior participação dos alunos, menos timidez e menos dependência da aprovação docente acerca dos comentários, assim como da sistematização e correção acerca dos conceitos propostos pelos autores. Entretanto, alguns alunos ainda questionaram acerca da coerência e da interpretação de suas ideias frente à escrita ou à expressão do autor da obra utilizada na atividade. Em uma das turmas foi realizada apenas uma atividade, não sendo possível portanto a realização de comparações.

7. “Sua função é dar voz, promover o diálogo mas nunca valorizar ou questionar ideias. Não consiste em reler o texto nem comentá-lo tendo em conta a interpretação do autor” (Livre tradução da autora).

Considerações finais

Ao finalizar esse trabalho e praticamente também o semestre letivo avaliamos que foi possível, por meio da implementação das tertúlias dialógicas em três turmas do Curso de Pedagogia, garantir maiores possibilidades de interação, de independência e de autonomia em um espaço mais dialógico e democrático dentro da sala de aula.

A realização das tertúlias junto a alunos do Ensino Superior primeiramente revelou a dependência e a necessidade dos estudantes em receber ao final da aula a aprovação do professor em relação à sua interpretação e ao seu aprendizado acerca da obra discutida.

Nossa atuação docente deve ser objeto de constante reflexão, por isso foi possível constatar que grande parte da dependência exposta pelos alunos em confirmar se sua ideia está correta, muitas vezes, é fomentada por nossa própria atuação. Ou seja, conforme as estratégias desenvolvidas pelo professor pode haver avanço ou estagnação no rendimento acadêmico do estudante.

Ao sustentar a minha prática nos preceitos que embasam a realização de tertúlias, paulatinamente, foi possível observar maior independência do aluno em relação ao seu aprendizado. A leitura passou a ser compreendida por eles como ferramenta eficaz à aquisição da dimensão instrumental. Houve relatos de alunos de duas turmas do Curso acerca da percepção de suas dificuldades ao ler sozinho um trecho dos textos utilizados e, posteriormente, reler junto com colegas para a discussão do mesmo.

Por meio da realização da atividade em apenas um semestre, foi possível verificar uma progressiva melhora na qualidade da leitura realizada pelos alunos, observada durante as atividades de tertúlias e nos momentos de avaliação, em que há textos e propostas

iconográficas para serem discutidas e escritas. Ainda não obtivemos por evidência, tampouco por percepção, melhora no rendimento acadêmico dos alunos.

Concluimos que as tertúlias dialógicas se mostraram como estratégia positiva ao desenvolvimento dos alunos, dando-lhes mais autonomia nessa busca, valorizando a inteligência cultural e o diálogo igualitário. Essa experiência é insuficiente para avaliarmos impacto sobre a aprendizagem dos estudantes, entretanto acreditamos que por meio de nossas observações, dos relatos e das discussões suscitadas foi possível iniciar a construção de um espaço mais democrático, interativo e de maior autonomia e confiança entre os alunos.

Temos como expectativa a continuidade das atividades ao longo do próximo ano letivo para que seja possível a produção de maior conhecimento acadêmico e científico acerca da realização de Tertúlias Dialógicas como estratégia à Formação Pedagógica Dialógica no Ensino Superior. Coloca-se também como desafio ao próximo ano, implementação de outras AEU's como a consolidação de práticas pautadas em reflexão e investigação de situações reais e fictícias, próprias do universo escolar; com vistas a formar professores aptos à garantia de um aprendizado de conteúdos escolares com qualidade e coesão social.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

AUBERT, Adriana. et al. Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos: EduFSCar, 2016.

BRUNER, Jerome. Cultura, Mente e Educação. BRUNER, Jerome. A Cultura da Educação. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 15 – 52.

CONSTANTINO, Francisca; MARIGO, Adriana; MOREIRA, Raquel. Aprendizagem Dialógica: Base para Educação e a Transformação Social no Brasil. Multidisciplinary Journal of Educational Research, Barcelona, 1(1), p. 53-78, out. 2011. Disponível em: <<http://hipatiapress.com/hpjournals/index.php/remie/article/view/76/67>>. Acesso em: 05 out. 2017.

DE LUÍS, Edurne Chocarro. Las tertulias dialógicas, un recurso didáctico en la formación de docentes. *Historia y Comunicación Social*. Madrid, Vol. 18. Nº Esp. Nov. (2013), p. 219-229. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5209/rev_HICS.2013.v18.44238>. Acesso em 05 out. 2017.

FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Sonia; GARVÍN FERNÁNDEZ, Rosa; GONZÁLEZ MANZANERO, Víctor. Tertulias pedagógicas dialógicas: Con el libro en la mano. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, Zaragoza, Vol. 15, núm. 4, p. 113-118, diciembre, 2012. Disponível em: <<http://revistas.um.es/reifop/article/view/174861/148181>>. Acesso em 12 dez. 2017.

FLECHA GARCÍA, Ramon. et al. Actuaciones de Éxito en la Universidad. Hacia la excelencia tomando las mejores Universidades como Modelo. *Multidisciplinary Journal of Educational Research*, Barcelona, vol 04, p. 131-150, jun. 2014. Disponível em: <<http://seminari-vlc.tk/download-view/actuaciones-de-exito-en-la-universidad-hacia-la-excelencia-tomando-las-mejores-universidades-como-modelo/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

FLECHA, Ramón. Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós, 1997, p. 01 – 46. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/208948998/Compartiendo-Palabras-Ramon-Flecha>>. Acesso em 05 out. 2017.

_____. Los profesores como intelectuales: hacia una formación integral de los maestros del siglo XXI. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, Zaragoza, 29, p. 67 - 76, 1997. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/117945.pdf>>. Acesso em 05 out. 2017.

FLECHA, Ramón; MELLO, Roseli R. de. Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias. *Presentel Revista de Educação*. Salvador ano 13, n.º 48, p. 01 - 04, 2005. Disponível em <<http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/210/152d8c5158c8e403bd4efb9ef106f950.pdf>>. Acesso em 05 out. 2017.

FREIRE, Paulo. Apresentação. In: HARPER, Babette. et.al. Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 1ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980, p. 08.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO NATURA. Fichário de Comunidade de Aprendizagem. Caderno de Divulgação. São Paulo, 2017.

MELLO, Roseli. Diálogo y escuela en Brasil: comunidades de aprendizaje. Cultura y Educación. Fundación Infância y Aprendizaje. Madrid, 21 (02), p. 171 - 181, 2009. Disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/0B0fe_ENgpgVlaDg3djNkLXF1X2s>. Acesso em 12 dez. 2017.

MELLO, Roseli; LARENA, Rosa. Pedagogia Comunicativa crítica en los centros educativos. Revista Electrónica de Teoría de la Educación. Educación y Cultura en la Sociedad de la Información. Salamanca, 10 (03), p. 119 - 140, 2009. Disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/0B0fe_ENgpgVlaDg3djNkLXF1X2s>. Acesso em 12 dez. 2107.

SILVA, Gabriela. Formando e dialogando com as Tertúlias Literárias. In: Formação de Formadores em Comunidade de Aprendizagem: reflexões do percurso formativo, 2015. Disponível em: <<http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/358/713ff8132a2db318705970f7aefbe2a0.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2017.



Comunidade de
Aprendizagem

Vivenciando o diálogo
igualitário com crianças de
cinco anos em Tertúlias
Dialógicas Literárias – uma
experiência no município
de Beneditinos, Piauí.

Antonia Maria Carlos de Abreu

Resumo

O presente trabalho descreve a implementação de Tertúlia Literária Dialógica em uma turma de Educação Infantil no Centro de Educação Infantil Cynthia Portella, no município de Beneditinos, Piauí, Brasil. Apresenta a experiência realizada, inicialmente pela Técnica da Secretaria, que participou da Certificação de Formadores em Comunidade de Aprendizagem despertando na professora da turma um interesse para o trabalho com Tertúlia Dialógica Literária, que passou a fazer parte da rotina da classe mencionada, tendo a professora como moderadora.

OBJETIVOS

Verificar como ocorre o uso da linguagem oral e o interesse pela leitura de textos clássicos, a partir das Tertúlias Dialógicas Literárias. Pretende-se também, abordar de forma mais direta como alguns princípios da aprendizagem dialógica aparecem nas Tertúlias observadas em uma turma da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação infantil, Tertúlia literária Dialógica.

Introdução

A Educação Infantil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394/96 (BRASIL, 1996), é a etapa inicial da Educação Básica. Neste sentido, passou a ser entendida como momento de não somente cuidar, mas, também, educar crianças da faixa etária de 0 a 5 anos. Estas duas dimensões precisam coexistir, de maneira integrada, dentro das instituições.

A dimensão educativa, assim como a do cuidado, necessita ser assegurada e planejada, tendo em vista que a criança se apropria e desenvolve conhecimentos que perpassarão por toda sua vida e, dentre estes, a utilização da linguagem, tanto falada como escrita, é competência fundamental para que conviva na sociedade de forma autônoma e consciente.

De acordo com as orientações da Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2016), os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a serem assegurados na Educação Infantil são as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

Surge a necessidade de os educadores estarem mais atentos aos processos de interação social dos alunos e alunas, pois, neles, conflitos, negociações de sentimentos, ideias e soluções compartilhadas emergem, constituindo-se como elementos indispensáveis para o desenvolvimento da linguagem oral e aprendizagem da criança. Portanto, a criança deve ser vista como um ser social e cultural, capaz de interagir por meio da linguagem nas trocas sociais, o que lhe proporciona aprender com os outros, sejam eles adultos ou não.

A ampliação da capacidade de a criança utilizar-se da linguagem oral e escrita em diferentes contextos poderá resultar em eficiente desenvolvimento de suas capacidades linguísticas. Ao conhecer o Projeto Comunidade de Aprendizagem¹, pautado na aprendizagem dialógica e, mais especificamente, a Atuação Educativa de Êxito, Tertúlia Dialógica Literária, considereei que essa atuação seria uma ótima oportunidade de construção de vários dos conhecimentos sobre a linguagem oral e escrita esperados para a etapa da Educação Infantil.

As tertúlias dialógicas literárias estão baseadas na leitura dialógica, e através dos princípios do diálogo igualitário que segundo Girotto e Mello (2012): “o principal objetivo das tertúlias dialógicas literárias é o desenvolvimento que favorece a máxima aprendizagem dos conteúdos letrados como instrumentos fundamentais de uma emancipação na sociedade da informação” (p. 73).

Desse modo, me aprofundi nos estudos sobre essa Atuação de Êxito e iniciei um trabalho de implementação numa turma que atende meninos e meninas na faixa etária de cinco anos. A partir das primeiras experiências, a professora se encantou com a proposta e colocou a Tertúlia Dialógica Literária na rotina da turma, uma vez por semana, o que vem gerando grande oportunidade de desenvolvimento da linguagem oral e escrita, e a convivência entre esses meninos e meninas.

1. Concepção de aprendizagem fundamentada na premissa de que a interação e o diálogo são ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos (Caderno de Formação da Comunidade de Aprendizagem, 2017).

Desenvolvimento do trabalho

A EDUCAÇÃO INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE A LINGUAGEM A PARTIR DA POTENCIALIDADE DAS TERTÚLIAS DIALÓGICAS LITERÁRIAS

O Projeto Comunidade de Aprendizagem foi apresentado ao município de Beneditinos pela parceria estabelecida com o Instituto Natura inicialmente através da Plataforma Conviva Educação. De acordo com Instituto Natura (2017), Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem, a transformação de escolas em Comunidade de Aprendizagem é um projeto baseado num conjunto de Atuações Educativas de Êxito² dirigidas à transformação social e educativa, baseado nos princípios da aprendizagem dialógica e o mesmo inicia-se na escola e está baseado numa concepção que apoia o restabelecimento das relações entre a família, a escola e a comunidade. O projeto de Comunidade de Aprendizagem tem como objetivo superar as desigualdades sociais, e propõe a atingir esse objetivo a partir da melhoria dos resultados de aprendizagem dos alunos e convivência e da participação de toda a comunidade na escola.

2. São práticas avaliadas por investigações científicas, e validadas por membros da comunidade científica internacional, que demonstraram gerar os melhores resultados em qualquer contexto. (Caderno de Formação da Comunidade de Aprendizagem, 2017)

3. Projeto de pesquisa, coordenado pelo Centro de pesquisa em excelência social (CREA) da Universidade de Barcelona, para identificar Atuações de Êxito que contribuem para superar o fracasso e a evasão escolar, bem como superar o risco associado de exclusão em outras áreas como emprego, saúde, habitação e participação política.

De acordo com Aubert et. al. (2016) estamos vivendo em um momento considerado a sociedade da informação, e, por isso, a necessidade de pensar em novas concepções de aprendizagem nas nossas escolas. E pensando em uma sociedade da informação vê-se a necessidade de criar concepções voltadas para resolver os desafios encontrados nas atuais sociedades da informação e do conhecimento.

E em base a essas potencialidades de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos e comunidade através de implementação de atuações educativas de êxito que é comprovado através de evidências científicas internacionalmente pelo projeto INCLUD ED³. Partindo da teoria sociocultural do desenvolvimento da aprendizagem que faz parte das bases teóricas da aprendizagem dialógica.

As tertúlias dialógicas literárias são encontros de pessoas que se reúnem para ler e discutir obras clássicas da literatura universal, baseada na teoria comunicativa da aprendizagem dialógica a partir diálogo igualitário e interação entre os participantes, são ferramentas importantíssimas para a construção de conhecimentos.

Para Mello (2003, pag.450,) na tertúlia literária dialógica

“não se pretende descobrir nem analisar aquilo que o autor ou autora de uma determinada obra quer dizer em seus textos, mas, sim, promover uma reflexão e um diálogo a partir das diferentes e possíveis interpretações que derivam de um mesmo texto.”

Todos têm o direito e a mesma oportunidade de falar e de ser escutado, sendo que a força está na qualidade dos argumentos, as crianças se comportaram diante da rigorosidade da ordem das inscrições para falar; cada uma identificou detalhes diferenciados na obra lida, respeitando as opiniões umas das outras, ampliando para assuntos do seu dia a dia.

As tertúlias dialógicas literárias podem ser desenvolvidas para todas as faixas etárias, não tem exigência de pessoas com conhecimentos científicos avançados para participar.

As atuações educativas de êxito são ações que promovem o diálogo, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade no contexto escolar. Ao articular a linguagem oral e a escrita, a tertúlia potencializa a leitura de mundo permitindo a reflexão e a construção de identidade, denunciando as mazelas sociais, históricas e educativas. (MARIGO, MELLO e AMORIM, 2012).

A criança na Educação Infantil está no ápice da fase de desenvolvimento, sendo proporcionada para elas uma educação integral, ou seja, pensar essa criança na sua integralidade desenvolvendo as habilidades específicas dessa etapa que são as motoras, comportamentais e expressivas. A prática de tertúlias dialógicas literárias na Educação Infantil é um importante instrumental para o desenvolvimento dessas habilidades.

Segundo Girotto e Mello (2012):

“(...) ler dialogicamente implica mover o centro do ato de significado de uma interação subjetiva entre a pessoa e o texto, em nível individual para uma interação intersubjetiva entre crianças e pessoas jovens e adultas em relação a este mesmo texto.(p. 72)”.

As tertúlias dialógicas literárias na Educação Infantil no meu ponto de vista são organizadas pensando na especificidade da clientela que são meninos e meninas com menos de 5 anos de idade e de acordo com a legislação, diretrizes e os parâmetros de qualidade para essa etapa. A alfabetização de crianças não é competência da Educação Infantil. Entretanto, à prática da tertúlia também tem-se a opção de convidar voluntários, familiares e esses serão os padrinhos de leitura (caderno de formadores do instituto natura). E qual o papel dos mesmos nessa atividade? Eles irão fazer a leitura do texto escolhido em momentos antes da realização da tertúlia com as crianças, ao realizar a tertúlia na sala de aula, a professora será a moderadora, poderá fazer a leitura coletiva com as crianças e após a leitura abrir as o turno de palavras que se refere o tempo e a ordem que cada participante irá falar durante a tertúlia prosseguindo o dialogo igualitário.

A tertúlia trata de uma construção coletiva de significado e conhecimento com base no diálogo igualitário de acordo com o Caderno de Formação da Comunidade de Aprendizagem (INSTITUTO NATURA, 2017, p. 66). É “um encontro de pessoas para dialogar a partir de uma obra clássica, que promove a construção coletiva de significado, além da aproximação com a cultura clássica universal e o conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo”. Isto gera um intercâmbio enriquecedor, que permite um aprofundamento na matéria e promove a construção de novos conhecimentos. Nas sessões, um dos participantes assume o papel de moderador, com a ideia de favorecer a participação igualitária de todos.

As mais comuns são as Tertúlias Literárias Dialógicas, nas quais as pessoas se reúnem para dialogar e compartilhar sobre um livro da literatura clássica universal. A opção é pelos clássicos, porque estas obras abordam as questões mais centrais da vida das pessoas, e por

isso permanecem por tanto tempo e a literatura clássica foi por muito tempo sendo acessada por grupos sociais com poder aquisitivo elevado e com a tertúlia sendo realizada com pessoas de grupos sociais menos favorecidos e sem serem dotados de conhecimentos científicos, mais com a inteligência cultural de cada um e isso rompe com as barreiras elitistas culturais. Ao mesmo tempo, é um exercício de respeito, de escuta igualitária, que transforma o contexto das pessoas e cria sentido.

Realizei as tertúlias pedagógicas dialógicas com um grupo de professores da educação infantil, gestores e técnicos da secretaria de educação, percebe-se que a atividade desenvolve a capacidade de expressão da fala, pois a prática baseada em princípios da aprendizagem dialógica, através do diálogo igualitário, onde você fala, ou seja, expressa seus pensamentos fazendo uma relação da leitura realizada com suas vivências.

Os relatos das experiências nos conduzem à reflexão de que quando se trabalha voltada aos princípios dialógicos que é o que opera primeiro no indivíduo por meio de um processo de auto educação através do diálogo igualitário. Nesse sentido, nas realizações das tertúlias pedagógica dialógica com as professoras, perceberam que somente quando capacita-se e educa-se é que me torno capaz de educar o outro. Em depoimentos, elas falam que se o professor não tem hábito de ouvir o outro falar; por que essa é nossa cultura de falar e não ouvir; e também por sermos professores e muitas vezes pensamos que somos detentor do conhecimento e não deixamos nossos alunos falar; expressar seus pensamentos.

Ao conhecermos o projeto de comunidade de aprendizagem que o conceito de aprendizagem dialógica, que o fundamenta fez refletir sobre nossa prática em relação à atuação nas aulas com os nossos alunos. Quando o diálogo acontece orientado por meio da inteligência cultural gera aprendizagem partindo daí a transformação e criação de sentido.

Ao relacionar-se com o pensamento freiriano, sobre a conscientização e envolvimento de todos no processo de construção da aprendizagem

“quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente a partir do momento em que denunciemos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade”. (FREIRE, 2001, p. 16).

VIVENDO AS TERTÚLIAS DIALÓGICAS LITERÁRIAS NA PRÁTICA

O trabalho com as tertúlias literárias dialógicas iniciou-se na cidade de Beneditinos a partir das atividades de estágio do curso de certificação de formadores em comunidades de aprendizagem pela técnica da SEMEC Antonia Maria Carlos de Abreu, autora deste trabalho. Em primeira instância, foi apresentado aos técnicos da secretaria, aos gestores e professores do Centro de Educação Infantil Cynthia Portella o que é o projeto comunidade de aprendizagem. Abordaram-se as bases teóricas e também os princípios da aprendizagem dialógica e suas atuações educativas de êxito com foco nas tertúlias literárias dialógicas.

A professora que colocou em prática essa atuação educativa de êxito faz parte da equipe do Centro de Educação Infantil, escolhido como laboratório experimental do projeto e assim participa das tertúlias realizadas com educadores desde junho de 2017. A turma na qual a autora do texto atua como professora também foram realizadas as tertúlias. A professora acompanhou e desenvolveu juntamente com a formadora as tertúlias literárias dialógicas e com o êxito constatado a partir dos estágios realizados com as crianças e também de sua participação nas tertúlias pedagógicas dialógicas despertou na professora o interesse por inserir as tertúlias literárias dialógicas na rotina de sua sala de aula e constatou durante esse período de realização das tertúlias dialógicas literárias o potencial que tem em desenvolver a convivência e aprendizagem dos meninos e meninas.

Eu realizei as primeiras tertúlias literárias dialógicas na turma e ao chegar

na turma eu falei um pouco sobre contação de histórias, indagando às crianças se elas gostam de ouvir e ler histórias, e logo todas disseram que sim, estavam todas sentadas em círculo, entregamos a obra a ser realizada a leitura que foi o clássico “o rouxinol e o imperador da China de Hans Cristhians adaptação e ilustrações de Claudia Scatamacchia para todas as crianças e em seguida foi proposta a leitura coletiva, fiz a leitura em voz alta e as crianças acompanharam a leitura. Em seguida falou-se como prosseguiria a atividade e as crianças estavam atentas às informações que agora iríamos abrir o turno de palavras para elas falarem sobre a história e que não poderiam falar todas de uma vez, tinham que ouvir os colegas para depois falar:

Eu organizei o turno de palavras; perguntou quem iria falar sobre a história e assim as crianças começaram a levantar a mão; escreveu seus nomes e começamos o diálogo. Perguntei à primeira criança como era o nome da história, e a criança começou a falar; citou o título da história e que a história falava de um pássaro que cantava; a criança seguinte falou que seu tio tinha um pássaro que cantava assim como o da história; a terceira criança falou que os pássaros precisam ser livres para ser feliz e cantar bonito; outra disse que quando chegasse em casa ia falar para o pai que era para deixar o pássaro livre, pois ele estava triste e não cantava. Nessa atividade quase todas as crianças falaram sobre a história, houve momentos em que algumas estavam dispersas e outras começaram a interferir na fala do outro e a moderadora parou um pouco e começou a explicar que não podiam falar todos de uma vez. Eles entenderam e assim prosseguimos.

Constata-se que a tertúlia literária dialógica é de fato uma atividade educativa de êxito que possibilita uma aprendizagem com sentido que contempla as exigências estabelecidas para o desenvolvimento eficaz dessa etapa da educação básica e está de acordo com a legislação educacional vigente.

A partir dessas experiências iniciais, a professora inseriu as tertúlias dialógicas literárias como rotina em suas aulas uma vez por semana.

A prática de tertúlias literárias dialógicas cria possibilidades para uma aprendizagem com sentido, na minha opinião mostrando-se de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que define a criança como um “Sujeito histórico e de direitos que necessita

das interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (DCNEI, 2010: pag. 12) .

Através de uma entrevista após a realização de uma tertúlia dialógica literária com a professora titular da sala, ela afirma que houve avanços na aprendizagem; os meninos e meninas da turma evoluíram, com a prática frequente, as crianças foram participando mais do diálogo de forma igualitária, respeitando a fala do outro. As tertúlias literárias dialógicas ampliam a capacidade de a criança utilizar-se da linguagem oral em diferentes contextos o que poderá resultar em eficiente desenvolvimento de suas capacidades linguísticas; a professora fala que sempre lê e conta histórias para os meninos e meninas, mas a tertúlia tem um diferencial:

A tertúlia literária dialógica tem um diferencial, a criança tem contato com o texto escrito, é completamente diferente de somente ouvir, na hora da leitura percebe-se o envolvimento das crianças em apontar com o dedo palavra por palavra, lendo coletivamente, participam de forma espontânea do diálogo. (Depoimento da Professora Delma Abreu, Anexo 1).

Além disso, as crianças relatam que gostam muito de participar das tertúlias e revelam mais aprendizagens:

Sim. Por que a historinha que a tia contava antes, só ela tinha a historinha e eu e meus amigos não tinha uma, nós só ouvia [Sic] e ficava vendo ela ler. Na tertúlia, nós também podemos ler a história junto com a professora, e falar sobre a história, é bem mais divertido; eu consegui ler a história e já aprendi a contar histórias, e também sei falar o que acontece na história. Quando chego na minha casa gosto de ler histórias para minha mãe, e também gosto de brincar com meus amigos de ler histórias. (Menino Kevin Borges, Anexo 2).

A Educação Infantil é a etapa de inserção da criança na educação escolar. Neste momento, os educadores precisam dar atenção a aspectos de cuidado e ensino, bem como proporcionar um ambiente favorável às competências básicas, em especial, a linguagem oral e escrita.

Considerações finais

A tertúlia literária dialógica é uma estratégia de leitura a partir de textos clássicos que desenvolve a aprendizagem de meninos e meninas através do diálogo igualitário para uma compreensão dialógica dos textos lidos na educação infantil, trazendo para dentro da escola práticas que favorecem interações entre esses sujeitos.

O objetivo do trabalho com tertúlias é melhorar a habilidade de leitura e, especialmente, a compreensão da leitura dos alunos através da interação entre iguais, através da vivência dos princípios da aprendizagem dialógica como o diálogo igualitário e a criação de sentido reveladas pelas crianças quando falam que a leitura a partir das tertúlias é bem mais divertida favorecendo a aproximação das crianças às obras clássicas da literatura universal.

Com a implementação e realização das tertúlias dialógicas Literárias no Centro de Educação Infantil Cynthia Portella, as crianças vivenciaram momentos e espaços coletivos sólidos, alicerçados nos princípios da aprendizagem dialógica, que foram propícios à construção de conhecimentos ampliando a linguagem e o vocabulário das mesmas. Portanto, é possível realizar tertúlia dialógica literária nas salas de Educação Infantil, com leitura de textos clássicos como Alice no país das maravilhas de Lewis Carroll e Moby Dick de Herman Melville, adaptação de Ana Carolina Vieira Rodrigues criando os conhecimentos de vivência e de mundo.

Espera-se que o relato dessa experiência desse trabalho de implementação servirá de inspiração para implementação dessa atuação educativa de êxito em todos os centros de Educação Infantil, de forma a garantir às crianças através do diálogo igualitário o direito de participar de leitura, como da tertúlia, possibilitando a elas a oportunidade de construir aprendizagens cheias de sentido.

REFERÊNCIAS

AUBERT, A. et al. .Aprendizagem Dialógica na Sociedade da Informação. Edufscar, São Paulo, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum. Brasília : MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394 de 26 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

Comunidade de Aprendizagem. Portal: www.comunidadeaprendizagem.com.br

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire: Cortez & Moraes, São Paulo, 2001.

GIROTTO, Vanessa Cristina. MELLO, Roseli Rodrigues. O ensino da leitura em sala de aula com crianças: a tertúlia literária dialógica. Revista - Inter-Ação, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 67-84, jan./jun. 2012

MARIGO, A. MELLO, R.R. AMORIM, .Tertúlia dialógica e educação de pessoas jovens e adultas: encontro entre literatura e vida. Revista-Leitura: teoria & prática (suplemento), n.58, jun.2012

MELLO, Roseli Rodrigues. Tertúlia literária dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. Revista – Contrapontos, volume 3 - n. 3 - p. 449-457 - Itajaí, set./dez. 2003. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/277240796> . Acesso em 05 de agosto de 2017.

Anexos

ANEXO 01: ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Você está sendo convidada a participar de uma entrevista que servirá para coleta e análise de dados de um paper que tem como Título: Vivenciando o diálogo igualitário com crianças de cinco anos em tertúlias dialógicas literárias– uma experiência no município de Beditinos, Piauí.

1- Por que implementou essa atuação educativa de êxito na sua rotina na sala de aula?

Na minha participação das tertúlias dialógicas pedagógicas e também ao acompanhar as atividades de estágio na sala que eu atuo do curso de certificação em comunidade de aprendizagem pela a formadora Antonia despertou o meu interesse por essa prática com as crianças. A tertúlia literária dialógica tem um diferencial, a criança tem contato com o texto escrito, é completamente diferente de somente ouvir; na hora da leitura percebe-se o envolvimento das crianças em apontar com o dedo palavra por palavra, lendo coletivamente, participam de forma espontânea do diálogo.

3 – Quais os avanços dos meninos e meninas na sala de aula após a prática das tertúlias literárias dialógicas?

Houve avanços na aprendizagem, os meninos e meninas da turma evoluíram, com a prática frequente, as crianças foram participando mais do diálogo de forma igualitária, respeitando a fala do outro.

ANEXO 01 : TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: Que tem como Título: Vivenciando o diálogo igualitário com crianças de cinco anos em tertúlias dialógicas literárias– uma experiência no município de Beneditinos, Piauí

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O presente paper descreve a implementação de Tertúlia Literária Dialógica em uma turma de Educação Infantil no Centro de Educação Infantil Cynthia Portella, no município de Beneditinos, Piauí, Brasil.

Pesquisa se justifica ao conhecer o Projeto Comunidade de Aprendizagem, pautado na aprendizagem dialógica e, mais especificamente, a Atuação Educativa de Êxito, Tertúlia Dialógica Literária, considere que essa atuação seria uma ótima oportunidade de construção de vários dos conhecimentos sobre a linguagem oral e escrita esperados para a etapa da Educação Infantil.

. O objetivo desse projeto é Verificar como ocorre o uso da linguagem oral e o interesse pela leitura de textos clássicos, a partir das Tertúlias Dialógicas Literárias. Pretende-se também, abordar de forma mais direta como alguns princípios da aprendizagem dialógica aparecem nas Tertúlias observadas em uma turma da Educação Infantil.

O(os) procedimento(s) de coleta de dados será feita da seguinte forma: através de observação da prática da tertúlia dialógica literária na sala com as crianças, entrevista semi estruturada com a professora e uma criança.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Não existe um desconforto e risco mínimo para a você que se submeter à coleta do material para uma análise detalhada, sendo que justifica-se a prática de Atuação Educativa de Êxito, Tertúlia Dialógica Literária, como uma ótima oportunidade de construção de vários dos conhecimentos sobre a linguagem oral e escrita esperados para a etapa da Educação Infantil com aprendizagens significativas.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso Certificação de Formadores de comunidade de Aprendizagem pelo o Instituto Natura e universidade Federal de São Carlos – São Paulo.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE:

Eu, Delma Soares de Abreu fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. O(a) professor(a) orientador(a) Roseli Rodrigues de Mello certificou me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar à estudante Antonia Maria Carlos de Abreu a professora orientadora Roseli Rodrigues de Mello no telefone (86) 995587858.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Delma Soares de Abreu 19/01/2018
Nome Assinatura do Participante Data

Antonia Maria Carlos de Abreu 19/01/2018
Nome Assinatura do Pesquisador Data

Valdivene Carlos De Abreu 19 01 2018
Nome Assinatura da Testemunha Data

ANEXO 01: ENTREVISTA COM A CRIANÇA

Você está sendo convidada a participar de uma entrevista que servirá para coleta e análise de dados de um paper que tem como Título: Vivenciando o diálogo igualitário com crianças de cinco anos em tertúlias dialógicas literárias– uma experiência no município de Beditinos, Piauí.

I – Você gosta de participar das tertúlias literárias dialógicas? Por que?

Resposta da criança: Sim. Por que a historinha que a tia contava antes, só ela tinha a historinha e eu e meus amigos não tinha uma, nós só ouvia e ficava vendo ela ler. Na tertúlia nós também podemos ler a história junto com a professora, e falar sobre a história, é bem mais divertido, eu consegui ler a história e já aprendi a contar histórias, e também sei falar o que acontece na história. Quando chego na minha casa gosto de ler histórias para minha mãe, e também gosto de brincar com meus amigos de ler histórias.

ANEXO 02 : TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: Que tem como Título: Vivenciando o diálogo igualitário com crianças de cinco anos em tertúlias dialógicas literárias– uma experiência no município de Beneditinos, Piauí

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O presente paper descreve a implementação de Tertúlia Literária Dialógica em uma turma de Educação Infantil no Centro de Educação Infantil Cynthia Portella, no município de Beneditinos, Piauí, Brasil.

Pesquisa se justifica ao conhecer o Projeto Comunidade de Aprendizagem, pautado na aprendizagem dialógica e, mais especificamente, a Atuação Educativa de Êxito, Tertúlia Dialógica Literária, considere que essa atuação seria uma ótima oportunidade de construção de vários dos conhecimentos sobre a linguagem oral e escrita esperados para a etapa da Educação Infantil.

. O objetivo desse projeto é Verificar como ocorre o uso da linguagem oral e o interesse pela leitura de textos clássicos, a partir das Tertúlias Dialógicas Literárias. Pretende-se também, abordar de forma mais direta como alguns princípios da aprendizagem dialógica aparecem nas Tertúlias observadas em uma turma da Educação Infantil.

O(os) procedimento(s) de coleta de dados será feita da seguinte forma: através de observação da prática da tertúlia dialógica literária na sala com as crianças, entrevista semi- estruturada com a professora e uma criança.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Não existe um desconforto e risco mínimo para a você que se submeter à coleta do material para uma análise detalhada, sendo que justifica-se a prática de Atuação Educativa de Êxito, Tertúlia Dialógica Literária, como uma ótima oportunidade de construção de vários dos conhecimentos sobre a linguagem oral e escrita esperados para a etapa da Educação Infantil com aprendizagens significativas.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso Certificação de Formadores de comunidade de Aprendizagem pelo o Instituto Natura e universidade Federal de São Carlos – São Paulo.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE:

Eu, Kallyane Keli Mendes Borges fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. O(a) professor(a) orientador(a) Roseli Rodrigues de Mello certificou me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar à estudante Antonia Maria Carlos de Abreu a professora orientadora Roseli Rodrigues de Mello no telefone (86) 995587858.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

<u>Kallyane Keli Mendes Borges</u>	<u>[Assinatura]</u>	<u>19-01-2018</u>
Nome	Assinatura do Participante	Data
<u>Antonia Maria Carlos de Abreu</u>	<u>[Assinatura]</u>	<u>19.01.2018</u>
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
<u>Verdizene Carlos De Abreu</u>	<u>[Assinatura]</u>	<u>19.01.2018</u>
Nome	Assinatura da Testemunha	Data



Comunidade de
Aprendizagem

Participação das famílias em escolas que atuam como Comunidades de Aprendizagem: um avanço em direção à gestão democrática

Carolina Miranda

Resumo

A questão central deste trabalho é mostrar que a forma como se dá a participação das famílias nas escolas que atuam como Comunidade de Aprendizagem pode ser entendida como um avanço em direção à gestão democrática. Discute os conceitos de gestão democrática e diálogo igualitário e como escolas que se transformam em Comunidades de Aprendizagem podem vivenciá-los na prática.

O trabalho foi desenvolvido a partir da leitura de textos teóricos que embasam os conceitos aqui apresentados, bem como do relatório da pesquisa INCLUD-ED (2012), que traz importantes resultados encontrados na Europa e validou os tipos de participação trabalhados em Comunidades de Aprendizagem, além de estudos feitos em escolas brasileiras.

Introdução

O objetivo deste ensaio é mostrar a importância da participação de familiares nas escolas para avanços em direção a uma gestão mais democrática e o alcance de melhores resultados de aprendizagem para os estudantes. Para isso, discute os conceitos de gestão democrática e diálogo igualitário e como escolas que se transformam em Comunidades de Aprendizagem podem vivenciá-los na prática.

Gestão democrática é um conceito que, desde o final da década 1980, aparece cada vez mais forte na literatura acadêmica e na prática educacional brasileira. Não é coincidência que o período histórico seja o mesmo da abertura democrática no País – abriu-se uma janela de oportunidade para a construção de uma cultura democrática e era preciso garanti-la na legislação.

Aqueles e aquelas que influenciaram e participaram da elaboração da Constituição Federal de 1988, continuaram vendo a escola como o espaço privilegiado para a educação de crianças e adolescentes, e no art. 206 trouxeram os princípios gerais do ensino nesta nova sociedade democrática:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e

coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade;

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal.¹

É possível verificar então que, do ponto de vista constitucional, a gestão democrática aparece como o sexto princípio do ensino. Ainda de forma abrangente, o conceito necessitava de mais detalhamento. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no artigo 3º, VIII, também estabeleceu como princípio do ensino público a gestão democrática, atribuindo, no art. 14,

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.²

1. Constituição Federal (1988), Título VIII, Capítulo III, Seção I, art. 206.

2. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm - Acesso em: 14/01/2018.

A partir de então, outros dispositivos legais caminharam nesta direção, como é o caso do Plano Nacional de Educação. No PNE I (Lei nº 10.172/2001), a gestão democrática aparece nos conselhos

de educação (no âmbito dos sistemas) e na formação de conselhos escolares (no âmbito das unidades escolares). É assim que, na atualidade, as escolas do sistema público de ensino contam com respaldo legal para a gestão democrática, por meio da criação e manutenção de Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), Conselhos Escolares, Associações de Pais e Mestres (APM), Grêmios Estudantis, entre outros espaços e dispositivos de participação de funcionários, docentes, familiares e estudantes.

Ainda que do ponto de vista legal as escolas estejam amparadas para colocarem a gestão democrática em prática, cabe questionar a qualidade e profundidade desta participação. Partindo deste questionamento, o desenvolvimento do trabalho discute a importância de uma legislação educacional que incentive a gestão democrática nas escolas, além de mostrar a necessidade de princípios que garantam sua implementação e qualidade, com a real participação de toda a comunidade escolar, em especial das famílias dos e das estudantes, nas tomadas de decisão, com o objetivo de gerar melhores resultados de aprendizagem para os alunos. Este processo acontece por meio da transformação das escolas em Comunidades de Aprendizagem.

Desenvolvimento do trabalho

O conceito de gestão escolar foi ganhando espaço no campo educacional a partir do momento histórico descrito na introdução, de reabertura democrática, com a ideia de ampliar a ideia de administração escolar. Na prática, a gestão escolar (composta por profissionais como diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico) engloba tanto a parte mais administrativa, como o âmbito pedagógico.

De um lado, a gestão deve se ocupar de questões relacionadas à infraestrutura, recursos humanos, orçamentários e marco legal educacional. Por outro, também se preocupa com o desenvolvimento dos estudantes, monitorando e avaliando suas aprendizagens, bem como acompanhando e formando a equipe de professores.

De acordo com Lück:

A gestão escolar constitui uma das áreas de atuação profissional na educação destinada a realizar o planejamento, a organização, a liderança, a orientação, a mediação, a coordenação, o monitoramento e a avaliação dos processos necessários à efetividade das ações educacionais orientadas para a promoção da aprendizagem e formação dos alunos. (LÜCK, 2009, p.23)

Gestores encontram, muitas vezes, o desafio de realizar um trabalho que não seja apartado, ou que desequilibre para um dos âmbitos, mas no qual a gestão administrativa e a gestão pedagógica coexistam de maneira sistêmica e integrada. Além disso, há cada vez mais a urgência – legal, social e cultural – de que essa gestão, especialmente nas escolas da rede pública de ensino, seja aberta à participação de toda a comunidade.

Um ponto essencial desta abertura é a participação dos familiares que, longe de ser intuitiva e automática, aparece como desafio em muitas unidades de ensino, exigindo dos gestores um trabalho de aproximação, mobilização e engajamento.

Sabemos que em grande parte dos casos, a participação de mães, pais e outros responsáveis acontece apenas nos momentos de indisciplina do estudante, em uma conversa mais difícil que a professora precisa ter sobre o rendimento acadêmico que não vai bem, em uma reunião para informar que a escola passará por reforma ou ainda quando a escola precisa da autorização dos responsáveis para uma excursão.

Do ponto de vista legal, como especificado na introdução, o movimento de abertura à participação nas escolas vem sendo feito. Já do ponto de vista cultural e social, há a emergência da crescente centralidade do diálogo – o que alguns autores chamam de giro dialógico³. Vivemos em um mundo globalizado e, com as novas tecnologias, o acesso à informação se dá de maneira mais rápida e fácil do que nunca, exigindo que as decisões sejam tomadas de maneira mais coletiva, colaborativa e compartilhada, a partir do diálogo e não mais mediadas por relações de poder pré-determinadas.

Mas é preciso que se diferencie uma conversa ou uma fala informativa de um diálogo de fato:

As interações dialógicas são baseadas na igualdade e procuram o entendimento entre todos os interlocutores, valorizando os argumentos trazidos ao diálogo em função de sua contribuição ao desenvolvimento do conhecimento e não em função da posição de poder de quem os emite. (AUBERT et al, 2016, p.108)

O grande desafio é o fato de a nossa sociedade ser permeada de situações mediadas pelas relações de poder existentes entre os indivíduos. Quanto maior o peso destas relações, maiores se tornam as desigualdades entre eles. No ambiente escolar, por exemplo, o cargo ocupado por um diretor ou diretora, o coloca quase instantaneamente acima, em termos de espaço de voz e tomada de decisão sobre orçamento, de uma professora ou funcionária. Já um pai que estudou apenas até o ensino fundamental, teria um espaço muito distante de opinar sobre processos pedagógicos, em relação a um professor com formação universitária.

3. Aubert, Flecha, Flecha, García e Racionero (2016).

As equipes gestoras e unidades de ensino que desejam, de fato, transformar a escola em uma Comunidade de Aprendizagem, precisam estar atentas para que tanto os espaços e instâncias de participação, quanto os diálogos e interações estejam alicerçados em um princípio fundamental: o diálogo igualitário⁴. Elaborado teoricamente pelo CREA, o conceito se baseia em trabalhos de teóricos como Jürgen Habermas e Paulo Freire.

Aubert, Flecha, Flecha, García e Racionero (2016) apresentam os conceitos de pretensões de poder e pretensões de validade de Habermas (1984), mostrando que em relações baseadas na validade, os indivíduos buscam se entender e alcançar consensos. Ou seja, em um diálogo, aquilo que cada pessoa fala ou propõe será ouvido, analisado, avaliado ou criticado a partir da veracidade, validade ou viabilidade dos argumentos apresentados, e não pela posição de poder que ocupa em determinada instituição ou momento.

Ao levar este conceito para o cotidiano das escolas, isso significa dizer que a participação dos familiares, aquilo que cada um propõe ou opina deve ser ouvido e levado em consideração a partir de seu conteúdo e validade, independentemente de sua classe social, formação acadêmica, gênero, cor, ou idade.

Em uma instância de participação como uma comissão mista, por exemplo, que tomará decisões importantes para a escola, e na qual há diversidade e pode contar com a participação de pais e mães com baixos níveis de escolaridade, funcionários de classes sociais mais baixas e professores com formação acadêmica, cada pessoa terá a mesma importância e, juntos, a partir do diálogo, buscarão a solução que trará maiores benefícios para todos e todas.

Neste sentido, segundo Habermas (1984, p. 285), citado por Pinto (1995, p. 80)

4. O diálogo igualitário é um dos sete princípios da aprendizagem dialógica que embasam o projeto Comunidade de Aprendizagem e foram teorizados por Aubert, Flecha, Flecha, García e Racionero (2016).

Na ação comunicativa, os participantes não estão orientados primeiramente para o seu próprio sucesso individual, eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação. (HABERMAS, 1984, p. 285).

Em escolas que atuam como Comunidades de Aprendizagem, portanto, a participação realizada por meio do diálogo igualitário buscará um consenso de ação, a fim de promover eficácia, equidade e coesão, acolhendo as diferenças e aprendendo na troca. Para Paulo Freire, a educação deve construir uma atitude de diálogo, ser libertadora e promover a criticidade e, para isso

É preciso e até urgente que a escola vá se tornando um espaço escolar acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. (FREIRE, 1995, p.91)

Na prática, a pesquisa INCLUD-ED (2012) identificou cinco tipos de participação de familiares nas escolas: informativa, consultiva, decisória, avaliativa e educativa – sendo as três últimas aquelas que mais incluem os familiares e, por consequência, geram mais resultados positivos para as crianças e adolescentes.

Na participação decisória, familiares e comunidade participam de processos e espaços de tomada de decisão, além de monitorar a prestação de contas da escola e seus resultados educacionais. Na avaliativa, apoiam a avaliação do desenvolvimento e aprendizagem dos e das estudantes, bem como dos projetos e currículo da escola. Já na educativa, familiares e comunidade participam de atividades e momentos de aprendizagem dos e das estudantes e também de programas educacionais que respondam às suas próprias demandas.

Os resultados encontrados pela INCLUD-ED mostram que esses três tipos de participação conseguem reverter tendências de fracasso e a evasão escolar. Isso porque:

A participação de membros da comunidade nessas atividades curriculares e extracurriculares permite que os familiares e os alunos se envolvam em um processo de aprendizagem compartilhado; como resultado, tanto as famílias como as crianças se engajam em um número maior de interações acadêmicas. O novo conteúdo da

5. Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) - www.niase.ufscar.br

aprendizagem que trazem para suas interações gera mais motivação nos alunos e transforma os relacionamentos pessoais e as vidas de todos. (Relatório INCLUD-ED Final, 2012)

No Brasil, Braga e Mello (2014) apresentam estudos do NIASE⁵ que seguem na mesma direção: “encontraram junto a familiares, voluntariado, gestoras, professoras e estudantes, a participação educativa da comunidade na escola como fator-chave da aprendizagem dos estudantes e do convívio respeitoso na diversidade”.

Considerações finais

O trabalho procurou mostrar que, a partir da abertura democrática no Brasil no final da década de 1980, a gestão democrática ganhou espaço na educação brasileira. Ao mesmo tempo, em diversas esferas da sociedade atual é possível identificar um giro dialógico, no qual as relações de poder baseadas na autoridade estão dando lugar a relações mais dialógicas.

Neste contexto, torna-se urgente garantir a participação efetiva de toda a comunidade escolar nas decisões tomadas no âmbito da gestão – tanto do ponto de vista administrativo, quanto pedagógico. Essa participação deve ser amparada e garantida pelas leis educacionais, mas também estar baseada em um desejo genuíno de todos os envolvidos no processo educacional de abrir espaços e construir relações baseados no diálogo igualitário, que respeite as diferenças e no qual a importância esteja na validade dos argumentos e não na posição de poder de cada indivíduo.

A participação das famílias, baseada na aprendizagem dialógica e desenvolvida por Comunidades de Aprendizagem traz ganhos para toda a comunidade educativa e aqui serão destacados três deles.

O primeiro diz respeito à diversidade de opiniões, vivências e saberes que são incorporados às decisões tomadas em espaços como as comissões mistas. Seja o tema discutido relacionado ao âmbito pedagógico, gestão, infraestrutura ou relacional, contar com a contribuição de pessoas diferentes pode alimentar o debate de subsídios para que a decisão beneficie o maior número de pessoas envolvidas.

A participação avaliativa, na qual as famílias e outros membros da comunidade ajudam a avaliar os resultados da escola, a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes, tem um papel central na mudança de olhar que se tem sobre a avaliação na escola. A avaliação não é vista

como um momento de punição, mas de aprendizagem – tanto para professores e equipe escolar, quanto para alunos – sobre o que está caminhando bem e o que precisa ser aprimorado. Cria-se um ambiente de confiança, no qual todos e todas podem se expressar para chegar aos melhores resultados.

Por fim, na medida em que a comunidade participa de programas educativos dentro da escola e especificamente desenvolvidos a partir de suas demandas, é possível verificar uma transformação nas famílias e entorno da escola. Diversas pesquisas mostram que o nível de escolaridade dos pais influencia o rendimento dos filhos. Quanto mais participam de atividades educativas, mais procuram outras formas de desenvolvimento para si e mais se preocupam com a educação dos estudantes.

Isso é essencial, uma vez que a soma de esforços para a participação efetiva da comunidade na gestão escolar deve visar sempre os melhores resultados de aprendizagem de crianças e adolescentes, bem como seu desenvolvimento pleno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, A. et al. Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos, Edufscar, 2016.

BRAGA, F. M., MELLO, R. R. Comunidades de Aprendizagem e a participação educativa de familiares e da comunidade: elemento chave para uma educação de êxito para todos. São Leopoldo, Educação Unisinos, vol. 18, nº 2, p. 165-175, maio/agosto 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Ed. Olho D'água, 1995.

LÜCK, H. Dimensões da gestão escolar e suas competências. Curitiba, Editora Positivo, 2009.

PINTO, J. M. de R. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 1995, n.8-9, pp.77-96.

RELATÓRIO INCLUD-ED FINAL. Estratégias para a inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. Universidade de Barcelona, Barcelona, 2012.



Comunidade de
Aprendizagem

A prática da gestão democrática na liderança dialógica: uma proposição de competências para o gestor de uma Comunidade de Aprendizagem

Marcus Vinícius Costa Fontes

Resumo

PALAVRAS CHAVE:

comunidade de aprendizagem;
gestão democrática; liderança
participativa; liderança igualitária
e dialógica; papel do diretor
escolar; comissões mistas; processo
decisório descentralizado;
competências para a gestão;
transformação da escola Sebastião
José da Silva;

Esse trabalho propõe uma reflexão acerca da liderança dialógica e do papel do diretor escolar na prática da gestão democrática de uma Comunidade de Aprendizagem. Já como ponto transversal ao tema da liderança, o texto aborda outros domínios como as mudanças ocorridas nas relações sociais no século XX, a função social da escola e a estratégia das comissões mistas, como caminho para a prática instituída da participação comunitária e das famílias nas decisões das prioridades da escola. Esse estudo propõe ainda um perfil de competências para o diretor escolar, aderente a uma liderança gestora igualitária e dialógica. Esse estudo está inserido no contexto de referência da minha experiência profissional de acompanhamento do processo de transformação da Escola Municipal Sebastião José da Silva, na cidade de Belo Jardim – PE, e segue organizado da seguinte forma: o documento inicialmente faz uma breve introdução do tema da liderança enquanto objeto de estudo de pesquisas no âmbito internacional, e as transformações sociais ocorridas com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação do século XX. Em seguida, apresenta uma síntese histórica da implementação do Comunidade de Aprendizagem na rede escolar do município, no âmbito da parceria do Instituto Natura, Secretaria Municipal de Educação e o Instituto Conceição Moura. Em sequência, o trabalho trata dos estágios de transformação da Escola Sebastião José da Silva, antes de adentrar na seção de discussão sobre a função social da escola e o papel do gestor de uma Comunidade de Aprendizagem. O texto segue elucidando aspectos ligados ao giro dialógico ocorrido nas relações sociais e o papel do diretor escolar na protagonização da gestão democrática, enfatizando sua função no exercício de um modelo de liderança mais igualitário e dialógico com a implementação das comissões mistas. Como proposta de solução para o alcance de um modelo de liderança mais participativo, proponho ao final desse trabalho um quadro referencial com algumas principais competências esperadas de um gestor escolar do Comunidade de Aprendizagem. Para essa reflexão, o trabalho traz referenciais teóricos do Comunidade de Aprendizagem

e outros autores que transversalmente tratam do tema da gestão democrática e liderança participativa.

OBJETIVO

Propor uma reflexão em torno do perfil do gestor do Comunidade de Aprendizagem e suas competências, ressaltando a dimensão igualitária e dialógica nas práticas de gestão escolar. Além disso, destacar a função estratégica das comissões mistas enquanto Atuação Educativa de Êxito que implanta o exercício da prática descentralizadora da liderança e das decisões prioritárias da escola.

Introdução

A liderança tem sido objeto de estudo e debates no âmbito internacional enquanto um fenômeno inerente aos processos de transformação social e um aspecto entrelaçado com as bases de estruturação e organização da sociedade. Considerando-se as várias dimensões desse domínio, nas últimas décadas, diversas linhas de investigação vêm debruçando-se sobre a análise dessa prática nas ciências sociais, na política e na educação. Esses estudos têm buscado compreender como a liderança vem se reorganizando nas relações sociais na medida que as transformações na sociedade se dão ao longo da trajetória histórica, além de dedicarem especial atenção ao papel da liderança e suas posições dentro das organizações. Outro tema subjacente a esse domínio tem sido a compreensão de como a liderança possibilita que as comunidades liderem os processos de mudanças (Redondo-Sama, 2016, pg. 74).

A respeito das transformações sociais, Aubert et al (2016) afirmam:

“Os velhos padrões e normas que costumavam orientar nossa vida na sociedade industrial estão perdendo sua legitimidade na sociedade atual. A revolução tecnológica da sociedade da informação, o fenômeno social da globalização, o aumento dos riscos e das opções, entre outras características, fazem com que as pessoas precisem cada vez mais se comunicar e dialogar para tomar decisões em relação ao presente e ao futuro, cheio de opções que são produto de novos valores, normas sociais e intercâmbios culturais”. (AUBERT et al; 2016, pg. 28)

Nessa linha de estudos, Redondo-Sama (2016), em seu artigo “Liderança e participação comunitária: uma revisão da literatura”, faz uma importante contribuição nesse campo de pesquisa. Em seu trabalho, ela expõe um conjunto de teóricos que desenvolveram seus estudos fazendo uma ligação entre a liderança e o papel das

comunidades na melhoria nos processos de transformação social. Entre os artigos evidenciados no trabalho da autora, são citados temas como: liderança em comunidades profissionais e comunidades de prática, liderança em relação à participação e envolvimento familiar e liderança em relação a outros membros da comunidade.

Ainda sobre isso, cita Redondo-Sama (2016):

“Nas últimas décadas, um conjunto de pesquisas estudaram a ligação da liderança com o papel das comunidades na melhoria das transformações sociais. Ressonando com essa abordagem, liderança transformacional (Burns, 1978), liderança distribuída (Gronn, 2002; Spillane, Halverson & Diamond, 2004), não-eu, liderança de professores posicionais (Frost, 2014), liderança compartilhada (Lambert, 2002) ou liderança dialógica (Padros & Flecha, 2014) desempenharam um papel de liderança em partes muito diversas do mundo” (REDONDO-SAMA; 2016, pg. 73).

Entre as abordagens apontadas por Redondo-Sama, em sua revisão teórica, está a Liderança Dialógica desenvolvida por Padros e Flecha (2014 apud Redondo-Sama, 2016, pg. 84). Essa conceituação considera “o processo através do qual as práticas de liderança de todos os membros da comunidade educacional são criadas, desenvolvidas e consolidadas, incluindo professores, alunos, famílias, pessoal não docente, voluntários e qualquer outro membro da comunidade”.

A escola da atualidade está presente em um contexto social e cultural diferente do vivenciado pela escola que herdamos do século XIX. O advento das novas tecnologias de comunicação e da informação, e o processo de reorganização da produção global impactam a forma na qual o mundo vem se organizando atualmente e a constituição das relações sociais. Esse cenário de transformações, do final do século XX, gera para as diversas estâncias da sociedade novos desafios, demandando uma revisão de suas bases e um incremento de novas competências para a convivência em comunidade.

Nesse contexto de crise e busca de alternativas de soluções, a Comunidade de Aprendizagem surge como proposta educativa que

promove transformação educacional, social e cultural na escola. Apoiada em princípios e atuações que têm como base a queda do autoritarismo, a promoção da democratização escolar e uma maior participação efetiva da comunidade nas decisões educativas da escola, a Comunidade de Aprendizagem busca promover espaços escolares mais igualitários e dialógicos.

Tendo em vista o aqui exposto, esse trabalho tem como objetivo propor uma reflexão acerca do papel do diretor escolar na prática da gestão democrática e dos processos decisórios descentralizados de uma Comunidade de Aprendizagem, como também propor estratégias para a prática da liderança dialógica como caminho para a participação comunitária nas decisões das prioridades da escola, em específico a realização das comissões mistas.

Um segundo objetivo desse estudo é propor um quadro de referência para gestores de uma Comunidade de Aprendizagem, composto por um conjunto de competências que compõem um perfil aderente a uma liderança igualitária e dialógica.

Desenvolvimento do trabalho

Para responder aos objetivos descritos na seção anterior, esse trabalho fará uma revisão bibliográfica calcada nos referencias teóricos do Comunidade de Aprendizagem, para embasar o diálogo em torno da participação da família e da comunidade nas decisões educacionais da vida escolar. Esse estudo também utilizará as contribuições teóricas de Heloísa Lück (2009; 2012) como referência na discussão sobre a gestão democrática e na proposição de um quadro com algumas principais competências esperadas de um gestor escolar de uma Comunidade de Aprendizagem. Inicialmente, o contexto da pesquisa será apresentado de modo a descrever a transformação da escola Municipal Sebastião José da Silva, localizada na zona urbana da cidade de Belo Jardim – PE, em uma Comunidade de Aprendizagem.

Em 2016, o Instituto Conceição Moura, organização de investimento social privado do Grupo Moura, que atua em Belo Jardim – PE no apoio à educação do município, no âmbito de sua parceria com o Instituto Natura, viabilizou a apresentação da proposta do Comunidade de Aprendizagem à Secretaria Municipal de Educação. Os dirigentes da Secretaria acolheram a ideia e lançaram para a rede um convite de apresentação do modelo educativo e seus princípios para todos os gestores escolares. Nesse primeiro momento de apresentação geral 15 gestores escolares compareceram para escutar a proposta do Natura. Com base nesse primeiro encontro, a Secretaria Municipal de Educação sinalizou a indicação da participação de 03 escolas públicas: Manoel Teodoro (escola situada em zona rural - localidade da Serra dos Ventos), Júlio Magalhães (escola da zona urbana, com histórico de boas notas do IDEB) e a Sebastião José da Silva (escola também localizada na zona urbana, em um território adensado populacionalmente e em condição de vulnerabilidade social).

Os 03 gestores dessas escolas levaram à frente a proposta de

apresentar aos seus professores, funcionários e pais dos alunos, o Comunidade de Aprendizagem. Sendo assim, foram organizados 4 momentos formativos para apresentação dos referenciais teóricos e princípios do Comunidade de Aprendizagem às escolas, como também promover momentos de diálogo com os familiares e a comunidade. O resultado dessa interação foi positivo, e a proposta do Comunidade de Aprendizagem foi bem acolhida por parte dos familiares. No entanto, essa mesma receptividade não aconteceu com o público de professores da escola Manoel Teodoro e Júlio Magalhães. Esses tiveram uma postura contrária, rejeitando a possibilidade de adesão ao projeto. Os professores justificaram sua rejeição, argumentando que “os pais não assumiriam a posição de voluntariado como proposto, e que o Comunidade seria um projeto a mais, trazendo mais tarefas para a grade de obrigações do professor”. Entre as escolas que participaram dessa etapa de sensibilização, apenas a Escola Municipal Sebastião José da Silva teve total adesão ao Comunidade de Aprendizagem, e, portanto, foi a escola piloto da rede.

O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL SEBASTIÃO JOSÉ DA SILVA

A escola Sebastião José da Silva está localizada no bairro na Cohab III, um território adensado populacionalmente e inserido em contexto de vulnerabilidade social. Ela possui um quadro de 420 alunos e atua com os anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, possui estudantes que participam do programa de correção de fluxo.

I. Após a comunidade aderir ao processo de transformação, inicia-se a etapa dos sonhos. Essa fase acontece com base na pergunta: que escola queremos para que todos aprendam mais e melhore a convivência? Estudantes, professores e demais integrantes da comunidade escolar são convidados a registrar seus desejos e expressar como sonham a sua escola.

O processo de transformação da Sebastião José iniciou com a adesão da escola a proposta do Comunidade de Aprendizagem e prosseguiu com a realização das etapas de implementação conforme a metodologia. A escola convidou toda a comunidade para a realização da etapa dos sonhos¹. Nessa fase mobilizadora, a escola construiu uma representação de uma “árvore dos sonhos”, para reunir em sua copa o registro de como os professores, familiares, estudantes e demais integrantes da comunidade sonham a escola que querem. Em seguida, em reunião com familiares, professores e equipe gestora da

2. As Comissões Mistas é uma organização participativa heterogênea formada por professores, familiares, estudantes, direção, demais membros da escola e associações locais de tomadas de decisão. O seu objetivo é promover condições democráticas de escolha de prioridades da escola e tomadas de decisão

3. As Atuação Educativas de Êxito são práticas educativas investigadas pela pesquisa INCLUD-ED (2006-2011) e comprovadas cientificamente, que quando aplicadas em qualquer contexto promovem o aumento do desempenho acadêmico dos estudantes, a melhora da convivência e das atitudes solidárias.

4. As escolas que aderem a proposta do Comunidade de Aprendizagem passam por um conjunto de etapas de transformação, a partir na escola sonhada pelos professores, estudantes, familiares de demais integrantes da comunidade escolar. As etapas de transformação são: sensibilização, tomada e decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento.

5. Os princípios da Aprendizagem Dialógica são: Diálogo Iguatário; Inteligência Cultural; Transformação; Criação de Sentido; Solidariedade; Dimensão Instrumental; Igualdade de Diferenças.

escola, os sonhos foram lidos, analisados, separados por categorias e organizados em sonhos de curto, médio e longo prazo, de acordo com as prioridades da escola. A partir desse primeiro passo, foi dado início a primeira comissão mista² que levou a frente alguns dos sonhos que a curto prazo poderiam ser realizados. Em paralelo a isso, algumas outras Atuações Educativas de Êxito³ foram implementadas na escola: os grupos interativos, as tertúlias literárias, tertúlias pedagógicas e a formação de familiares.

Ao longo de 2016 a escola avançou no seu processo de transformação⁴, de forma coesa. A escola teve uma forte adesão dos familiares e comunidade que participavam das reuniões abertas com assiduidade.

Devido as mudanças que ocorreram na gestão do município ao longo do ano de 2017, a escola Sebastião José teve sua equipe gestora modificada, o que impactou o andamento da escola. A nova equipe que assumiu a gestão não conhecia o modelo educativo e de transformação social do Comunidade de Aprendizagem, e encontra-se atualmente no processo de apropriação dos princípios da Aprendizagem Dialógica⁵ para dar continuidade ao legado construído nos dois anos de implementação.

Atualmente, a escola Sebastião José continua sendo a única escola que segue com a proposta de Comunidade de Aprendizagem em Belo Jardim – PE.

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA E O PAPEL DO GESTOR DE UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

As mudanças no processo de interação social do último século têm provocado transformações em diferentes âmbitos da sociedade, gerando uma crise de antigos paradigmas. No campo da Educação, esse reflexo não é diferente, o que tem gerado novos desafios e aprendizados para a escola e para aqueles que a compõe.

Sobre esse tema, aponta Lück (2009):

“Novos desafios e exigências são apresentados à escola, que recebe o estatuto legal de formar cidadãos com capacidade de não só enfrentar esses desafios, mas também de superá-los. Como consequência, para trabalhar em educação, de modo a atender essas demandas, torna-se imprescindível que se conheça a realidade e que se tenha as competências necessárias para realizar nos contextos educacionais os ajustes e mudanças de acordo com as necessidades e demandas emergentes no contexto da realidade externa e no interior da escola” (Lück, 2009, p. 16).

A escola enquanto espaço que promove transformação social, precisa garantir além da formação e aprendizagem dos seus alunos, o cumprimento de sua função social. Essa dimensão engloba a participação efetiva e ativa de todos os atores envolvidos nesse processo de formação humana e cidadã, principalmente a comunidade.

O INCLUD-ED⁶. *Strategies for inclusion and social cohesion in Europe from education (2006-2011)*, projeto de pesquisa desenvolvido em diversos países da Europa e coordenado pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdade (CREA) da Universidade de Barcelona, realizou 22 estudos de casos específicos e 6 estudos de casos longitudinais, acompanhando a evolução das escolas envolvidas nos 4 anos do projeto. Ao longo desse período, a pesquisa identificou as práticas que efetivamente aumentam o desempenho acadêmico dos estudantes e melhora a convivência e as atitudes solidárias no âmbito escolar. O estudo constatou que as práticas que geram maior aprendizagem são aquelas que trabalham com grupos heterogêneos e participação educativa da comunidade. Outro ponto também identificado pelo o estudo refere-se a alguns tipos bem sucedidos de participação dos familiares e da comunidade na escola. Entre os 5 modelos de participação analisados pela pesquisa (informativa, consultiva, decisiva, avaliativa e educativa), as participações educativas, avaliativas e decisórias são as interações que possuem maior probabilidade de êxito de participação das famílias e comunidade. No entanto, a participação educativa da comunidade foi comprovadamente o modelo que promoveu maiores e melhores resultados de aprendizado das crianças (INSTITUTO NATURA, 2017, p.10).

6. Os princípios da Aprendizagem Dialógica são: Diálogo Iguatário; Inteligência Cultural; Transformação; Criação de Sentido; Solidariedade; Dimensão Instrumental; Igualdade de Diferenças.

Apesar da existência de inúmeras evidências científicas que comprovam que a integração da escola com a comunidade e com as famílias tem sido identificada como um fator importantíssimo para o bom funcionamento escolar e qualidade de seu processo educacional, a adesão para essa prática no cotidiano é um grande desafio. Entre os enfrentamentos encontrados estão a falta de clareza do papel da comunidade na função ativa dentro do espaço escolar; além da sua própria presença abalar as velhas estruturas do autoritarismo e centralização de comando da gestão.

Portanto, cabe ao gestor escolar ser o agente promotor do entendimento do papel de todos em relação à educação e a função social da escola. Mas o que acontece muitas vezes é um entrave exatamente nesse dimensionamento das corresponsabilidades (Lück, 2009, p. 18).

O Comunidade de Aprendizagem surge no âmbito educacional e social como uma proposta de superação das desigualdades sociais e melhoria da aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes, por meio da implementação de Atuações Educativas de Êxito e a participação ativa da comunidade e da família na vida educativa da escola.

Portanto, os gestores de escolas que aderem a proposta do Comunidade de Aprendizagem, precisam possuir ou desenvolver um perfil aderente aos princípios que fundamentam esse modelo educacional, já que suas ações serão limitadas enquanto forem limitadas suas competências e compreensão sobre esse projeto.

No âmbito da descentralização das decisões da escola e da democratização da gestão, um ponto fundamental a ser analisado é a autoridade. Acerca desse assunto, Mello aponta que junto com as mudanças que surgiram com a sociedade da informação e a cultura do globalismo, está a crise das autoridades tradicionais, pois as relações sociais não se baseiam mais na hierarquia sustentada na autoridade. Ao contrário disso, houve na sociedade da informação um giro dialógico⁷ nas relações e instituições. (Mello, 2014, p.37).

7. O giro dialógico refere-se a queda dos padrões autoritários presentes nas relações patriarcais, em contraposição a valorização das relações sociais baseadas no diálogo e no poder argumentativo nos processos reflexivos e decisórios, em suas diversas instâncias.

Ainda sobre as relações autoritárias, cita Mello (2014):

“da mesma forma, essas mudanças atingem a escola e, diretamente, a sala de aula. O professor e a professora também não representam mais a autoridade incondicional que representavam há algumas décadas, e as crianças e jovens, enquanto estudantes, também querem ter poder decisório, não aceitando tudo o que a professora ou o professor lhes diz” (Mello, 2014, p. 37).

O diálogo como elemento para referenciar as relações e as ações no Comunidade de Aprendizagem, incorpora o poder da argumentação como aspecto fundamental nas tomadas de decisões, e na busca por valores como “solidariedade, a justiça e a igualdade, valores positivos e mais desejados por todos do que o autoritarismo, o poder indiscutível e a discriminação” (Mello, 2014, p. 40).

Com o giro dialógico presente nas relações, os espaços sociais buscam privilegiar muito mais a comunicação, a decisão participativa e o respeito à diversidade. No contexto escolar, para que isso seja possível, o processo comunicativo precisa estar a serviço da transformação intencionada e dialogada da escola, entre profissionais, estudantes, familiares e comunidade do entorno (Mello, 2014, p. 60).

Para Lück (2012), a comunicação da gestão escolar precisa contemplar reciprocidade, circularidade, interatividade, diálogo e retroalimentação (2012, pg. 117). Na visão da autora, só a partir dessas características presentes na comunicação, é possível se ter uma construção consciente de significados necessária para o posicionamento como sujeito diante das situações vivenciadas.

Tendo em vista essas reflexões, fica evidente a importância da figura do gestor escolar nos processos de transformação do Comunidade de Aprendizagem, e de que o seu perfil profissional precisa caminhar junto com uma série de competências e atitudes que dialoguem com o modelo educativo dialógico, democrático e igualitário.

Mello (2014), no último capítulo do seu livro “Comunidade de Aprendizagem – outra escola é possível”, levanta uma indagação acerca do processo de transformação e os agentes educativos envolvidos nesse contexto:

“a escola, a comunidade e os familiares se encontram preparados para a realização deste trabalho conjunto, de modo a aumentar as condições de igualdade na relação entre elas por meio do diálogo. Estamos prontos para esse desafio?” (Mello, 2014, p. 150).

Essa indagação de Mello (2014) pode ser dirigida para os gestores escolares: os diretores escolares estão preparados para os desafios do processo de transformação do Comunidade de Aprendizagem? Estão prontos para exercer uma gestão mais democrática, igualitária e dialógica?

Claro que a resposta a essa pergunta será diferente em contextos escolares distintos, mas sem dúvida para estar pronto para esse processo, algumas competências comuns precisam fazer parte do perfil do gestor para que essa liderança alcance os horizontes dos princípios do Comunidade de Aprendizagem.

Nesse sentido, o gestor escolar precisa ser um mobilizador social, já que o seu papel passa pelo o exercício de influenciar a atuação de pessoas e estruturar recursos e esforços para o alcance de objetivos educacionais. É inerente a essa posição, no âmbito da gestão democrática, o aspecto da liderança compartilhada, tanto na comunidade interna como externa da escola.

Sobre esse tema, disserta Lück (2009):

“A liderança compartilhada e co-liderança exercidas na escola, é importante que se destaque, será tanto mais efetiva quanto mais disseminada for entre as pessoas que participam da comunidade escolar, pelo exercício da liderança compartilhada (entre todos os membros da comunidade escolar) e da co-liderança (entre a equipe de gestão escolar)” (Lück, 2009, p. 78).

O papel do gestor do Comunidade de Aprendizagem, nas suas práticas de liderança compartilhada e gestão democrática, é assegurar a participação educativa da comunidade nas tomadas de decisão da escola, além de espaços formativos e de aprendizagem. Cabe a ele também promover o diálogo igualitário, e fomentar a criação das

Comissões Mistas (INSTITUTO NATURA, 2017, p.13; 23).

De acordo com o INSTITUTO NATURA (2017):

“O objetivo das Comissões Mistas e das Assembleias é promover propostas e mudanças mediante debates, consensos e diversidade de opiniões. Essas atuações são pautadas no princípio da inteligência cultural, que pressupõe a interação de pessoas de diferentes culturas, através de meios verbais e não verbais (ações comunicativas), com a finalidade de construir entendimentos no âmbito cognitivo, estético e afetivo”. (INSTITUTO NATURA, 2017, p. 46).

Ainda sobre esse tema da descentralização do poder decisório nas escolas, Mello (2014) ressalta:

“o que geralmente se pode frequentemente ver nas escolas é uma gestão que, por consequência das pressões e limitações sob as quais age, acaba por atuar apenas no sentido de ordenar, controlar e punir, numa perspectiva estritamente de administração técnico-burocrática. A própria ordenação do espaço e do tempo na escola, a flexibilidade ou a rigidez do cenário e avaliação constantes demonstram isso” (Mello, 2014, p.116).

As escolas transformadas, com a implementação da participação da comunidade em seu cotidiano, em especial as Comissões Mistas, promovem essa possibilidade de deslocar da figura do gestor o controle central das decisões educativas da escola, o que viabiliza uma maior democratização, mesmo que o diretor escolar não tenha em suas práticas essa cultura inclusiva de compartilhar as decisões.

Portanto, é fundamental que as Comissões Mistas recebam o apoio da Secretaria Educação, e demais instâncias da educação, para compreender os processos de escolha da escola e apoiar-la nas prioridades definidas nas Comissões.

Sobre a competência de liderança compartilhada, cita Lück (2009):

“Essa competência passa pelo enfrentamento de questões de

relacionamento interpessoal e comunicação, assim como questões relacionadas ao exercício de poder e valores. Essa gestão trata-se de uma dimensão abrangente e complexa, de caráter eminentemente político, uma vez que dá poder a pessoas, poder esse que é legítimo no contexto educacional, na medida em que é promovido tendo por orientação a contribuição para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e formação dos alunos, com a participação dos pais, da comunidade interna e externa da escola” (Lück, 2009, p. 80).

Com isso posto, é possível se pensar quais competências tem forte aderência aos princípios do Comunidade de Aprendizagem, e a partir desse ponto, desenhar um quadro referencial para gestores escolares.

Para propor um quadro de referência com as principais competências esperadas para o um gestor de uma Comunidade de Aprendizagem, esse trabalho utilizará como base as competências apontadas por Lück (2009), em sua obra “Dimensões da Gestão Escolar”.

Lück (2009) organiza as competências orientadas para os diretores escolares da seguinte forma:

- Competências de fundamentação da educação e da gestão escolar;
- Competências de planejamento e organização do trabalho escolar;
- Competências de monitoramento de processos educacionais e avaliação institucional;
- Competências de gestão de resultados educacionais
- Competências de gestão democrática e participativa
- Competências de gestão de pessoas na escola
- Competências de gestão pedagógica

- Competências de gestão administrativa na escola
- Competências da gestão da cultura organizacional da escola
- Competências de gestão do cotidiano escolar

Considerando o objeto de estudo desse trabalho, será realizado um recorte da proposta por Lück (2009), privilegiando as competências orientadas para a gestão democrática e participativa, pois essas dialogam perfeitamente com os princípios e prerrogativas do Comunidade de Aprendizagem. No entanto, recomenda-se que as demais competências apontadas pela autora possam ser estudadas e incorporadas ao perfil de gestor do Comunidade de Aprendizagem, por possuírem forte aderência ao compromisso com a educação dialógica e igualitária proposta pelo projeto.

A proposta reunida de nove competências para uma gestão democrática e participativa, apontadas por Lück (2009), segue Quadros I abaixo:

COMPETÊNCIAS DE GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA

Lidera e garante a atuação democrática efetiva e participativa do Conselho Escolar ou órgão colegiado semelhante, do Conselho de Classe, do Grêmio Estudantil e de outros colegiados escolares.

Equilibra e integra as interfaces e diferentes áreas de ação da escola e a interação entre as pessoas, em torno de um ideário educacional comum, visão, missão e valores da escola.

Lidera a atuação integrada e cooperativa de todos os participantes da escola, na promoção de um ambiente educativo e de aprendizagem, orientado por elevadas expectativas, estabelecidas coletivamente e amplamente compartilhadas.

Demonstra interesse genuíno pela atuação dos professores, dos funcionários e dos alunos da escola, orientando o seu trabalho em equipe, incentivando o compartilhamento de experiências e agregando resultados coletivos.

Estimula participantes de todos os segmentos da escola a envolverem-se na realização dos projetos escolares, melhoria da escola e promoção da aprendizagem e formação dos alunos, como uma causa comum a todos, de modo a integrarem-se no conjunto do trabalho realizado.

Estimula e orienta a participação dos membros mais apáticos e distantes, levando-os a apresentar suas contribuições e interesses para o desenvolvimento conjunto e do seu próprio desenvolvimento.

Mantém-se a par das questões da comunidade escolar e interpreta construtivamente seus processos sociais, orientando o seu melhor encaminhamento.

Promove práticas de co-liderança, compartilhando responsabilidades e espaços de ação entre os participantes da comunidade escolar; como condição para a promoção da gestão compartilhada e da construção da identidade da escola.

Promove a articulação e integração entre escola e comunidade próxima, com o apoio e participação dos colegiados escolares, mediante a realização de atividades de caráter pedagógico, científico, social, cultural e esportivo.

Quadro I – Competências de gestão democrática e participativa.

Considerações finais

O processo de transformação da Sebastião José e os bons resultados que a gestão daquela escola imprimiu no legado do Comunidade de Aprendizagem na cidade de Belo Jardim - PE, como também as discussões levantadas por esse estudo acerca da gestão democrática, são referências para se pensar o perfil ideal do gestor escolar do Comunidade de Aprendizagem.

Mas isso não significa que o agente educador que não possua esse conjunto de competências gerenciais, não possa embarcar no processo de liderança de uma escola orientada para o Comunidade.

Sendo assim, as competências ainda não desenvolvidas ou em processo de desenvolvimento podem ser estimuladas e fortalecidas por meio da criação de uma “capacidade conceitual” por parte do gestor, que lhe dará base para realizar as ações no âmbito escolar. Essa apropriação da base conceitual pode se dar por meio das leituras dos referenciais teóricos da Aprendizagem Dialógica e do Comunidade de Aprendizagem, além participação do processo de Certificação promovido pelo Instituto Natura ou mesmo por meio da realização dos módulos do Comunidade de Aprendizagem pela plataforma EAD.

Outra maneira de apreender as práticas e por tanto, desenvolver competência aderentes a proposta do Comunidade de Aprendizagem, é participando efetivamente das Atuações Educativas de Êxito, em especial aquelas que envolvem a participação educativa da comunidade.

BIBLIOGRAFIA

AUBERT, Adriana, et al. Aprendizagem Dialógica na Sociedade da Informação. São Carlos, EdUFSCar, 2016.

CENTRO ESPECIAL DE INVESTIGACIÓN EM TEORÍAS Y PRÁCTICAS QUE SUPERAN DESIGUALDADES (CREA). (2006 - 2011). Includ-ED. Strategies for inclusion and social cohesion in Europe from education. 028603-2. Sixth Framework Programme. Priority 7: citizens and governance in a knowledge-based society. European Commission.

REDONDO-SAMA, Gisela. Leadership & Community Participation: A Literature Review. *International and Multidisciplinary Journal of Social Sciences*. University of Cambridge, United Kingdom, 5(1), 71-92, March/July 2016.

INSTITUTO NATURA. Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem. São Paulo, 2017.

LÜCK, Heloisa. Dimensão de gestão escolar e suas competências. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

_____. Liderança em gestão escolar: 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (Cap 3).

MELLO, Roseli Rodrigues; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.



Comunidade de
Aprendizagem

Grupos Interativos: Uma ferramenta eficaz para melhor aprendizagem.

Mariene Pereira Lopes

Resumo

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.”*

Paulo Freire

Este paper tem como objetivo apresentar o trabalho de eficácia das Atuações Educativas de Êxito em turmas do ensino fundamental I e II, nas Escolas - Joel Porto, Manoel Pedro e Maria Eulice de Menezes Porto, no município de Ibitiara-Bahia, enfatizando as relações estabelecidas entre os estudantes, voluntários e professores diante de tal atividade. Esta consiste em uma prática diferenciada, que cativa e potencializa em uma melhor aprendizagem por meio da aprendizagem dialógica. Trata-se de experiência que evidenciou um maior impacto na melhoria dos resultados educacionais.

Introdução

A interação entre professores, alunos e comunidades se constitui atualmente como um dos elementos facilitadores do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, ao potencializar as interações em sala de aula, a partir da integração de estudantes em diferentes níveis de desenvolvimento esta passa a ser um fator determinante no processo de aprendizado. De acordo com Vygotsky(1991), aquilo que em um determinado momento uma pessoa só consegue fazer com a ajuda de alguém, um pouco mais adiante ela certamente conseguirá fazer sozinha. Assim, de acordo com o autor, a zona proximal de hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã.

Todos são capazes de aprender; por isso, possibilitar uma ajuda entre iguais faz com que aquele estudante que ficaria para trás, consiga realizar todas as atividades, aprendendo de modo coletivo. Este processo, por sua vez, incrementa a aprendizagem do aluno mais avançado, já que, através da explicação para seus colegas, se aprofunda nas aprendizagens adquiridas e atribui maior sentido e significado.

Dentro dessa proposta surge Comunidade de Aprendizagem, um projeto educativo dedicado à ampliação da participação da comunidade escolar e de pessoas do bairro, intensificando e diversificando as relações entre escola, família e comunidade em torno; articulando assim, de maneira dialógica, para abono máximo da aprendizagem, tendo à interação, o diálogo, a diversidade e solidariedade como ferramentas de qualificação na busca da melhoria das práticas. Segundo Aubert et al (2008. p:167):

Acontecendo a aprendizagem de forma dialógica, em interações em que se reconhece a inteligência cultural de todas as pessoas, está orientada para a transformação do grau inicial de conhecimento e do contexto sociocultural, como meio de alcançar o êxito de todos. As interações aumentam a aprendizagem instrumental, favorecendo

a criação de sentido pessoal e social, e que são guiadas pelo sentimento de solidariedade, em que a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores.

Nessa perspectiva, a escolha por discorrer sobre os grupos interativos, deu-se pelo fato de ser uma das atuações que vêm sendo qualificada cada vez mais, nas classes do ensino fundamental I e ensino fundamental II, da rede municipal de Ibitiara (BA) por meio de acompanhamentos in loco e de entrevista com: cinco professores, seis coordenadores e oito voluntários, sendo dez turmas com uma enorme heterogeneidade, estudantes que não realizava atividade e não participava da aula nos grupos interativos começaram a participar. Isso revela MELLO (2012 p.130-131).

A ocorrência de grande mudança de hábito nas relações entre as crianças, jovens e adultos na escola e de todos para com o conhecimento, uma vez que se começa a difundir um novo hábito cultural tão importante para a ressignificação da escola como um espaço de todas as pessoas, no qual cada uma pode aprender o máximo possível, com alegria, respeito e solidariedade.

São notáveis as mudanças culturais dentro de cada aluno, voluntário e professor; uma vez que os desafios estão para além da leitura, escrita e cálculo. Faz-se necessário assim, construir uma aprendizagem dialógica, compartilhada, envolvente, participativa a partir do estabelecimento de novas relações com a sociedade.

Desenvolvimento do trabalho

Numa sociedade que está sempre em transformação, o professor contribui com seu conhecimento e sua experiência, tornando o aluno crítico e criativo, estando voltado ao ensino dialógico, uma vez que os seres humanos aprendem interagindo com os outros. O professor deve provocar ao aluno para que se torne num aluno sujeito da ação. Acreditando que todos tenham a oportunidades de falar; argumentar suas hipóteses, chegar as conclusões ajudando o aluno a se perceber parte do processo eficaz de construção.

De acordo com Instituto Natura (2017), Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem,

Grupo Interativo é uma forma de organização de aula que proporciona os melhores resultados da atualidade quanto à melhoria da aprendizagem e da convivência. Por meio deles, as interações se multiplicam, se diversificam, e o tempo de trabalho efetivo se expande. Esse tipo de organização inclui todos os estudantes, contando com o apoio de outros adultos, além do professor responsável pela aula. Nos Grupos Interativos o objetivo é desenvolver, dinamicamente, a aceleração da aprendizagem para todos, além de valores e sentimentos como a amizade e a solidariedade.

De acordo com pesquisas da comunidade científica internacional esse tipo de organização de aula tem maior impacto no rendimento educativo. INSTITUTO..., [s.d.]

Uma organização de grupos heterogêneos que faz a diferença permitindo consolidar seu conhecimento com o do colega, tendo a participação de voluntários, este devem ser incentivados a adotar atitudes que favoreçam o sucesso de interação dos alunos na execução das atividades; potencializando a troca entre pares no rodízio das atividades, com intervenções mais precisas do professor.

○ aluno experimenta dificuldade em resolver uma determinada atividade, os outros também se concentre em ajudá-lo. Isso incentiva o intercâmbio de papéis, em que os alunos podem ensinar seus colegas e aprender com eles, assim aprendendo, através de um diálogo igualitário, para compartilhar esforços e agir com solidariedade (Elboj et al., 2001).

No depoimento da professora Marcella Abade da Escola Municipal Diretor Joel Porto de Oliveira, Mocambo - Ibityara Bahia

“A realização dos grupos interativos, tem sido momentos bastante produtivos. Há uma boa interação entre os grupos, até mesmo os alunos mais indisciplinados estão mudados, interessados e realizaram com grande empenho e satisfação as atividades propostas. Os alunos tímidos estão mais comunicativos com os colegas isso possibilitou uma melhor interação.”

○ trabalho realizado pelos voluntários, esta cada vez mais animados e bastante motivados, incentivando os alunos e possibilitando a interação entre eles.”

Nos grupos interativos são dados os aportes comunicativos em que predominam as interações dialógicas. Dessa forma, as crianças internalizam que podem aprender; ajudar seus colegas de classe e receber ajuda, reforçados por atos comunicativos; garantindo que a resolução das diferentes atividades é o resultado da interação entre si, através de diálogo e colaboração entre eles, segundo Vygotsky (1989, p.70)

“Quando nos referimos ao valor das interações em sala de aula, é importante pensarmos que este referencial não compactua com a idéia de classes socialmente homogêneas, onde uma determinada classe social organiza o sistema educacional de forma a reproduzir seu domínio social e sua visão de mundo. Também não aceitamos a idéia de sala de aula arrumada, onde todos devem ouvir uma só pessoa transmitindo informações que são acumuladas nos cadernos dos alunos de forma a reproduzir em determinado saber eleito como importante e fundamental para a vida de todos.”

Portanto, a solidariedade entre todos os alunos, deixando de lado

a dinâmica individualista e a competitividade entre eles. Com este processo, é alcançado que aqueles com níveis mais altos saiba como ajudar seus colegas de classe, evitando qualquer aluno ou aluna ficar para trás. Por sua vez, eles mesmos reforçam sua própria aprendizagem devido ao esforço que eles fazem ao explicar suas estratégia de resolução.

No depoimento de alguns estudantes fica evidente o quanto todos e todas aprendem, mesmo os que já estão apropriados do conteúdo:

Ajudamos nossos colegas a compreender melhor o conteúdo demonstrando nossos critérios de resolução da atividade, gosto muito de matemática e essa forma de ajudar meus colegas é muito divertida, quando finaliza comentamos com os outros grupos como foram as atividades e qual a mais difícil, é muito bom.

Emmily Lohanne Lopes - 8º Ano

Autores como Vygotsky (1979, p.89) afirmam que “a aprendizagem ativa uma série de processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar só quando a criança está interagindo com pessoas do seu meio e em cooperação com seus colegas”. Bruner (2000, Apud Aubert et al, 2016, p.99) assinala a necessidade de organizar as salas de aula em subcomunidades de aprendizagem mútuas e Wells (1999, Apud Aubert et al, 2016, p.103) continua nessa linha propondo a estruturação das salas em comunidades de indagação dialógica. Ou seja, os três autores apostam na ajuda mútua entre os estudantes para resolver problemas conjuntamente através do diálogo.

GRUPOS INTERATIVOS ENQUANTO ATUAÇÃO DE INTERAÇÃO: O CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO.

Os grupos interativos acontecem semanalmente, nas disciplinas de Português e Matemática. As classes são divididas em 5 grupos, onde o tempo para o rodízio de atividades de aprendizagem instrumental (planejadas pela professora junto ao coordenador), em uma única

sessão, para que todos os alunos acaba fazendo todas as atividades agendadas com o tempo 20 minutos em cada grupo.

Os grupos são heterogêneos, tendo alunos em diferente níveis de aprendizagens, e através das orientações dos voluntários, conseguimos possibilitar boas interações, que são alcançadas na sala de aula, por suas características, aumenta a solidariedade entre estudantes, auto-estima e expectativas elevadas, e isso tem um impacto, como será visto, na melhoria dos resultados acadêmicos de todos (INCLUD-ED, 2009).

Esse é um momento de muita aprendizagem, pois as crianças se interagem tendo um melhor envolvimento e concentração para realizar as atividades propostas, Habermas (1990, Apud Aubert et al, 2016, p.105) salienta que os significados são criados na interação, no diálogo intersubjetivo, tudo o que é subjetivo foi antes intersubjetivo, foi criado na relação com outras pessoas no mundo social.

Ressaltando a fala de alguns autores

Quando fui convidada para participar do grupo interativo fiquei muito empolgada, pois percebi ser uma ótima oportunidade de ajudar meu filho nas atividades e compreender junto dos colegas o conteúdo dos trabalhos pela professora.

Nivanete - Voluntária

Eu gostei do grupo interativo, porque eu pude ajudar os colegas e aprendi também. Às vezes quando um colega terminava primeiro e eu terminava por último, ele vinha me ajudar. Em outros momentos, quando eu terminava primeiro, era eu que ia ajudar.

Wender Silva – 5º ano

Quando professores, alunos e voluntários atribuem sentido e significado para uma prática educativa de êxito como essa, os indicadores para garantir o sucesso escolar dos estudantes são fortes, como se pode perceber nas falas dos envolvidos.

Saímos da acomodação e buscamos alternativas para a qualificação constante, tanto dos saberes profissionais, quanto da definição de políticas públicas com vista à diminuição desses desafios de forma a viabilizar melhor os espaços e a qualidade dos grupos interativos, pois como diz Paulo Freire (1987, p.78): “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Diante do que foi relatado, percebe-se que o grupo interativo contribuiu muito para a aprendizagem dos estudantes. Além disso, podemos citar como avanços, outros aspectos, como:

- evidência dos princípios: Diálogos igualitários, Inteligência cultural, Transformação, Aprendizado instrumental, Criação de sentido, Solidariedade, Respeito à Igualdade e à diferença;
- diversidade no grupo de alunos (gênero, cultura, nível de aprendizagem);
- reunião de formação com voluntários;
- avanços dos alunos na fluência leitora;
- realização das atividades do grupo interativo por todos os alunos;
- avanço no resultado acadêmico da turma;
- avanço nas habilidades de leitura, elevando a nota do simulado da Prova Brasil de Língua e Portuguesa e Matemática de 3,7 para 5,0 no ensino fundamental I e de 3,2 para 4,5 no ensino fundamental II.

Tudo isso foram aspectos determinantes no sucesso dos grupos interativos na escola, entretanto, ainda temos alguns desafios para serem enfrentados, como:

- assegurar que todos os alunos trabalhem de forma solidária, ajudando um ao outro;

- quantidade de voluntários – ampliar para inclusão de mais estudantes;
- sistematização das atividades no pós grupo interativo.

Contudo percebemos o quão é satisfatório o desenvolver dessa atuação, pois a escola que queremos e acreditamos está sendo construída com o trabalho que realizamos com dedicação e amor, em busca de uma educação de qualidade, para todos.

Considerações finais

Portanto, se buscamos uma escola de qualidade que procure o êxito de todos e de todas, precisamos implementar atuações educativas de êxito como essa, que possibilite assegurar a aprendizagem de todas as crianças, sem deixar nenhuma para trás. É fundamental destacarmos que importante no processo interativo não é a figura do professor, do aluno ou do voluntário, mas é o campo interativo criado.

A interação está entre as pessoas e é neste espaço hipotético que acontecem as transformações e se estabelece o que consideramos fundamental neste processo: as ações partilhadas, em que a construção do conhecimento se dá de forma conjunta.

O importante é perceber que tanto o papel do professor, voluntário, como o do aluno são olhados não como momentos de ações isoladas, mas como momentos convergentes entre si, e que todo o desencadear de discussões e de trocas colabora para que se alcancem os objetivos traçados nos planejamentos.

Os Grupos Interativos motivam nossos alunos, envolvendo-se nas discussões, sentem-se estimulados e querem participar; pois internamente estão mobilizados por estratégias sedutoras que o professor usa para mobilizar sua classe, aprendendo a viver e a conviver a igualdade de diferenças. O professor consegue circular e atendê-los nos pequenos grupos, tendo o voluntário para apoiar em cada grupo; possibilita uma prática mais cuidadosa com os alunos, aprendendo mais, interagindo, respeitando as igualdades e as diferenças, proporcionando melhores resultados de convivência e aprendizagem e é nesse universo que o entusiasmo cresce e os conhecimentos surgem.

Assim, vai ficando a certeza que de que a escola ganha uma maior participação da família e da comunidade no apoio à realização dessa atuação de êxito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Comunidade de Aprendizagem. Caderno Participação Educativa da Comunidade – Grupos Interativos. Instituto Natura.

Comunidade de Aprendizagem. Portal: www.comunidadeaprendizagem.com.br

Elboj, C., Puigdemívol, I., Soler, M., & Valls, R. (2002). Comunidades de aprendizagem. Transformar la educación. Barcelona: Graó.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELO, R. R.; BRAGA, F. M.; GABASSA, V. Comunidade de aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

INSTITUTO Natura. Nossa Biblioteca. Cadernos de Formação. Disponível em: . Acesso em: nov. 2016.

Projeto INCLUD-ED (2006-2011). Estratégias de inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. 6º Programa-Quadro. Cidadãos e Governança em uma Sociedade baseada no Conhecimento. CIT4-CT-2006-028603. Direcção-Geral da Investigação, Europeia Comissão.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. Livraria Martins Fontes Editora LTDA. São Paulo - SP 1991, 4ª edição brasileira.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



Comunidade de
Aprendizagem

Atuações educativas de êxito, uma das estratégias do plano municipal de educação de Serra do Salitre.

Michela Cristina Santos Silva

Resumo

PALAVRAS CHAVE:

Plano Municipal de Educação,
Estratégias, Atuações Educativas
de Êxito, Aprendizagem Dialógica,
Comunidade de Aprendizagem.

A educação pública do Brasil é uma questão que envolve a responsabilidade e parceria do governo federal, estadual e municipal e deve compreender um esforço da sociedade e das instituições para garantir, de forma permanente, os direitos de cidadania a todos. Nessa direção, as escolas municipais de Serra do Salitre estão implementando o Projeto Comunidade de Aprendizagem, que se propõe à transformação social e cultural de escolas e seus entornos, na busca de uma convivência respeitosa entre todos (as) e da superação do fracasso escolar. Tal proposta é baseada no conceito de aprendizagem dialógica. Nasceu em experiências educativas da Espanha, acompanhadas pela Comunidade de Investigação em Excelência para Todos (CREA), da Universidade de Barcelona, e vem sendo desenvolvida no Brasil desde 2003 pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos. Esse texto demonstra como as Atuações Educativas de Êxito foram incorporadas como estratégia no Plano Municipal de Educação de Serra do Salitre, assegurando os Princípios da Aprendizagem Dialógica e o cumprimento das metas.

Introdução

A sanção presidencial da Lei nº 13.005, em 25 de junho de 2014 (BRASIL, 2014), entregou à sociedade brasileira o Plano Nacional de Educação (PNE), com vigência até o ano de 2024. O documento é fruto da construção coletiva que remete à Conferência Nacional de Educação (Conae), realizada em 2010, a qual ofereceu os subsídios para o projeto de lei enviado pelo Poder Executivo ao Congresso Nacional, onde passou por diversas alterações até sua aprovação como lei. A partir desse plano, os municípios elaboraram seus planos Municipais de Educação para que governos pudessem exercer uma política de gestão planejada e organizada de forma que atendesse a demanda de cada município.

O atual Plano Municipal de Educação - PME do Município de Serra do Salitre/MG foi aprovado pela Lei nº 862/2015, de 01 de junho de 2015 (GOVERNO MUNICIPAL DE SERRA DO SALITRE, 2015), com vigência entre 2015 e 2025, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214 da constituição federal e na lei 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o plano nacional de educação.

Para organizar a educação nacional, os entes federativos devem trabalhar juntos. Nesse contexto, o PNE (Plano Nacional de Educação) cumpre a função de articular os esforços nacionais em regime de colaboração, tendo como objetivo universalizar a oferta da etapa obrigatória, elevar o nível de escolaridade da população, elevar a taxa de alfabetização, melhorar a qualidade da educação básica e superior; ampliar o acesso ao ensino técnico e superior; valorizar os profissionais da educação, reduzir as desigualdades sociais, democratizar a gestão e ampliar os investimentos em educação. Em consonância com o PNE, o Plano Municipal de Educação de Serra do Salitre possui vinte metas estruturantes e estratégias que asseguram o cumprimento das mesmas.

De acordo com o Caderno de Orientações para Monitoramento e

Avaliação dos Planos Municipais de Educação, <http://pne.mec.gov.br>:

“A Lei do PNE ressalta a necessidade do monitoramento contínuo e das avaliações periódicas, com envolvimento das instâncias responsáveis e a devida mobilização social para acompanhar sistematicamente o cumprimento das metas. Monitorar e avaliar são etapas que se articulam continuamente em um único processo, contribuem para o alcance das metas propostas, apontam as lacunas e eventuais mudanças necessárias no percurso e incorporam ao plano o caráter de flexibilidade necessário para absorver as demandas da sociedade.”

Referente às fases mencionadas no trecho citado, em Serra do Salitre, foram realizados encontros para estudo do Plano Municipal de Educação, organização dos trabalhos, coleta e análises de dados atualizados sobre a evolução do cumprimento das metas municipais que permitem dimensionar os desafios que se impõem para o alcance dos objetivos traçados. Neste sentido, as Atuações Educativas de Êxito¹, com base na aprendizagem dialógica², do projeto Comunidade de Aprendizagem, foram incorporadas ao PME de Serra do Salitre como estratégia para se cumprir as metas estabelecidas.

De acordo com Marigo et. al. (2010):

1. Atuações Educativas de Êxito são práticas avaliadas por intervenções científicas, e validadas por membros da comunidade científica internacional, que demonstram gerar os melhores resultados em qualquer contexto. De acordo com Instituto Natura (2017), Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem, p.6.

2. Aprendizagem Dialógica prioriza as interações com maior presença de diálogos, entre pessoas o mais diversas possível, buscando o entendimento de todos e valorizando as interações em função da validade dos argumentos. De acordo com Instituto Natura (2017), Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem, p.23.

“As Comunidades de Aprendizagem são uma proposta baseada na transformação do contexto educativo, realizada pelos(as) agentes educacionais da instituição escolar em conjunto com familiares e estudantes, visando a melhoria e a aceleração das aprendizagens de todos os conhecimentos escolares, com ênfase na leitura e na escrita, por parte de todas as pessoas envolvidas no processo educativo. Tal proposta educativa parte da concepção de que a interculturalidade é o grande pano de fundo da aprendizagem, a qual está alicerçada na relação entre os sujeitos, permeada pela concepção dialógica de Freire (1994). Nesse sentido, acredita-se que quanto maiores e mais diversas forem as relações intersubjetivas estabelecidas, maior será a potencialidade da aprendizagem de todas as pessoas envolvidas.”. (p. 29).

No item seguinte, apresento o processo vivido em Serra do Salitre.

Desenvolvimento do trabalho

O Plano Nacional de Educação (PNE) foi instituído pela Lei nº 13.005/2014, determinando para o primeiro ano de vigência a elaboração ou adequação dos planos estaduais, distrital e municipais de educação, em consonância com o texto nacional.

Para que os estados, o Distrito Federal e os municípios elaborassem e aprovassem seus planos, com metas articuladas às metas nacionais, o Ministério da Educação (MEC) atuou em conjunto com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), criando uma Rede de Assistência Técnica, que orientou as Comissões Coordenadoras locais nesse trabalho realizado em todo o país.

O PME, em consonância com o PNE, possui vinte metas estruturantes. No primeiro grupo estão as metas estruturantes para a garantia do direito à educação básica com qualidade, e que assim promovam a garantia do acesso à universalização do ensino obrigatório, e à ampliação das oportunidades educacionais. Um segundo grupo de metas diz respeito especificamente à redução das desigualdades e à valorização da diversidade, caminhos imprescindíveis para a equidade. O terceiro bloco de metas trata da valorização dos profissionais da educação, considerada estratégica para que as metas anteriores sejam atingidas. E o quarto grupo de metas refere-se ao ensino superior; que em geral, é de responsabilidade dos governos federais e estaduais.

São diretrizes do PME:

- Erradicação do analfabetismo;
- Universalização do atendimento escolar;
- Superação das desigualdades educacionais, com ênfase

na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

- Melhoria da qualidade da educação;
- Formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos que se fundamenta a sociedade;
- Promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;
- Promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país;
- Estabelecimento de aplicação de recursos públicos em educação que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;
- Valorização dos profissionais da educação;
- Promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

Durante o período de monitoramento e avaliação do Plano Municipal de Educação do Município de Serra do Salitre, foram realizados encontros para estudo do Plano Municipal de Educação, organização dos trabalhos, coleta e análises de dados, elaboração de fichas que orientam o cálculo dos indicadores e trazem informações acerca das bases de dados utilizadas. A análise atualizada sobre a evolução do cumprimento das metas municipais permite dimensionar os desafios que se impõem para alcançar os objetivos traçados. A cada dois anos, a publicação será atualizada, de modo a permitir o acompanhamento sistemático do PME. Mais do que isso, auxiliará a compreender se o direito à educação de qualidade para todos está sendo efetivamente usufruído.

Diante desse estudo e do diálogo entre secretaria municipal de educação, gestores escolares, professores, coordenadores pedagógicos, pais, alunos e comunidade escolar, para que possamos

alcançar as metas estruturantes do PME, assegurando suas diretrizes, a partir da apresentação feita pelo Instituto Natura ao município, por recomendação do Instituto Lina Galvani, incorporamos como uma das estratégias a implementação do Projeto Comunidade de Aprendizagem, em seis das Escolas da Rede Municipal de Serra do Salitre.

As escolas da rede municipal, ao longo dos anos de 2016 e 2017, vivenciaram o processo de transformação, mais detidamente explicado abaixo, e a implementação das Atuações Educativas de Êxito (AEE's)³.

As AEE's estão ancoradas nos princípios da Aprendizagem Dialógica, a saber; diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental e igualdade de diferenças.

A vivência destes princípios por meio das AEE's, tem impacto relevante na aprendizagem escolar em todos os níveis, e também no desenvolvimento da convivência e de atitudes solidárias, comprovados através de evidências científicas, ao mesmo tempo em que favorece uma educação de êxito para todas as crianças e jovens com eficiência, equidade e coesão social (INCLUD-Ed, Strategies for inclusion and social cohesion in Europe from education (2006-2011)).

O processo de transformação de uma escola em uma Comunidade de Aprendizagem segue cinco fases, abaixo descritas. Ressalta-se que se trata de um modelo desenhado a partir de estudos que mostram sua efetividade mas, que pode incorporar elementos para facilitar o estabelecimento dos diálogos entre comunidade escola; o que é essencial é que a transformação seja desejada por todas as pessoas envolvidas (professorado, direção, familiares e estudantes), que entendam os objetivos da proposta e que estejam em acordo para sua realização. Descrevo resumidamente as fases, baseada em Elboj et. al. (2002) e em Mello; Braga e Gabassa (2012), e comento brevemente como cada uma ocorreu em Serra do Salitre:

3. AEE's são práticas avaliadas por investigações científicas, e validadas por membros da comunidade científica internacional, que demonstram gerar os melhores resultados em qualquer contexto. De acordo com Instituto Natura, 2017, Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem, p.6.

- **Fase de sensibilização:** essa fase consiste na apresentação das bases teóricas do projeto para o professorado, os(as) estudantes, os familiares e a comunidade do entorno. No ano de 2016, toda a

comunidade escolar, escolas municipais e estaduais de Serra do Salitre foram convocadas e se reuniram para a apresentação do projeto, por profissionais do Instituto Natura.

- **Tomada de decisão:** decide-se se a proposta é aceita ou não. Em Serra do Salitre, a maioria decidiu pela transformação das escolas municipais em uma Comunidade de Aprendizagem, iniciando-se o processo de transformação em abril de 2016.

- **Fase dos sonhos:** essa foi considerada a fase mais intensa de todo o processo, pois todas as pessoas puderam sonhar a escola que gostariam de construir. Neste momento todas as famílias, estudantes, professores, gestores, funcionários da escola sonharam, no intuito de compartilharem o modelo de escola que gostariam de ter.

- **Seleção de prioridades:** escolas e comunidade selecionaram as prioridades para a realização dos sonhos, buscando informações sobre os recursos já existentes nas escolas e estabelecendo metas para a concretização dos sonhos.

- **Planejamento:** nessa fase, formaram comissões heterogêneas (denominadas comissões mistas), compostas por familiares, estudantes, professoras(es), com o objetivo de levar adiante o plano de ação de cada prioridade.

As comissões mistas efetivamente tomam parte das decisões da escola, sendo esta uma das prerrogativas que garantem o alcance de melhores aprendizagens para os estudantes; de acordo com ELBOJ et. al. (2002) e em Mello; Braga e Gabassa (2012),

“Nas Comunidades de Aprendizagem a participação ativa na elaboração do projeto educativo se abre a toda a comunidade e, especialmente, às famílias que são protagonistas e, nesse sentido,

responsáveis pela educação de seus filhos e filhas. Rompe-se com a visão tradicional, segundo a qual a transmissão do conhecimento se concebe exclusivamente desde a figura do professorado e se incorpora o saber do resto das pessoas implicadas no projeto.”. (p. 29).

• **Implementação:** após as fases mencionadas de transformação, as seis escolas da Rede iniciaram a incorporação das AEE's na rotina das salas de aulas com o foco na aprendizagem dos alunos e no envolvimento de familiares e membros da comunidade, estabelecendo assim um ambiente de diálogo igualitário de forma a converter a escola em um espaço onde todos se responsabilizam pela aprendizagem dos estudantes.

Um conjunto de AEE's foram implementadas nas escolas de Serra do Salitre já no ano de 2016. Elas são descritas com base no Caderno de Comunidades de Aprendizagem (INSTITUTO NATURA, 2017:

• **Participação Educativa da Comunidade:** é a forma de participação que se baseia no envolvimento de todos os atores da comunidade escolar. Foram criadas nas seis escolas municipais comissões mistas, que são formadas pelos diferentes seguimentos da comunidade escolar, contam com a presença dos professores, familiares, alunos (as), direção e demais membros da escola, com o objetivo de trabalhar, em função da proposta e do sonho da escola. A participação efetiva da família nas atividades e nas tomadas de decisões nas escolas melhorou muito a convivência, a realização de eventos e a aprendizagem dos alunos. Os alunos sentem motivados com a presença da comunidade ajudando no dia a dia da rotina escolar:

• **Grupos Interativos,** é uma forma de organização com atividade realizada em sala de aula, coordenada pelo(a) professor(a), com apoio de voluntários. De acordo com o relato do aluno Luiz, do 4º ano da Escola Dalila Lopes da Silveira: “Eu gosto muito do grupo interativo porque a

gente desenvolve mais a mente e pode aprender mais com os colegas, gosto muito também porque minha mãe pode vim estudar comigo”.A Cada quinze dias essa atividades acontecem na maioria das salas de aula das seis escolas, com o objetivo de sistematizar o conteúdo previamente trabalhado, acelerar o aprendizado de todos e proporcionar múltiplas interações.

- **Tertúlias Dialógicas:** é a prática da leitura dialógica de obras clássicas literárias, das artes visuais e da música. Nas seis escolas do município estão implementando esta atuação educativa de quinze em quinze dias, proporcionando aos alunos o contato direto com os clássicos literários, promovendo a construção coletiva de significado e favorecendo a troca direta entre todos os participantes. De acordo com a professora Patrícia, da Escola Municipal Senador Lúcio Bittencourt, ganhadora do prêmio de reconhecimento do Instituto Natura no ano de 2017, num trecho da sua história de transformação ela relata: “Com Comunidade de Aprendizagem eu percebi que os estudantes têm o direito de sonhar e realizar o que desejam. E se pudermos ter suas famílias ao nosso lado, sonhando juntos, melhor ainda. Todos nós somos responsáveis pela superação das desigualdades sociais para a melhoria da convivência e participação de todos.”

- **Formação Pedagógica Dialógica:** implementada nas escolas, uma vez por mês, no horário de módulo de estudo das professoras, proporcionando às profissionais da educação uma formação continuada, o desenvolvimento profissional pautado no diálogo e na troca de experiências uns com os outros. O material utilizado esse ano foi o caderno de formação em Comunidade de Aprendizagem e os cursos EAD, na plataforma do Comunidade de Aprendizagem.

- **Formação de familiares:** trata-se de uma abordagem das comunidades de aprendizagem que tem como proposta

trabalhar com a formação instrumental das pessoas do entorno. A Escola Municipal Dalila Lopes da Silveira oferece cursos de informática para toda a comunidade.

Quanto às Atuações Educativas de Êxito: Biblioteca Tutorada e o Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos, eles ainda não foram implementados nas nossas escolas.

É importante ressaltar que a implementação da Comunidade de Aprendizagem pressupõe que a escola se constitua, conjunta e dialogicamente, entre profissionais que ali trabalham, estudantes, familiares dos que ali estudam, comunidade de entorno e pessoas voluntárias que queiram contribuir para o desenvolvimento de máxima aprendizagem para todos e todas. Nessa perspectiva, todas as pessoas que ali se encontram adotam a aprendizagem como eixo para orientar suas interações. As atividades descritas asseguram o cumprimento das metas estruturantes do Plano municipal de educação de Serra do Salitre, elevando o nível de escolaridade da população, elevando a taxa de alfabetização, melhorando a qualidade da educação, valorizando os profissionais da educação, reduzindo as desigualdades sociais e democratizando a gestão, sendo, assim, estratégias que apoiam a efetivação de uma educação igualitária e de qualidade para todos e todas.

Considerações finais

A educação, a escola, faz parte de um contexto social, político e econômico e assim, constituem-se fenômenos históricos, permeando todas as relações por estes vivenciadas. O mundo externo e o mundo interno do campo educacional confundem-se, pois quem está ali, dentro e fora de seus muros, são as pessoas da mesma sociedade.

Elaborar um Plano Municipal de Educação no Brasil implica em assumir compromisso com o esforço contínuo para universalizar a oferta da etapa obrigatória (de 04 a 17 anos), elevar o nível de escolaridade da população, elevar a taxa de alfabetização, melhorar a qualidade da educação básica e superior; ampliar o acesso ao ensino técnico e superior; valorizar os profissionais da educação, reduzir as desigualdades sociais, democratizar a gestão e ampliar os investimentos em educação.

Para que se cumpram as metas estruturantes do PME, apoiamos em estratégias que efetivem plenamente o ensino e o aprendizado. E algumas das estratégias que asseguram o desenvolvimento de todos os educandos, conforme os relatos apresentados ao longo do texto, são as Atuações Educativas de Êxito, que ajudam a superar o fracasso escolar, e melhoram resultados acadêmicos e convivência dentro e fora da escola.

Ainda não temos dados efetivos sobre a melhora da aprendizagem, mas estamos monitorando os dados do IDEB para acompanhar tais melhorias. O que temos são relatos de professoras, estudantes e familiares que comprovam tanto a melhoria da aprendizagem como da convivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Caderno de Orientações para Monitoramento e Avaliação dos Planos Municipais de Educação

Disponível em : <http://pne.mec.gov.br>

BRASIL. Lei nº 13.005, em 25 de junho de 2014.

GOVERNO MUNICIPAL DE SERRA DO SALITRE. Plano Municipal de Educação - PME do Município de Serra do Salitre/MG. Lei nº 862/2015, de 01 de junho de 2015.

INSTITUTO NATURA. Cadernos de Comunidade de Aprendizagem.

Disponível em: <www.comunidadeaprendizagem.com.br>

Acesso em: Out, 2017.

INSTITUTO NATURA. INCLUD-ED. Relatório de Pesquisa. São Paulo, 2012

Disponível em: < <https://www.comunidadeaprendizagem.com/material-biblioteca/12/>

INCLUD-ED-versao-em-portugues>

Acesso em: Out, 2017.

MARIGO et al. Comunidades de Aprendizagem: compartilhando experiências em algumas escolas brasileiras. Políticas Educativas, Porto Alegre, v. 3, n.2, 2010. P.29

MELLO, R.; BRAGA, F.; GABASSA, V. Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível, São Carlos: EdUFSCar, 2012.



Comunidade de
Aprendizagem

Tertúlia Dialógica Literária na educação infantil: leitura de literatura clássica universal e o papel do professor na implementação e realização dessa Atuação Educativa de Êxito

Noé Matias de Souza

Resumo

Este texto pretende relacionar as concepções de ensino de leitura na educação infantil definidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com as bases teóricas, princípios e práticas de uma aprendizagem dialógica defendida pela Comunidade de Aprendizagem e apresenta de forma reflexiva a tertúlia dialógica literária.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação infantil, tertúlia dialógica literária, interações dialógicas, transformação.

Esta atuação educativa de êxito pode transformar espaços e gerar novos ambientes de interações dialógicas capazes de favorecer, às crianças da educação infantil, aprendizagens com criação de sentido tanto nas habilidades leitoras (compreensão, desenvolvimento de argumentação e vocabulário), quanto na compreensão e utilização dos próprios princípios da aprendizagem dialógica, a exemplo, da melhora na qualidade das interações por meio do diálogo igualitário, da criação de sentido e da transformação.

Para isso, serão descritos, observados e utilizados elementos de formação para familiares e educadores da educação infantil, acompanhamento às salas de aula e entrevista dos profissionais das escolas municipais Castro Alves e Rui Barbosa do município de Souto Soares (BA), associando os saberes apreendidos nesses ambientes formativos e a transposição destes para a qualificação da mediação e intervenções frente às crianças durante a leitura e debate de clássicos literários, favorecendo, assim, a construção de aprendizagens significativas pelas crianças.

Introdução

Este artigo procura elucidar reflexões sobre a importância e necessidade da formação leitora de alta qualidade para as crianças da creche e pré-escolas do município de Souto Soares (BA). Nesse contexto, se inscreve e se insere por meio da Tertúlia Dialógica Literária, como sendo uma das atuações educativas de êxito desenvolvida pela CREA (Comunidade de Pesquisa em Excelência para Todos), da Universidade de Barcelona, como uma atividade capaz de favorecer diversas e relevantes aprendizagens para a formação integral das pessoas.

A tertúlia literária dialógica está baseada na aprendizagem dialógica¹ e calcada em seus sete princípios: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

De acordo com Instituto Natura (2017), Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem,

“A tertúlia literária se constitui então como uma Atuação Educativa de Êxito dentro da aprendizagem dialógica por possibilitar a todos os sujeitos sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade o exercício de estabelecimento de relações dialógicas em torno de uma obra clássica que promove a construção coletiva de significado e a aproximação com a cultura clássica universal e o conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo”.
(INSTITUTO NATURA, 2017, p.66-67)

1. Concepção de aprendizagem fundamentada na premissa de que a interação e o diálogo são ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos (Caderno de Formação da Comunidade de Aprendizagem, 2017).

De acordo com Valls, Soler e Flecha (2008, p. 3), a leitura dialógica é o processo intersubjetivo de ler e compreender um texto sobre o qual as pessoas aprofundam em suas interpretações, refletem criticamente sobre o mesmo e o contexto, e intensificam sua compreensão leitora através da interação com outros agentes, abrindo assim possibilidades

de transformação como pessoa leitora e como pessoa no mundo.

Nesse mesmo contexto, os autores Aubert et. al. (2008), complementam que:

“Aprendizagem Dialógica se produz nas interações que aumentam o aprendizado instrumental, que favorecem a criação de sentido pessoal e social, que são guiadas por princípios de solidariedade e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores.” (p. 167).

Em outras palavras, pode-se afirmar que a tertúlia dialógica literária se constitui em uma prática leitora onde todos os participantes têm oportunidade e de ler e debater obras clássicas da literatura universal e têm a liberdade de expor ou não seus argumentos produzidos via interpretação de destaques textuais e o estabelecimento destes com questões das diversas esferas sociais, culturais, artísticas etc.,

As autoras Constantino, Marigo e Moreira (2011) afirmam que:

“a aprendizagem ocorre ao longo de toda existência. Essa condição é enfatizada no princípio da transformação, a partir do qual se torna possível entender que, em situações de diálogo as pessoas aprofundam suas compreensões sobre si próprias e a realidade em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos que podem atuar coletivamente e promover transformações históricas e éticas. Assim podem transformar o sentido de sua existência, superando situações de marginalização social e promovendo ações culturais com impactos sobre suas relações familiares, trabalhistas e pessoais”. (p. 60-61)

Nesse sentido, é compreensível que esses espaços se constituam em terrenos férteis de produção de ricos conhecimentos de ação comunicativa capazes de transformar pessoas e realidades.

Assim, por todas afirmações postuladas até aqui sobre a importância da formação leitora via a estratégia de tertúlia dialógica literária, fez-se necessário garantir nas escolas e classes de educação infantil de Souto Soares (BA) esse espaço de construção de aprendizagem igualitária

e dialógica desde a mais tenra idade das crianças, acreditando que quanto mais cedo inseri-las nesses movimentos, teremos melhores possibilidades de torná-las pessoas mais preparadas cientificamente e criticamente para intervir nos espaços presentes e futuros de forma mais justa e igualitária, “superando” assim muitas facetas que geram as desigualdades que ainda tanto assolam a sociedade atual.

Nessa perspectiva, o presente trabalho explicita relatos reflexivos dessa atuação em algumas classes de 4 e 5 anos, da rede municipal de Souto Soares (BA), por meio de acompanhamentos in loco e de entrevista a professores e coordenadores e traça uma análise comparativa entre os comportamentos das crianças nessa atividade em relação a outras situações habituais de leitura desse segmento de ensino. Analisa, ainda, os princípios da aprendizagem dialógica que foram mais evidenciados pelas crianças e destaca os avanços e desafios dos professores e escola na implementação e realização dessa atuação educativa de êxito com as crianças pequenas.

Desenvolvimento do trabalho

O ENSINO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ARTICULADO À IMPLEMENTAÇÃO E REALIZAÇÃO DE TERTÚLIA DIALÓGICA LITERÁRIA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC. 2016) para Educação Infantil ajuda a refletir que a concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores, que constrói conhecimentos e que se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, reitera a importância e necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola.

A BNCC ainda aponta, no Campo de Experiências 'Oralidade e Escrita', que a educação infantil é a etapa em que as crianças estão se apropriando da língua oral e, por meio de variadas situações, nas quais podem falar e ouvir, vão ampliando e enriquecendo seus recursos de expressão e compreensão, seu vocabulário, o que possibilita a internalização de estruturas linguísticas mais complexas. Nesse contexto, podem-se desenvolver várias modalidades de leitura, a exemplo, da leitura pelos professores em que possibilita às crianças o desenvolvimento da oralidade por meio do incentivo à escuta atenta, pela formulação de perguntas e respostas, de questionamentos, pelo convívio com novas palavras e a aproximação da linguagem escrita.

Vale mencionar que, apesar de já se conseguir refletir sobre a importância e necessidade da formação leitora na educação infantil por meio das situações habituais de leitura de forma contextualizada, ainda se constitui um grande desafio para os educadores que trabalham com educação infantil na rede de educação de Souto Soares qualificar

essas práticas de ensino de forma que possam criar boas condições e intervenções para que elas possam ir se desenvolvendo dentro das habilidades leitoras definidas, mesmo sabendo que esse ensino não tem fins em promoção ou retenção desses sujeitos nessa etapa da escolarização.

Como forma de ampliar e qualificar o ensino da leitura nesse segmento de ensino, torna-se necessário inserir novas práticas e modalidades, como a tertúlia dialógica literária, que apoiem às crianças a participar coletivamente de situações de leitura e de debates de textos de alta qualidade mediadas por um adulto, onde possam refletir e construir sentido e aprendizagens significativas por meio do estabelecimento de relações entre a literatura e as questões sociais, culturais, artísticas entre outras, constituindo, assim, um modelo de aprendizagem dialógica.

Pensando na ampliação das modalidades e na qualificação da leitura na educação infantil, definimos nos apropriar e implementar na nossas classes de educação infantil de algumas escolas da rede de Souto Soares, a tertúlia dialógica literária defendida pelo CREA (Centro de Pesquisa em Excelência para Todos), da Universidade de Barcelona, e do NIASE (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa), Universidade de São Carlos/Brasil, essa modalidade de leitura, descrita por eles como uma atuação educativa de êxito capaz de gerar aprendizagens com sentido pleno e de alto nível para quem participa dela, desde que siga os princípios de uma aprendizagem dialógica. Tal atuação será comentada a seguir:

MAS, O QUE CARACTERIZA A TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA COMO UMA ATUAÇÃO EDUCATIVA DE ÊXITO QUE POSSA AMPLIAR OS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO LEITORA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

De acordo com o Guia: Comunidade de Aprendizagem (INSTITUTO NATURA, 2016), a Tertúlia Dialógica Literária consiste em:

Um encontro de pessoas para dialogar a partir de uma obra clássica, que promove a construção coletiva de significado, além da aproximação com a cultura clássica universal e o conhecimento acumulado pela humanidade ao longo do tempo. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade. Essas relações igualitárias envolvem a solidariedade, o respeito, a confiança, o apoio, em vez da imposição.

(p.66)

Outra característica marcante dessa atuação é que ela precisa estar alicerçada nos sete princípios de uma aprendizagem dialógica, a saber: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças. Todos esses princípios são fundantes da construção de altas aprendizagens e participação de todos, onde os participantes possam estabelecer diversificadas relações entre a obra lida e outros conhecimentos culturais, gerando assim um aprendizado que vai para além da prática de ler, possibilitando também uma leitura de mundo e para o mundo (FREIRE, 2004).

Ao refletir sobre aprendizagem dialógica, Flecha e Mello (2008), remetem a Flecha (1997) que afirma:

A aprendizagem dialógica supõe e cultiva a igualdade de diferenças, como 'o mesmo direito de cada pessoa de viver de forma diferente' e complementa: "tal proposição supera tanto a concepção homogeneizante de igualdade, como a concepção relativista de diferenças – quando se expõe à diferença separada da igualdade, geram-se desigualdade. (FLECHA 1997, apud FLECHA E MELLO, 2008, p. 42)

Nesse sentido, as palavras de Flecha ajudam a compreender que a participação de todos (letrados ou iletrados) numa tertúlia com construção de altas aprendizagens só é possível se forem respeitadas e cultivadas a igualdade de diferenças de saberes, caso contrário, essa atuação educativa geraria o monopólio do saber e a desigualdade e exclusão tomariam os espaços do acolhimento e da inclusão na

construção desses conhecimentos.

Para a autora Solange Jobim e Souza, (1995) a categoria básica da concepção de linguagem em Bakhtin é a interação verbal, cuja realidade fundamental é seu caráter dialógico. Segundo Jobim e Souza, (1995), p.99, para Bakhtin, “em um diálogo, a palavra não pertence ao falante unicamente. É certo, diz ele, que o autor (falante) tem seus direitos inalienáveis em relação à sua palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato da fala ressoam na palavra do autor. Assim, a linguagem nunca está completa, ela é uma tarefa, um projeto sempre caminhando e sempre inacabado.”

Por todas essas definições da aprendizagem dialógica por meio da tertúlia literária, evidencia-se que ela seja uma modalidade de leitura que, se bem planejada e organizada, ajuda as crianças com diferentes saberes a seguirem avançando nas aprendizagens tanto da dimensão instrumental do conhecimento, quanto do estabelecimento das relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo ao qual pertence.

Por tudo isso, acreditou-se que a implementação e realização de tertúlia dialógica literária de clássicos da literatura universal, nas classes de educação infantil da rede de educação de Souto Soares, fosse imprescindível para apoiar a qualificação do ensino da leitura para as crianças.

Comungando da tese de todos autores supracitados e compreendendo a real importância e necessidade das escolas organizarem espaços propícios para a formação leitora das crianças, alguns educadores da rede se motivaram a implementar a tertúlia literária nas suas turmas de educação infantil. Abaixo me dedicarei ao relato desse processo.

O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO E REALIZAÇÃO DA TERTÚLIA DIALÓGICA LITERÁRIA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

O processo de implementação das tertúlias dialógicas literárias nas classes de educação infantil se deu principalmente nas escolas Castro Alves e Rui Barbosa, (esta última já transformada em Comunidade de Aprendizagem). Inicialmente, o processo de implementação foi muito desafiador por vários motivos, pois foram ficando muito explícitas algumas preocupações por parte de muitos professores. Algumas questões foram surgindo: como garantir que as crianças cheguem aos espaços de tertúlia com a leitura realizada previamente e com os seus destaques realizados? Que clássicos são os mais indicados para as tertúlias na educação infantil? Como mediar a tertúlia com as crianças de forma que estas vivenciem e respeitem os princípios da aprendizagem dialógica? Portanto, essas foram as questões que foram nos desafiando a buscar respostas para implementar e garantir a realização das tertúlias com as crianças, uma vez que tínhamos a certeza de que essa atuação de êxito proporcionaria às crianças muitas e significativas aprendizagens.

Nesse processo de implementação e realização das tertúlias, fomos nos dando conta que algumas das comandas para a realização das mesmas se diferenciava daquelas classes cujos alunos já garantiam a leitura convencional e que, portanto, era necessário atribuir às famílias a tarefa de serem leitoras para seus filhos, pois nessa faixa etária, as crianças não dominam ainda essa leitura convencional.

A decisão de implicar aos pais na tarefa de emprestar a voz ao texto para seus filhos, numa leitura que antecedia a tertúlia na sala com os professores, exigiu de nós, enquanto escola, desenvolver ações formativas para os familiares de forma que compreendessem como poderiam ler para seus filhos e de como poderiam auxiliar as crianças nos destaques dos trechos do texto lido a serem comentados na tertúlia com a professora.

Nos encontros de formação com as famílias, houve uma profunda reflexão sobre as vantagens de se trabalhar com essa atuação de êxito na educação infantil, ou seja, discutimos sobre as aprendizagens que poderiam ser construídas pelos meninos e meninas nesses espaços e porque precisariam ser realizadas com clássicos universais da literatura.

Discutimos que com essa atividade de leitura é possível ver ampliada a compreensão leitora das crianças e, também, as interpretações em torno de uma obra da literatura clássica, ao mesmo tempo em que podem começar a refletir de forma mais organizada e crítica sobre sua vida e a sociedade por meio do diálogo igualitário com outros leitores.

Ao dialogar com as famílias sobre a importância da leitura dos clássicos e desse movimento de leitura com as tertúlias desde muito cedo na educação infantil, trouxemos respaldos teóricos para fundamentar esse diálogo, a exemplo do comentário de Ana Maria Machado em seu livro “Como e por que ler os clássicos desde cedo” (2002), quando diz:

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres da língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. E podem ser grandemente ajudados na escola, por um bom professor que traga para sua classe trechos escolhidos de algumas de suas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão. (MACHADO, 2002).

Todas as mensagens transmitidas por essa autora reforçam em nós a importância da iniciação da formação leitora para as crianças por meio dos clássicos desde muito cedo.

Analisamos em outros espaços formativos os elementos a serem garantidos pelos professores ou por aqueles que mediarão a tertúlia com as crianças, como: identificar se todas as crianças realizaram a leitura com apoio dos pais ou outros representantes da família, se trouxeram os destaques definidos (pois caso as crianças não trazem esses destaques feitos, cabe o professor ou moderador auxiliar tanto na leitura do trecho quanto na definição do destaque), realizar as inscrições e abrir espaços para a apresentação dos debates e comentários sobre o texto lido.

A discussão e reflexão com as crianças sobre os princípios norteadores da tertúlia é outro ponto de destaque, pois elas vão

aprendendo desde muito cedo sobre a importância de se respeitar o turno das falas, ou seja, sabem que sua vez de falar será informada e que ele terá que respeitar a fala do coleguinha, pois o que eles falam tem tanta importância quanto a sua própria fala.

OS AVANÇOS NAS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS: DIFERENÇAS COMPORTAMENTAIS DAS CRIANÇAS ENTRE AS ATIVIDADES HABITUAIS DE LEITURAS COTIDIANAS E A TERTÚLIA DIALÓGICA LITERÁRIA E OS DESAFIOS RECORRENTES

É notório que há diferenças no comportamento das crianças durante a tertúlia em relação às demais situações de leitura cotidianas das mesmas, não porque os espaços das tertúlias forçam as crianças a ficarem sentadas e quietas esperando sua vez de falar, mas talvez seja e deve ser pela própria estrutura e organização desses espaços calcados dentro dos princípios da aprendizagem dialógica.

Em entrevistas realizadas com Ana Maria, professora das classes de 5 anos, e Iranildes, professora das classes de 4 anos, ambas da Escola Municipal Rui Barbosa, no distrito de Segredo – Souto Soares (BA), afirmam que:

“Nas atividades de tertúlias as crianças participam, comentam de forma mais espontânea, estabelecem relações importantes que em outras atividades só acontecem com intervenções mais profundas das professoras”.

Para a coordenadora pedagógica da educação infantil, nessa mesma escola, Adriana Rocha:

“Apesar de as tertúlias serem atividades novas na rotina das crianças, é possível perceber durante essa prática que os pequenos se escutam melhor e permanecem sentados por um tempo (durante a atividade) sem interrupções, o que não é comum nas demais atividades”.

Dessa forma, vai ficando mais claro tanto pelos acompanhamentos diretos, quanto pelas falas das professoras e coordenadora, que a construção das aprendizagens e a mudança de comportamento das crianças podem se adequar de acordo à organização dos espaços e da reflexão dos princípios que fundamentam essa ação educativa.

A partir das observações e depoimentos, pode-se afirmar que os principais avanços das aprendizagens das crianças se traduzem em vários aspectos: mais participação dos pequenos na oralidade, relacionam fatos das histórias lidas/ouvidas com suas vivências; melhor ampliação da linguagem e vocabulário, mais interesse em “ler” com autonomia em outros momentos e em outras situações de leitura, ampliaram o saber ouvir a pró e os colegas sem interromper; maior interesse em outras situações de leituras etc.

O desenvolvimento e utilização dos princípios que fundamentam a aprendizagem dialógica é outra questão ligada aos avanços das crianças, apesar de não conseguir utilizá-las em sua plenitude, uma vez que a construção dessa aprendizagem é processual, porém alguns deles foram mais evidenciados nos espaços de tertúlia. A inteligência cultural está muito presente, bem como a criação de sentido, uma vez que mesmo ainda não lendo de forma convencional, as crianças conseguem relacionar e interpretar situações de leitura, com o apoio dos familiares. Por outro lado, a transformação também começa a aparecer nas aprendizagens atitudinais, como os mencionados nos depoimentos anteriores.

No depoimento de Jakeline Teles, professora do Pré I, da Escola Creche Dia Feliz em Ibitiara, BA, vai ficando claro como a tertúlia dialógica literária na educação infantil possibilita às crianças a construir conhecimentos pautados nesses princípios:

“Ao realizar essa atuação educativa de êxito, deu-me um novo ânimo, pois, ao chegarem na sala, as crianças organizam seus materiais nas mesas e pegam os livros da tertúlia, muito eufóricas e gritam: ‘tia, minha mãe leu e eu marquei o que mais gostei’. Ao observar os livros percebo que a maioria está com um pedacinho de papel marcando a página e às vezes com alguma escrita feita pela mãe com a fala

da criança. Tudo isso nos ajuda a encontrar respostas para que a tertúlia aconteça com as crianças nessa faixa etária. Vê-las sentadas segurando o livro com cuidado e aguardando para se cadastrarem é muito lindo e significativo. Ao questioná-las para as inscrições, quase todas se cadastraram no momento das falas e abriam os livros, falavam a página e imediatamente os coleguinhas procuravam. As que não conseguiam eram ajudadas pelas outras e a ansiedade em falar ainda prevalecia, porém percebi que elas se policiavam colocando a mãozinha na boca ou o dedinho nos lábios sinalizando para os coleguinhas que não podiam falar naquele momento, enquanto o outro estava falando.”

Dessa forma, os comportamentos foram observados como solidariedade, respeito ao turno da fala, transformação, criação de sentido, pois começam a entender o processo mesmo sem tanta reflexão.

Maria Cecília, de 05 anos, participa lindamente desses momentos, sempre se cadastra para falar e também pede para comentar a fala dos colegas respeitando o tempo e espaço em que a tertúlia acontece. Na história dos três porquinhos, ao comentar a fala de um coleguinha ela diz: “os dois porquinhos foram muito bestas tia, porque não construíram uma casa de tijolos também que é mais segura. A minha é de tijolos”.

Percebo nas falas de Maria Cecília, que ela começa a argumentar, pois depois das tertúlias, em outras leituras como Chapeuzinho Vermelho e João e Maria ela sempre diz: “tá vendo crianças, a gente não pode falar com estranhos e nem receber doce deles também, tia eu só saio com minha mãe ou meu pai e seguro na mão deles”.

A partir desse depoimento da professora e das falas de Maria Cecília vai ficando explícita a importância dos espaços dessa atuação nas classes de educação infantil, pois fica evidente que independente da idade, as crianças são capazes de compreender textos e interpretá-los estabelecendo lindas relações com os aspectos vivenciados em seu dia a dia.

Por outro lado, há que se ressaltar muitos desafios ainda presentes,

tanto nessas escolas quanto nas demais de toda a rede para a realização e qualificação dessa atuação educativa de êxito em diferentes contextos: No contexto familiar - por mais que exista foco em formação de familiar para compreensão e apoio à realização das tertúlias, muitas famílias ainda não se comprometeram em ajudar a escola nessa ação, isso reverbera em um número considerável de crianças que não realizam as leituras em casa. No contexto formativo, temos muitas dúvidas sobre como intervir no papel de moderador das tertúlias com crianças, para que elas qualifiquem seus comentários para além do “gostei” e “porque sim”. No contexto material, os desafios são ter livros originais e em quantidade para todas as crianças e ou xerox colorida para qualificar as cópias na ausência dos livros, pois as imagens apoiam a leitura pelas crianças.

Acrescento aqui a indicação de que é importante também caminhar em direção a outros textos da literatura clássica universal adaptada para crianças da educação infantil como: Aladim, Pequeno Príncipe, Alice no País das Maravilhas, etc., em versões complexas, não as facilitadas.

Perceber e ou tomar consciência desses desafios nos coloca em outro lugar: É preciso sair da acomodação e buscar alternativas para a qualificação constante, tanto dos saberes profissionais, quanto da definição de políticas públicas com vista à diminuição desses desafios de forma a viabilizar melhor os espaços e a qualidade das tertúlias dialógicas literárias nesse segmento de ensino, pois como diz Paulo Freire (1987, p.78): “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Considerações finais

Em linhas gerais é possível concluir que as tertúlias dialógicas literárias, como uma Atuação Educativa de Êxito nas classes de educação infantil das escolas da rede municipal de Souto Soares, foi compreendida e efetivada pelos educadores desse segmento de ensino como uma nova modalidade de ensino de leitura capaz de possibilitar às crianças o acesso aos clássicos da literatura e a construção de altos conhecimentos que as simples atividades cotidianas de leitura não dão conta de assegurar:

Pode-se verificar com essa implementação e realização dessa ação leitora, nas escolas Castro Alves e Rui Barbosa, que as crianças vivenciaram momentos e espaços coletivos sólidos, alicerçados nos princípios da aprendizagem dialógica, que foram propícios à construção mesmo que inicial de conhecimentos da dimensão instrumental, como o diálogo e a reflexão, de oralidade - estabelecimento de relações entre fatos das histórias lidas/ouvidas com suas vivências, ampliação da linguagem e vocabulário, interesse em “ler” com autonomia etc. Certificou-se ainda que as aprendizagens construídas pelas crianças nesse espaço de leitura dialógica correlacionam com o que defendem o documento oficial já supracitado.

Assim, vai ficando a certeza que é possível realizar tertúlia dialógica literária nas classes de educação infantil, que é possível que as crianças consigam ler textos clássicos e estabelecer excelentes e diversificadas relações com os conhecimentos de vivência de mundo mesmo que com muito apoio dos professores e de outros adultos e, além disso, a certeza de que a escola ganha uma maior participação da família e da comunidade no apoio à realização dessa atuação de êxito.

O relato dessa experiência pode e deve servir de inspiração para implementação dessa atuação educativa de êxito em todas as classes de educação infantil, de forma a garantir às crianças o direito de participar de múltiplas modalidades de leitura, como da tertúlia nesse caso, possibilitando a elas a oportunidade de construir muitas e significativas aprendizagens já mencionadas nesse texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT et Al (Flécha, A; García, C; Flécha, R; Racionero, S.). Aprendizagem Dialógica na Sociedade da Informação. Barcelona: Hipatia Editorial, 2008

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Terceira versão revista. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> Acesso em: 26 outubro 2017
INSTITUTO NATURA. Comunidade de Aprendizagem. Caderno Participação Educativa da Comunidade – Tertúlia Dialógica. São Paulo: Instituto Natura, 2017.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. Portal: www.comunidadeaprendizagem.com.br

CONSTANTINO, Francisca; MARIGO, Adriana; MOREIRA, Raquel.
Aprendizagem Dialógica: base para a Educação e a transformação social no Brasil. *Multidisciplinary Journal of Educational Research*, n. 1, p. 60-61, 2011

FECHA, R.; MELLO, R. R. Tertúlia Literária Dialógica: Compartilhando Histórias. *Revista Presente – Revista educação- Ano 13 – Nº 48, P. 29-33.* Salvador, março/2005.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOBIM e SOUZA, Solange: *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.* 2ª Edição. Campinas, São Paulo. Papyrus Editora. 1995. (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico).

MACHADO, Ana. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.* Rio de Janeiro, objetiva, 2002.

MELLO, R. R. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. *Revista Contrapontos. Revista educação da Universidade do Vale do Itajaí*, vol. 3, n. 3, p. 449-457, set/ dez. 2003.

VALLS, Rosa; SOLER, Marta; FLECHA, Ramón. *Lectura dialógica: interacciones que mejoran y aceleran la lectura.* *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 46, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.rieoei.org/rie46a04.htm>. Acesso em: 8 fev. 2010.



Comunidade de
Aprendizagem

Tertúlias Dialógicas na Educação Infantil

Literatura, música e artes dialogando com os pequenos

Patricia Aparecida Marquezini De Oliveira

Resumo

O presente texto pretende relatar experiências com as Tertúlias Dialógicas na Educação Infantil, assim como pontuar as Tertúlias Dialógicas como ações que visam a melhorar o desempenho escolar dos estudantes.

PALAVRAS CHAVES:

tertúlia dialógica, educação infantil, clássicos universais

As reflexões referentes a esta Atuação Educativa de Êxito trazem os princípios da aprendizagem dialógica com clássicos, imprescindíveis desde o início da vida escolar, garantindo a participação e o direito de todos e todas ao conhecimento e a cultura universal.

Estas vivências foram fundamentais para o estímulo do diálogo igualitário e ampliação de novos caminhos que contribuam, segundo Paulo Freire, com a leitura de mundo.

Introdução

É de fundamental importância ressaltar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil (LDB, art.29) na qual se afirma que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

De acordo com Mello, Braga e Gabassa (2012), Comunidade de Aprendizagem,

“... é uma atividade cultural e educativa desenvolvida a partir da aprendizagem dialógica relacionada à leitura de livros da literatura clássica universal.” (p.56).

Segundo o site www.comunidadeaprendizagem.com.br; a Comunidade de Aprendizagem é um projeto baseado em um conjunto de Ações Educativas de Êxito voltadas para a transformação educacional e social, que começa na escola, mas integra tudo o que está ao seu redor. Constituem as AEE (Ações Educativas de êxitos), a Tertúlia Dialógica, a Biblioteca Tutorada, Grupos Interativos, Formação de Familiares, Participação Educativa da Comunidade, Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos e Formação Pedagógica Dialógica. O projeto de pesquisa europeu Includ-ed, identificou e analisou Ações Educativas de Êxito, como práticas que efetivamente aumentam o desempenho acadêmico e melhoram a convivência e as atitudes solidárias em todas as escolas observadas.

As Tertúlias Dialógicas podem se caracterizar, como Tertúlias Literárias, Tertúlias Musicais e Tertúlias de Artes plásticas, entre outras, utilizando-se sempre os clássicos universais, mas todas surgiram a partir da experiência das Tertúlias Literárias.

Muito se discute ainda hoje, sobre a educação infantil, não possuir mais um caráter assistencialista como era antigamente, mas sim educativo. Tornando-se indissociável o cuidar e o educar, neste caminho, as Tertúlias Dialógicas vieram ao encontro das propostas e projetos já realizados no município de Pedreira - SP, possibilitando a acessibilidade desta prática a clássicos e culturas universais, visando melhor desempenho escolar. Conforme define o portal da Comunidade de Aprendizagem (<http://www.comunidadeaprendizagem.com>), Tertúlias Dialógicas:

“Trata-se da construção coletiva de significado e conhecimento com base no diálogo sobre as melhores criações da humanidade em diversos campos: da literatura à arte ou à música. Com as Tertúlias Dialógicas, potencializa-se a aproximação direta dos alunos – sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade – à cultura clássica universal e ao conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo”.

De acordo com o texto traduzido do site www.utopiadream.info/ cat pelo <http://www.niase.ufscar.br/tertulias-dialogicas> (2012), Núcleo de Investigação e Ação Social Educativa, as mais comuns são as Tertúlias Dialógicas Literárias, nas quais as pessoas se reúnem para dialogar e compartilhar sobre um livro da literatura clássica universal, porque independem do tempo, relacionam-se com questões centrais da vida, além de romper com barreiras elitistas culturais, que têm considerado a literatura clássica patrimônio de determinados grupos sociais.

Segundo o artigo de Garcia-Carrion (2016), as Tertúlias Dialógicas têm demonstrado que aumentam o vocabulário, melhoram a expressão oral e a compreensão de texto. Ao mesmo tempo, é um exercício de respeito, de escuta igualitária, que transforma o contexto das pessoas, criando sentido, conforme encaminha a teoria de Freire:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens

como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 2004, p.67).

Considerando a relevância dos elementos aqui expostos, dedico-me a um relato de experiência com a Tertúlia Dialógica, com as crianças da Educação Infantil da cidade de Pedreira- SP, retratando esta prática, assim como o desenvolvimento nítido dos pequenos.

Desenvolvimento do trabalho

A realização das Tertúlias Dialógicas com crianças da Educação Infantil nas escolas do município de Pedreira – SP iniciou-se através um convite para todos os professores da rede municipal, os quais tiveram o direito de escolha, na participação ou não, com e da sua turma.

Os professores que se prontificaram devido à curiosidade de aprender e participar, ou pelo fato de “provar” que não seria possível com sua turma, foram das escolas EMEF Professora Zulmar Declécia Pintor Bernardes, EMEI Gerson Ornélas Ávila, EMEI Professor Jorge Mari, EMEI Professora Izaura Mazetto e EMEI Neli de Fátima Petean Pozzebon.

Iniciamos nossas Tertúlias Dialógicas no segundo semestre de 2017, com sete turmas no total. Importante ressaltar que são escolas de comunidades com características diversas, ou seja, centrais, periféricas e algumas em vulnerabilidade.

Saliento ainda que algumas escolas tinham alunos de inclusão, portanto, perfeitas para observar a troca entre todos os participantes, sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade, percebendo nitidamente, conforme cita o caderno Comunidade de Aprendizagem (Instituto Natura, 2016), uma adaptação do material de formação produzido pelo CREA, Comunidade de Investigação em Excelência para Todos da Universidade de Barcelona, a Eficácia, a Equidade e a Coesão Social – visando melhoria dos resultados de aprendizagem de todos os estudantes e convivência e na participação de toda a comunidade.

A apresentação da Tertúlia Dialógica no município de Pedreira – SP, nas salas da Educação Infantil com alunos da pré-escola no período de agosto a novembro de 2017, está aqui relatada e dividida por Literária, Música e Artes, para melhor compreensão e clareza sobre a ampliação de conhecimentos de todas pessoas envolvidas, validando o que diz Flecha:

Entende-se a função da educação na concepção dialógica, como a de potencializar as diversas aprendizagens dentro de um ambiente onde todos/as possam aprender cada vez mais e melhor, convivendo com a diversidade. Flecha (1997)

I- TERTÚLIA DIALÓGICA LITERÁRIA

As Tertúlias Dialógicas Literárias foram realizadas com os clássicos infantis, Chapeuzinho vermelho e João e Maria dos Irmãos Grimm, que provavelmente eles já conheciam, porém ou talvez não com esta versão que traz uma adaptação mais próxima do original, pois ainda há professores que não proporcionam, mesmo com orientações e acompanhamento, textos mais complexos ou originais, com receio de que os pequenos não entendam ou não apreciem.

Utilizou-se o trabalho com textos impressos, porém não como um exemplar de livro para cada criança, o que seria ideal, mas conseguimos empréstimo de livros do programa Ler e Escrever (2010), Estado de São Paulo, utilizados no ensino fundamental do município, no qual há uma variedade enorme de contos, inclusive clássicos.

No momento da Tertúlia Dialógica Literária, logo após a leitura, no turno da palavra, as crianças queriam falar somente sobre o texto, foram necessárias algumas intervenções para que o diálogo ficasse mais amplo e atingisse o objetivo. Após algumas pequenas intervenções, fazendo algum comentário, ou uma questão eles partiam para novos caminhos durante a conversa.

Na Tertúlia Dialógica com o conto Chapeuzinho Vermelho (Irmãos Grimm), realizada na EMEF Professora Zulmar Deoclécia Pintor Bernardes, com duas turmas, a Turma I, organizada e participativa. A professora ficou encantada em vários momentos com as falas dos pequenos, uma aluna que faz montaria em cavalos, fala de sua experiência com os animais quando começaram a comparar lobo com cachorro grande, ela disse: “Eu faço montaria em cavalo, eles gostam de comer cenoura, eu trato sempre deles”. Eu perguntei se ela penteava

o cavalo e ela, com uma enorme gargalhada, respondeu que não era um cavalo, mas uma égua e que não tem cabelo e sim crina e que há uma escova especial para isso. Outro aluno que também tem um cavalo, explicou outras especificidades em relação ao animal, o diálogo igualitário e a criação de sentido foram evidentes.

A Turma 2, na qual se utilizou o mesmo conto, fiquei encantada com as discussões acerca do lobo, a diferença entre o que era da história do livro e o de verdade que vive em florestas reais, conforme citou uma aluna; “ele parece um cachorro grande, eu vi quando fui visitar um zoológico que tinha lobos”, explicitando todas diferenças, impressionando a professora, pois esta turma é inquieta, com dificuldades em seguir combinados e muito dispersa, onde o respeito é algo retomado diariamente e neste momento seguiram o combinado, “tentando” esperar sua vez de falar e ouvindo o colega com atenção, para posteriormente ter o seu momento na fala.

Em outra escola, EMEI Professora Izaura Mazetto, com uma turma somente, no conto de João e Maria (Irmãos Grimm), várias crianças ficaram tristes com o fato de João e Maria terem sido abandonados pelo pai na floresta. Falaram de muitos acontecimentos ocorridos e sentimentos de solidão, como perder-se da mãe dentro do supermercado, ou ser deixado em casa sozinho. Uma menina descreveu que foi tomar banho e quando saiu do banheiro não tinha ninguém na casa; sentiu-se apavorada até seu pai chegar; explicitando o sentimento e angústia, ou, ainda, como disse um menino que foi com o pai em uma pescaria, neste caso feliz por ter a companhia do mesmo, explicando o que é necessário para pescar; desde os equipamentos aos cuidados com os perigos, tudo o que o pai havia informado e alertado, entre outros. A atenção, o respeito e o diálogo dos pequenos deixaram a professora desta turma muito surpresa, pois não apresentaram um comportamento habitual, no qual não respeitam a vez do amigo ou compartilham experiências e vivências com toda empolgação presenciada.

De acordo com Paulo Freire, “A leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2004), conforme já citado, ou seja, tudo aquilo que tem significado, sejam os olhares, cheiros, gostos e saberes que temos

e acumulamos na nossa vida. É através da leitura de mundo que vamos apreender a leitura da palavra, que vamos criar nossas percepções e construir as relações que levam ao aprendizado.

Menciono Vygotsky (1999, p. 23), Formação Social da mente, onde reflete sobre a importância da linguagem, para o desenvolvimento da criança, assim como das interações quando descreve a Zona de desenvolvimento proximal:

“... a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais”

Percebe-se que durante as Tertúlias Literárias Dialógicas as crianças fazem a leitura de mundo junto com a leitura da palavra, como quando vão acompanhando com os dedinhos a leitura reproduzindo o comportamento leitor; não foram todos. Houve respeito ao momento de cada um e a maioria participou do turno da palavra e dos comentários.

2- TERTÚLIA DIALÓGICA DE MÚSICA

A educação infantil do nosso município tem em sua rotina vários momentos proporcionados para a música, inclusive no projeto que desenvolvemos resgatando as cantigas de roda, parlendas e músicas de outras culturas.

Esta foi a Tertúlia Dialógica que mais gerou dúvida e reflexão sobre o que e como apresentar aos pequenos. Somente após muitas conversas, foi apresentado Pedro e o Lobo, Sergei Prokofiev, em uma lousa digital, através de um desenho animado.

Esta Tertúlia Dialógica foi realizada na EMEI Neli de Fátima Petean Pozzebon, na turma da professora Fernanda. Foi muito interessante esta escolha, pois antes de iniciar o desenho, o narrador explica sobre os instrumentos que serão utilizados e os sons referentes a cada personagem.

Esperava-se certa confusão ou não entendimento, porém para surpresa geral eles entenderam perfeitamente, não foram necessárias muitas intervenções para que o diálogo acontecesse. As crianças falaram sobre instrumentos que têm em casa, sobre familiares que tocam algum instrumento, sobre outros que viram em filmes e o mais cativante é exatamente a diversidade que aparece nos diálogos, além da questão apresentada. A parte do desenho animado, no qual acontece a aparente morte da pata Sacha, foi de grande comoção entre os pequenos. Foram emocionantes as falas sobre a ausência ou perda das avós e dos avôs. A morte acabou sendo a principal reflexão do encontro, ficaram realmente emocionados com a provável morte da pata Sacha, pois alguns alunos haviam perdido a sua avó ou seu avô recentemente.

Nesta mesma turma, em outro dia, com uma nova proposta, apresentei Ode à Alegria de Beethoven, mas somente a música instrumental, desta vez sem o recurso visual. A princípio não estavam muito atentos, mas foram interagindo com a música, simulando que estavam tocando os instrumentos, balançando o corpo no ritmo na qual a música se apresentava.

A conversa após a apresentação rendeu muito diálogo, as colocações das crianças sobre o que sentiram, foi um momento único, com colocações profundas acerca de sentimentos e emoções. Uma menina disse: "Não sei direito o que falar, senti uma coisinha aqui no coração bem estranha, mas gostosa". Outros relataram vontade de chorar, mas não de tristeza.

Em outro dia, outro momento, retornei para apreciarmos a mesma música, Ode à Alegria, mas desta vez com o recurso da lousa digital, tendo André Rieu como maestro da sinfonia, e nas duas situações, só com audição e com acréscimo visual, mal terminaram as apresentações, já começaram a aplaudir. Fascinante poder proporcionar este momento

aos pequenos. A oportunidade de explorar as músicas clássicas universais foi muito gratificante.

Ainda convém lembrar a fala de Paulo Freire, quando cita: “Volto à discussão da relação dialógica enquanto prática fundamental, de um lado à natureza humana e à democracia; de outro, como uma exigência epistemológica” (FREIRE, 2013).

3- TERTÚLIA DIALÓGICA DE ARTES

Em um projeto do município de Pedreira - SP, intitulado Pintando o Sete no qual a proposta é desenvolver o conhecimento e interesse pelas obras de arte, favorecendo ampliação de seu conhecimento de mundo e cultura. Além de estimular o conhecimento das formas, ponto, linha, cor, volume, contraste, luz, textura e cores, explorando diferentes materiais. Apropriar-se da biografia do autor e de sua arte, assim como, desenvolver oralidade, interação e socialização, com liberdade para fazer a releitura da obra também são objetivos do projeto, porém não havia pensado nos clássicos universais da arte.

A discussão acerca de qual obra de arte clássica universal escolher, também foi desafiadora. Têm-se muitas opções, mas para a Tertúlia Dialógica, o que seria interessante para os pequenos? Depois de algumas conversas, utilizei as obras: “O quarto” e “Autorretrato”, de Vicent Van Gogh. Reproduzi várias cópias coloridas, coleí-as em recortes de cartolina branca, parecendo realmente uma moldura, garantindo que todos tivessem uma cópia em mãos.

Com a turma da escola EMEI Professor Jorge Mari, e com a turma da escola EMEI Gerson Ornélas Ávila, havia alunos com problemas neurológicos, de comportamento ou sem diagnóstico, não foi fácil ou simples, mas foi enriquecedor. Todos participaram! Sim todos os alunos, sem restrição. Na possibilidade e forma de expressar de cada um, todos tiveram seus direitos de igualdade respeitados.

Na EMEI Professor Jorge Mari, foi emocionante ver um aluno

que passa a maior parte do tempo sem atenção alguma, totalmente disperso e muitas vezes agressivo, pegar o “Autorretrato” de Van Gogh e ficar observando, refletindo e interagindo com os colegas sobre a obra. Comentou surpreso que havia sangue no homem, quando uma colega informou que não era sangue, mas sim a cor dos cabelos e barba, ruivos, ou seja, vermelhos e ele pacientemente escutou a colega e voltou a observar.

Nesta mesma turma na EMEI Professor Jorge Mari, em outro momento, com a obra “O quarto”, foi nítida a criação de sentido e significado pelos pequenos. Momentos muitas vezes peculiares durante os diálogos, como a comparação com o quarto deles, móveis e paredes; uma menina disse que havia gatinhas, desenhos e quadros nas paredes de seu quarto; outras crianças também citaram estes detalhes, entre outras observações. Um aluno descreveu a fala da mãe sobre seu nascimento, desde o hospital, o médico que cortou a barriga dela para ele sair até chegar à foto que estava em um quadro na parede do quarto dele.

Na EMEI Gerson Ornelas Ávila onde a oralidade já é muito bem explorada por ela, a experiência com a Tertúlia Dialógica de Artes foi inesquecível. Tivemos uma participação assídua dos pequenos, com várias observações diferentes e argumentações sobre a fala dos colegas.

Os pequenos ressaltaram inclusive o modo como foi realizada a pintura do quadro, sentimentos que o autor tenha sentido durante a execução de sua obra; um menino inclusive disse que já conhecia o autor, porque sua irmã mais velha havia feito um trabalho sobre “Os Girassóis” e ele lembrou quando mostrei outras obras de Van Goch.

Foi impressionante o que observaram, comentaram a partir das obras. Assim como nas Tertúlias anteriores, foram muito intensos estes momentos.

Considerações finais

Levando-se em conta o que foi observado, fica evidente a contribuição desta Atuação Educativa de Êxito, para o aprendizado dos meninos e meninas da educação infantil.

Percebem-se claramente as reações, emoções e comportamentos que promovem o aprendizado nas três diferentes Tertúlias Dialógicas realizadas.

Por todos esses aspectos, afirmo, é sim possível e enriquecedor realizar esta atividade com as turmas de crianças pequenas.

É incontestável o benefício e aprendizagem relacionada às realizações das Tertúlias Dialógicas. A construção coletiva de significado e conhecimento com base no diálogo sobre os clássicos possibilita a aproximação de todos os alunos, sem qualquer restrição ou diferença, à cultura clássica universal. Assim como a base teórica, na qual foi fundamentada.

BIBLIOGRAFIA

AUBERT, Adriana; et al. Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos: Edufscar, 2016.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CARRION-GARCIA, Rocio. Tertúlias Literárias Dialógicas. Padres y Maestros, nº 387, 42-47. Septiembre 2018.

INSTITUTO NATURA. Comunidade de Aprendizagem. In: Caderno de formação comunidade de aprendizagem. São Paulo, 2016.

Disponível em: <<http://www.comunidadeaprendizagem.com>>

Acesso: Dez, 2017.

FLECHA, Ramón. Compartiendo Palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Paidós, 1997.

FREIRE, P. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'água, 2006.

_____. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELLO, Roseli; et al. Comunidades de Aprendizagem – outra escola é possível. São Carlos: Edufscar, 2012.

NIASE- Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa. Texto retirado do site: www.utopiadream.info/cat pelo <http://www.niase.ufscar.br/tertulias-dialogicas> (2012), na data de 11 de dezembro de 2017.

SÃO PAULO, GOVERNO DO ESTADO. Material Didático – FDE – Ler e Escrever. São Paulo, 2007.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: MEC, 2010.

_____. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



Comunidade de
Aprendizagem

Tertúlia literária dialógica um caminho para a formação de leitores

Rosa Maria Monsanto Glória

Resumo

Este documento pretende explicitar a importância da leitura como conhecimento instrumental para a construção de novos conhecimentos e para a formação do cidadão, bem como ressaltar a importância da Tertúlia Literária Dialógica como meio para a formação de leitores críticos. Para isso, apoia-se nos princípios adotados pela Comunidade de Pesquisa em Excelência para Todos (CREA), da Universidade de Barcelona. A Tertúlia Literária Dialógica é uma atividade cultural e educativa em que um grupo de pessoas se reúne para debater e compartilhar suas impressões a respeito de uma obra clássica da literatura mundial.

PALAVRAS-CHAVE:

leitura; leitura dialógica; tertúlia literária dialógica.

A proposta é a de que cada participante, depois de ler o trecho combinado com o grupo, possa fazer primeiramente uma apreciação individual da obra e então compartilhar suas impressões com o grupo, ouvir o que os outros participantes têm para dizer, comentar sobre o que ouviu dos demais e desta forma ampliar sua interpretação sobre a obra. O trabalho retoma historicamente o conceito de leitura e busca discutir o conceito de dialogicidade como uma condição para a realização da Tertúlia Literária Dialógica. Também considera a Tertúlia Dialógica como estratégia que provoca êxito na qualificação da competência leitora do sujeito. Tem como objetivo explicitar a importância da dimensão instrumental da leitura para a formação do cidadão, bem como ressaltar a importância da Tertúlia Literária Dialógica como estratégia para a formação crítica de leitores.

Introdução

A sociedade atual já rompeu com muitos conceitos arraigados historicamente em que as “as relações de poder baseadas na autoridade da sociedade patriarcal estão dando lugar a relações dialógicas” (AUBERT et. al. 2016). Como consequência desta mudança na sociedade, é necessário que a escola também repense o seu papel dentre outras tarefas, no ensino da leitura.

Segundo Instituto Natura (Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem, 2017) essa exigência social vem gerando mudanças no setor financeiro e de serviços, abrindo espaço para um tipo de profissional capaz de lidar com informação e conhecimento com rapidez, capaz também de buscar soluções e respostas para o que ainda não sabe por meio de trabalho coletivo. Para isso, é preciso cuidar para que todos tenham acesso ao domínio da escrita e da leitura dentre outros conhecimentos como o aprendizado de línguas e o manejo da tecnologia. A ação da escola consiste em garantir o acesso a um conhecimento sistematizado em conteúdos e habilidades acadêmicas por meio de relações dialógicas que se tornam ferramentas para transitar numa sociedade da informação.

Cada vez mais, a sociedade precisa de sujeitos que tenham domínio da linguagem escrita. A finalidade deste conhecimento é instrumentalizá-los para que possam transitar pelos diferentes tipos de textos disponíveis hoje e ter acesso à informação veiculada das mais diferentes formas: na televisão, em outdoors espalhados pela cidade, em cartazes que comumente se veem pelas paredes, nas propagandas impressas, nos folhetos que são distribuídos de mão em mão, nos jornais e revistas, na internet. Além disso, a leitura é também porta de entrada para a ampliação da participação social e para o efetivo exercício da cidadania.

Há muito, também, ouve-se falar das diferentes formas que a escola utiliza para fazer com que os alunos gostem de ler. Porém, no mundo de hoje, muito mais do que uma questão de gosto, há a necessidade de possibilitar ao aluno uma formação que lhe favoreça compreender criticamente as realidades sociais e nelas agir. Para isso, é preciso que esse aluno se aproprie não só do conhecimento, como também dos meios de produção e de divulgação desse conhecimento. Em nossa sociedade letrada, o processo de apropriação de conhecimento está intimamente ligado ao conhecimento da linguagem escrita, especialmente o conhecimento da leitura. Por isso, pode parecer estranho que a discussão sobre a formação de alunos leitores ainda se faça tão necessária e pareça tão nova para alguns educadores.

Na intenção de discutir como se dá esse processo de formação de leitores, especificamente leitores de textos literários, é que prosseguiremos refletindo sobre o papel da Tertúlia Literária Dialógica como meio para favorecer o conhecimento sobre a leitura, pois é sabido que:

Na sociedade atual, a aprendizagem depende cada vez mais da correlação das interações que os estudantes estabelecem na escola com todas as pessoas de seu entorno, bem como na vivência em múltiplos espaços a que têm acesso. (INSTITUTO NATURA -Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem, 2017)

Esse trabalho é um texto argumentativo com base em outros textos. Primeiro busca apresentar a evolução histórica do conceito sobre o que é ler. Em seguida, apresenta os conceitos de dialogicidade e de leitura dialógica. E por fim apresenta a Tertúlia Literária Dialógica como uma atuação educativa de êxito para formar leitores. Tem como objetivo explicitar a importância da dimensão instrumental da leitura para a formação do cidadão, bem como ressaltar a importância da Tertúlia Literária Dialógica como estratégia para a formação crítica de leitores.

Desenvolvimento do trabalho

PARA COMEÇO DE CONVERSA: O QUE É LER AFINAL?

Para iniciar a discussão sobre a formação de leitores faz-se necessário retomar historicamente um conceito básico: o que é ler?

No início da segunda metade do século passado o ato de ler era visto como um

processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala), para acessar o significado da linguagem do texto (ROJO, 2004)

e visto desta maneira ler estava associado à decodificação do texto.

Segundo Rojo (2004), com o avanço dos estudos sobre o ato de ler, muitas outras capacidades foram sendo consideradas como importantes para que ocorra a leitura: capacidades de ativação, reconhecimento e resgate de conhecimento; capacidades lógicas; capacidades de interação social. Sendo assim, a leitura deixa de ser compreendida como um ato de decodificação e passa a ser encarada como um ato de cognição, de compreensão. Desta forma, para que aconteça a compreensão, alguns conhecimentos, além do conhecimento sobre os fonemas, estão envolvidos: conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais, conhecimentos linguísticos. Aprofundando-se nas análises sobre o processo de compreensão do texto descobriram-se muitas capacidades mentais de leitura que foram chamadas de estratégias do leitor (cognitivas e metacognitivas).

A autora afirma que, posteriormente, o ato de ler passou a ser visto como uma interação entre o leitor e o autor, uma vez que o texto deixava pistas da intenção do autor e dos significados por ele atribuídos. Desta forma, o texto funcionava como mediador da interação entre quem escreve e quem lê.

Rojo (2004) nos diz também, que, ultimamente, o ato de ler é visto como colocar em relação o texto (um discurso) e os outros textos (discursos) conhecidos antes dele, junto a ele, depois dele com possibilidades infinitas de geração de novos textos/ discursos. Sendo assim, a leitura passa ser vista como um ato de atribuição de sentidos em que estão implicados os valores pessoais, o conhecimento do mundo, o papel social que o leitor ocupa naquela situação, o papel social que o autor ocupa naquela situação, as finalidades da leitura e a esfera social de comunicação em que a leitura se dá. Além disso, estão envolvidas nesta relação as capacidades discursivas e linguísticas de quem lê.

Brakling (2004) nos explica que o ato de ler inclui tanto saber decifrar o escrito, quanto saber atribuir sentido ao texto, com proficiência de leitor competente, capaz de interpretar os possíveis sentidos dos textos a partir de um conjunto de referências semânticas constituídas pessoalmente. Informa, também, que ler é uma prática social, que pode acontecer em diferentes espaços e que possui características muito específicas, relacionadas: ao tipo de conteúdo dos textos; às finalidades da leitura; aos procedimentos e estratégias de leitura, utilizados comumente em cada tipo de texto; aos gêneros textuais. E que é no processo de interlocução com o texto que cada sujeito fará uso tanto dos significados que conhece, quanto dos sentidos que atribuiu para cada um deles. Isso faz com que a compreensão do texto seja ao mesmo tempo possível a todos e particular para cada sujeito, dependendo de uma relação de dialogicidade.

AVANÇANDO UM POUCO MAIS: O QUE É LEITURA DIALÓGICA?

Ainda com a intenção de compreender como se dá o processo de leitura, se junta ao que já foi apresentado, o conhecimento sobre uma característica fundamental da linguagem: a dialogicidade.

Bakhtin, em sua complexa concepção de dialogicidade, parte de um problema fundamental da filosofia da linguagem “o dar e receber”

linguístico entre duas pessoas que leram o mesmo texto. Suas ideias contribuem para a perspectiva atual de leitura dialógica, pois acredita que a linguagem é, em si mesma, ambígua, uma vez que as pessoas têm objetivos, subjetivos e mundos sociais diferentes. E que essa ambiguidade indica meios através dos quais precisamos criar significados em um diálogo com os outros. Para Bakhtin, as relações gerais e dialógicas são um fenômeno que é mais amplo do que uma simples troca de palavras, são um fenômeno universal presente em todas as manifestações e discursos da vida humana que tem significado. (Valls, Soler, & Flecha, 2008)

A leitura dialógica é um processo de ler e compreender um texto, onde as pessoas aprofundam suas interpretações, refletem criticamente sobre o texto e o seu contexto e desta forma qualificam sua compreensão leitora por meio da interação com outros leitores, ampliando assim sua leitura de mundo. Deste modo, a leitura dialógica está além da construção de significados numa interação subjetiva entre o leitor e o texto, pois permite uma interação intersubjetiva entre os diferentes leitores com o texto. (Valls et al., 2008)

Sendo assim, ao pensar sobre a leitura dialógica podemos dizer que se trata de uma concepção de leitura que considera o ato de ler como uma atividade social, que tem como condição a interação entre o leitor e o texto e que acredita que o diálogo igualitário entre o leitor, seus pares e o texto é a peça fundamental para favorecer a compreensão leitora. Isto só é possível pelo aumento das interações leitoras com a maior diversidade de pessoas, em diferentes espaços e em diversos momentos que não só o escolar. Esta concepção de leitura dialógica:

(...) se enquadra nas características principais da sociedade atual na qual existe uma crescente presença do diálogo em todas as esferas sociais: desde o domicílio até a política global (Flecha, Gómez & Puigvert, 2001). Por outro lado, sustenta-se na concepção comunicativa da pessoa e da aprendizagem, que a interação e o diálogo estão no centro da atenção. Segundo a psicologia sociocultural de Vygotsky (1995), a aprendizagem parte sempre da interação social, de modo que os meninos e meninas atingem níveis mais altos de desenvolvimento através da colaboração com seus iguais e supervisionados por uma pessoa adulta. (AUBERT 2011)

Conceitualmente, a leitura dialógica tem por base a Aprendizagem Dialógica, que é o conceito que alicerça o trabalho das Comunidades de Aprendizagem e também das Tertúlias Literárias Dialógicas. A aprendizagem dialógica é composta por sete princípios que caracterizam o projeto. Estes princípios estão pautados em autores consagrados na área da educação como: Vygotsky, Bruner, Wells, Paulo Freire, Habermas, Chomsky, Scribner e Mead. Acontece por meio de diálogos igualitários, em situações de interação que considera a inteligência cultural de todos os participantes visando à transformação do grau inicial de conhecimento e do contexto sociocultural, como forma de todos terem êxito em suas aprendizagens. Estas interações favorecem o aumento de aprendizagem instrumental e conseqüentemente a criação de sentido pessoal e social, pautados na solidariedade e na valorização da igualdade e diferença entre os pares. (INSTITUTO NATURA - Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem, 2017).

Segundo Aubert et. al. (2016):

Aprendizagem dialógica é produto de processos de criação de significados a partir de interações destinadas a aprendizagens melhores. O conhecimento se cria e recria por meio de um diálogo orientado pelo desejo de entendimento pela intenção de alcançar a maior compreensão e quantidade de acordos possíveis sobre algum aspecto da realidade, os conteúdos de aprendizagem ensinados e a escola. Nesse diálogo, o mais importante não são as intervenções do professorado, devido ao seu status superior na estrutura hierárquica da escola, mas sim as intervenções em função da validade dos debates que ocorrem. Essa validade é dada pelo grau de ajuda das contribuições ao diálogo para alcançar acordos que melhoram as aprendizagens de todos e todas e, assim, a qualidade da educação. Atualmente, a validade do conhecimento, seu rigor e sua cientificidade são alcançadas por meio da participação de todas as pessoas implicadas na realidade a que se refere, não só aos e às “especialistas”. (Aubert et al., 2016)

A leitura dialógica se dá de várias formas, porém, as Tertúlias Literárias Dialógicas são o coração deste tipo de leitura. A seguir, passaremos a ela.

TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA: ATUAÇÃO EDUCATIVA DE ÊXITO PARA FORMAR LEITORES

Com base em Ruiz e Pulido (2012), podemos dizer que a Tertúlia Literária Dialógica é uma prática educativa e cultural que envolve a leitura de livros da literatura clássica universal, em que os participantes se reúnem para discutir e compartilhar suas impressões sobre o texto. Nasceu da ideia de um grupo de educadores de jovens e adultos, liderados por Ramón Flecha, em 1978, na cidade de Barcelona, para criar um contexto em que todos pudessem participar em condições de igualdade, do debate sobre os textos clássicos.

A proposta está pautada:

nos princípios de aprendizagem dialógica (Flecha, 1997), na concepção interdisciplinar de aprendizagem que inclui, entre outras, a teoria sociocultural de Vygotsky (1978), a teoria da ação comunicativa de Habermas (1978) e a teoria da ação dialógica de Freire (1970). (GARCÍA-CARRIÓN et al. 2016)

Segundo García-Carrión (2016), a Tertúlia Dialógica Literária é organizada considerando as ideias de Habermas (1978) sobre as capacidades de linguagem e ação que todas as pessoas têm, sendo capazes de argumentar, comunicar-se, firmar acordos e agir a partir desta comunicação. Está pautada também, nas ideias de Vygotsky (1978) que dá luz ao importante papel da interação social, mediada pela linguagem, para o desenvolvimento do pensamento e da aprendizagem. E por fim, considera também as ideias de Freire (1970) de que ao buscar compreender o mundo desenvolve-se o espírito crítico e isso é possível por meio do diálogo igualitário que é um dos princípios das tertúlias.

Para que uma situação de leitura seja considerada como Tertúlia Literária Dialógica é preciso que se considere a qualidade dos textos lidos, por isso, os livros que são utilizados neste momento devem ser obras clássicas da literatura universal. Isto se deve ao fato de que os clássicos universais favorecem o acesso à linguagem escrita de mais alta qualidade, permitindo aos leitores ampliar seu vocabulário e o conhecimento da língua. Além disso, permite a ampliação do repertório cultural, pois aproxima o leitor das diferentes culturas e de

diferentes tempos históricos, permitindo que constituam referências culturais universais e estas referências passam a ser instrumentos para compreender o mundo. Deste modo, o acesso ao patrimônio cultural universal fica mais democratizado.

Segundo Ruiz e Pulido (2012), ao fazer uso da Tertúlia Dialógica Literária como meio para formar leitores de literatura clássica devem-se considerar alguns aspectos de organização, a fim de manter-se a coerência com a finalidade da atividade. Sendo assim, é preciso cuidar da organização do grupo de participantes, que deverá ser composto por uma diversidade de pessoas, que possuam uma diversidade de saberes, que potencialmente se componham e que no grupo incluam-se tanto pessoas que não tenham titulação acadêmica ou que possuam pouca experiência leitora prévia, quanto leitores mais experientes, tanto adultos, quanto crianças e jovens. Tendo claro estes critérios, o grupo é quem decide quem serão e quantos serão os participantes e também qual é a obra clássica que irão ler qual o trecho será discutido em cada sessão.

Definidos o grupo e a obra a ser lida, é preciso que os participantes preparem-se para o encontro com seus pares, assim sendo cada pessoa deve ler individualmente o trecho combinado, destacando aspectos sobre os quais comentarem durante a realização da tertúlia.

Para organizar um grupo de Tertúlia Dialógica Literária, é preciso considerar a necessidade de se favorecer o diálogo igualitário entre os participantes. Para isso, todas as seções contam com um participante no papel de moderador; a pessoa que cumprir com esse papel tem, naquele momento, a responsabilidade de garantir que os critérios fundamentais da tertúlia sejam garantidos: tomar decisões a partir das regras construídas pelo grupo; conduzir a discussão de modo que seja respeitada, tanto a vez de cada um, quanto a possibilidade de emissão de diferentes opiniões.

Durante as tertúlias literárias, ao debater sobre a leitura de uma obra clássica, é possível ao participante vivenciar uma situação de interação com o outro e com o texto, que permite realizar uma leitura crítica e compartilhada da obra, ampliando os seus sentidos. Isto porque podem estar presentes nestes momentos, os princípios de igualdade

de diferenças, da solidariedade entre os estudantes e familiares, do desejo de transformação, tanto pessoal como coletiva, apoiados por um diálogo igualitário.

Outro princípio da aprendizagem dialógica que pode ser observado na Tertúlia Literária Dialógica é a dimensão instrumental do conhecimento, pois favorece o acesso a conteúdos mais acadêmicos de forma democrática a todos. Desta forma, garante o direito de todas as pessoas de acessar e aprender os conhecimentos instrumentais necessários para a participação social, política e econômica da sociedade.

“Contemplar a dimensão instrumental da aprendizagem significa partir da premissa de que todos os meninos e todas as meninas podem alcançar níveis altos de sucesso acadêmico, chegar ao cume mais elevado de seu potencial, se tiverem a oportunidade. A escola deve proporcionar as oportunidades para esse desenvolvimento, para os meninos e as meninas que não o tenham. Porém, as escolas não podem enfrentar esse desafio sozinhas, mas mobilizar outras pessoas adultas – incluindo familiares – para ajudar os estudantes e suas necessidades de desenvolvimento.” (TEBEROSKY, SOLER-GALLART, & colaboradores, 2004, p. ?)

Vale lembrar que nas Tertúlias Dialógicas Literárias, quando se dá a oportunidade aos alunos de comentar sobre os textos lidos, de ouvir os argumentos dos outros e considerá-los, sua competência leitora aumenta, permitindo tanto a ampliação da interpretação inicial do texto, quanto das reflexões desencadeadas por ele. Como resultado desta interação há a transformação da própria pessoa, que ao participar destas práticas desenvolve uma aprendizagem instrumental sobre língua e a linguagem, sobre a leitura e o ato de ler, uma vez que é objetivo da tertúlia estimular nos alunos essa competência.

Considerações finais

Hoje sabemos, que uma escola, ao fazer uso da tertúlia dialógica como meio de aproximar seus alunos e familiares da leitura de clássicos universais, fortalece o domínio da leitura e escrita, amplia muito a aquisição de vocabulário e cria contextos reais de uso dos conhecimentos instrumentais relacionados à leitura e a escrita, como também em relação aos clássicos universais.

Sendo assim, toda comunidade educativa fica potencialmente fortalecida, pois se cria um contexto em que este conhecimento passa a ser um valor e todos passam a buscar um maior envolvimento instrumental em sua formação.

Com isso, é importante destacar a necessidade de se discutir junto aos educadores o papel da Tertúlia Literária Dialógica na formação de leitores. É importante também que saibam como organizá-la e que a coloquem em prática, mas principalmente que não percam de vista seus princípios. Que possam, de fato, fazer da escola um espaço onde as aprendizagens coletivas aconteçam por meio do diálogo, que as oportunidades sejam abertas a todas as pessoas, de diferentes coletivos sociais e culturais e que todos tenham vez e voz sem viver nenhuma discriminação por classe social, idade, grupo cultural ou sexo. (MELLO, 2003)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aubert, A. (2011, Outubro). Leitura dialógica: mais espaços de leitura com mais pessoas. Periódico Escuela.

Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R., & Racionero, S. (2016). Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos - SP: Universidade Federal de São Carlos.

Caderno de Formação de Comunidade de Aprendizagem. (2017). Instituto Natura.

García-Carrión, R., Hidalgo, Z. M. de la, & Villardón, L. (2016). Tertulias literarias dialógicas - herramienta para una educación de éxito. *Padres Y Maestros*, 367.

Mello, R. (2003). Tertúlia literária dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. *Contrapontos*, 3(No3).

Rojo, R. (2004). Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. São Paulo: SEE - CENP.

Teberosky, A., Gallart, M. S., & colaboradores. (2004). *Contextos de alfabetização inicial*. ARTMED.

Valls, R., Soler, M., & Flecha, R. (2008). Lectura dialógica: interaccion es que mejoran y aceleran la lectura. *REVISTA IBEROAMERICANA DE EDUCACIÓN*.

Brakling, Katia. Sobre a leitura e a formação de leitores: qual é a chave que se espera? www.educarede.org.br: 1-11. 2004



Comunidade de
Aprendizagem

Projeto Comunidade
de Aprendizagem e a
educação de Pernambuco:
a importância e o impacto
do Grupo Interativo
na aprendizagem de
estudantes do 6º ano do
Ensino Fundamental em
uma escola do Recife

Rosinete Salviano Feitosa

Resumo

“Cada vez mais se espera que as escolas compensem as falhas de outras instituições sociais. Pela primeira vez na História, esperamos que as escolas eduquem a todos e não só àqueles cujos pais foram instruídos. E esperamos que façam isso apesar de uma proporção elevada de crianças serem mantidas na pobreza e cercadas, cada vez mais cedo, por uma cultura popular fervorosamente anti-intelectual.”

(Harry Brighouse)

PALAVRAS-CHAVE:

Comunidade de Aprendizagem, Grupos Interativos, Atuações Educativas de Êxito e Aprendizagem Dialógica.

O presente texto aborda um Projeto Comunidade de Aprendizagem implementado em uma escola localizada em Recife com o objetivo demonstrar a importância e alguns resultados obtidos ao se trabalhar em sala de aula a prática pedagógica no processo de construção de aprendizagens (Atuações Educativas de Êxito), denominada de Grupos Interativos. Com o objetivo de relatar a experiência de materialização de uma comunidade de aprendizagem implementada na Escola Estadual Pedro Augusto Carneiro Leão (Recife-PE), a partir do método de observação e participação, bem como do relato da docente responsável e de alguns (as) dos(as) participantes, verificou-se que nas três turmas selecionadas do 6º ano do Ensino Fundamental, os(as) estudantes aderiram e participaram de forma exitosa, correspondendo às expectativas da proposta pedagógica em tela.

Introdução

O Projeto Comunidade de Aprendizagem é uma iniciativa proposta pelo Instituto Natura que busca, mediante compreensão da escola como instituição social ao desenvolvimento da sociedade e ao estabelecimento de parcerias contextualmente relevantes, promover a consolidação de um modelo comunitário de educação do qual toda a comunidade escolar (equipe gestora, grupo profissional-docente, estudantes, seus familiares e demais outros participantes) possa interagir no sentido de construir coletiva e dialogicamente novas aprendizagens. Busca, portanto, estabelecer articulações possíveis entre o grupo profissional-docente e demais outros membros da comunidade escolar no sentido de otimizar experiências educacionais no que se refere à construção coletiva dialógica de aprendizagens.

I. "Na sociedade da informação, não há mais superstição. No século XXI contamos com recursos informativos que nos permitem estar em contato contínuo com a comunidade científica internacional e conhecer as pesquisas sociais e educativas que atualmente oferecem um ponto de referência eficiente para o desenvolvimento de práticas que superam o fracasso escolar e melhoram a convivência. [...] Essas novas formas de comunicação multiplicaram os diálogos entre professorado e alunado e entre famílias e escola. O professorado explica como, agora, durante a noite, conecta-se ao chat enquanto seus alunos e alunas fazem perguntas sobre os deveres do dia seguinte, sobre algum conteúdo que não conseguiram entender ou sobre outros aspectos relacionados à vida escolar, de forma que a comunicação virtual se converte em mais um instrumento para acelerar os aprendizados e em uma possibilidade de estreitar relações entre alunado e professorado." (AUBERT et al., 2016, p.21-37, grifos meus).

Os conceitos e teorias que formam as bases da aprendizagem dialógica são coerentes com a atual sociedade da informação, com o multiculturalismo e com o giro dialógico das sociedades. Desde a pedagogia (Freire), a psicologia (interacionismo simbólico de Mead ou a psicologia sócio-histórica de Vygotsky), a filosofia (Habermas), a economia (Sen), a sociologia (Beck) até a política (Chomsky), há uma convergência no sentido de salientar uma maior presença do diálogo em diferentes âmbitos da vida social e nas relações interpessoais. Essa é a principal característica da aprendizagem dialógica, a interação e a comunicação como fatores-chave do aprendizado. (AUBERT et al., 2016, p.24-25).¹

O aprimoramento desta articulação em caráter contextual, ou seja, tendo em conta majoritariamente as especificidades e idiosincrasias de cada comunidade escolar e seu entorno, no sentido de delimitar um caminho didático capaz de sustentar as demandas e intenções que a fundamentam foi inicialmente proposta pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades, da Universidade de Barcelona, e, desde 1990, extrapolou os limites da Espanha e vem paulatinamente se difundindo pelo mundo. O destaque

dado ao viés científico e ao trabalho colaborativo são os aspectos responsáveis pela consolidação desta proposta em caráter mundial (MELLO, BRAGA e GABASSA, 2014).

No Brasil, sua implantação decorre, desde 2003, da implementação de seus pressupostos na América Latina por meio do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade de São Carlos. Sob este espectro, o Projeto tem por característica o planejamento, a implementação e o desenvolvimento de atuações interativas exitosas voltadas para a transformação socioeducativa da comunidade escolar na qual se insere; potencializando, para tanto, a participação comunitária em caráter de integração à proposta (INSTITUTO NATURA, s.d.).

Desse modo, trata-se de

uma proposta dedicada à ampliação da participação das pessoas do bairro e da cidade na vida da escola, intensificando e diversificando, de maneira metódica, as interações entre diferentes agentes educativos. Ações de familiares, de pessoas da comunidade de entorno e de profissionais da educação se articulam de maneira dialógica para a garantia da máxima aprendizagem para todos os estudantes, com desenvolvimento de convivência respeitosa, tendo a diversidade como fonte de riqueza humana. [...] Nos processos de aprendizagem, numa Comunidade de Aprendizagem, a presença das famílias e da comunidade de entorno é intensificada tanto em ações realizadas nas casas dos estudantes como no espaço da escola. (...) A escola passa, também, a ser espaço de promoção de formação para os familiares – a abertura da escola para a formação de familiares fortalece-os para a inserção no mundo do trabalho, a manutenção de seu emprego e a retomada dos estudos. (MELLO, BRAGA e GABASSA, 2014, p. 11-12).

Com isso, percebe-se que, tendo em vista a rapidez com que se dá a dinâmica social, e, daí, as transformações relacionais das pessoas entre si e destas frente às instituições sociais, o formato tradicional de nossa educação formal/ escolarizada não tem atuado de forma determinante frente à formação cultural e cidadão que dela se espera, uma vez que, com advento da globalização da economia/ mundialização da cultura

então materializada na sociedade da informação, a escola deixou de ser a única e talvez até a principal fonte de conhecimento (minimamente) sistematizado (BRIGHOUSE, 2011; CAMBI, 1999; LARAIA, 1986; PAGNI et al., 2007; MELLO e TEIXEIRA, 2012). As relações institucionais e pessoais radicadas no poder e/ou no controle têm sofrido mudanças radicais em sua dinâmica, mudanças das quais pontifica o viés dialógico das mesmas nos dias de hoje (“giro dialógico”). Desse modo, e, tendo em conta, também, a referida dinâmica social e sua velocidade de transformação, cabe à educação buscar adaptar-se a esta nova realidade no sentido de garantir e continuar garantindo a formação cultural-cidadã mediante transmissão sistematizada da cultura humana (AUBERT et al., 2016).

Compreendidas como práticas pedagógicas de alcance efetivamente comprovado no que se refere à otimização do processo de construção de aprendizagens sobre tais termos, as Atuações Educativas de Êxito (AEE) são classificadas da seguinte forma:

- (1) Grupos Interativos (voltada para a organização da sala de aula de maneira a promover os melhores resultados educativos mediante ganhos na convivência, (respeito à diversidade e coletividade);
- (2) Tertúlias Dialógicas (momentos de troca de experiências pessoais em função de sua aproximação com a (multi) cultura universal);
- (3) Biblioteca Tutorada (promoção de espaços extraclasse para a ampliação do tempo pedagógico para a realização de atividades monitoradas por voluntários);
- (4) Formação de Familiares (destinadas à formação instrumental dos familiares dos estudantes a partir de suas próprias demandas);
- (5) Participação Educativa na Comunidade (participação geral e colaborativa da comunidade escolar nas atividades educacionais e formativas propostas);

- (6) Modelo Dialógico de Resolução de Conflito (ênfase no diálogo frente à prevenção, resolução e superação de conflitos mediante (re) discussão constante das normas de convivência estabelecidas coletivamente);

- (7) Formação Pedagógica Dialógica (processo (auto) formativo vivenciado pelos educadores participantes/ envolvidos no Projeto) (INSTITUTO NATURA, s.d., p.09-10).

Na próxima seção, discutirei mais detidamente os Grupos Interativos como AEE, sistematizando-os junto à proposta do Projeto Comunidade de Aprendizagem no sentido de fundamentar o relato de minhas observações realizadas na Escola Estadual Pedro Augusto Carneiro Leão, localizada no município de Recife, Pernambuco.

Desenvolvimento do trabalho

DESENVOLVIMENTO/ FUNDAMENTAÇÃO: OS GRUPOS INTERATIVOS COMO ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO:

2. Nos Grupos Interativos o objetivo é desenvolver, em uma mesma dinâmica, a aceleração da aprendizagem para todos, além de valores e sentimentos como a amizade e a solidariedade. [...] Aquilo que os alunos aprendem na escola deve prepará-los para a inserção na sociedade. Os Grupos Interativos privilegiam a aprendizagem instrumental e, nesse sentido, são imprescindíveis para romper com a exclusão social. (INSTITUTO NATURA, s.d., p.02-08).

Os Grupos Interativos correspondem a uma reorganização da sala de aula, tendo em vista a otimização do processo de construção coletiva de aprendizagens². Para tanto, tal reorganização pressupõe a participação de estudantes e adultos sob o acompanhamento e orientação do (a) professor(a) responsável pelo desenvolvimento da aula. Sendo assim, e de acordo com o material didático desenvolvido pelo Instituto Natura (s.d., p.15), elaborarei um quadro ilustrativo das características de um Grupo Interativo, uma vez que apenas a dimensão dialógica, por si só, não é capaz de lhe conferir tal definição e que sua confusão com outras práticas pode inviabilizar a compreensão do alcance do trabalho pedagógico (a ser) desenvolvido/ empreendido:

Quadro I

Grupos Interativos: características definidoras	
Do que são:	Do que não são:
Uma forma de organização de aula voltada para o compartilhamento de experiências interindividuais;	Uma metodologia;
Divisão da classe em pequenos grupos, cada um sendo constituído por um adulto de referência;	Divisão da classe em subgrupos monitorados apenas pelo(a) professor(a) (referência única)
Subgrupos estabelecidos através do diálogo igualitário entre os(as) estudantes	Maior flexibilidade quanto à formação dos subgrupos e quanto ao tempo pedagógico destinado às atividades
Heterogeneidade como critério para a formação dos subgrupos (critério intrínseco a cada subgrupo)	Homogeneidade – rendimento escolar - como critério para a formação dos subgrupos (critério extrínseco a cada subgrupo)
Realização de um rodízio entre os subgrupos e as atividades propostas no sentido de permitir que todos(as) os(as) estudantes delas possam participar	Realização escalonada de atividades, com parâmetros radicados no rendimento escolar apresentado por cada um(a).
Valorização da intersubjetividade quanto à construção interindividual e coletiva de aprendizagens	Trabalho cooperativo voltado para o desenvolvimento da aprendizagem apenas daqueles(as) alunos(as) que apresentam dificuldades de aprendizagem dimensionadas pelo rendimento escolar

Desse modo, é possível constatar que o trabalho com Grupos Interativos pressupõe, em sua teleologia, finalidades pedagógicas pontuais, específicas ao contexto escolar no qual sua experiência se realiza, que, “diluídos” em demandas ferradoras de caráter mais geral, permitem o aporte de demandas criticamente importantes à educação escolar nacional; ou seja:

Os grupos interativos têm dois objetivos centrais: reforçar e acelerar a aprendizagem, por isso o conteúdo deve ser conhecido pelos participantes e cada grupo deve ter um tempo específico para a realização das atividades. [...] No grupo interativo, se um colega não terminou a sua atividade, isso é problema de todo o grupo e, portanto, todos(as) devem trabalhar em seu auxílio. Além disso, tal organização da aula, com a participação de diferentes agentes educativos, promove a valorização da diversidade pelo convívio e pelo respeito nas relações entre todas as pessoas envolvidas. (MELLO, BRAGA e GABASSA, 2014, p.126).

A organização dos Grupos Interativos prevê a consideração dos seguintes aspectos para a otimização do tempo pedagógico destinado à construção das aprendizagens: (1) o quantitativo de alunos constituintes do grupo-classe; (2) o tempo total disponível para a realização da atividade proposta. A heterogeneidade – de experiências, saberes, cultura, linguagem etc. - é o critério precípuo para a formação dos subgrupos. A formação adequada dos subgrupos é que viabilizará a materialização das atividades planejadas pelo(a) professor(a) responsável pela aula e dinamizada pelos voluntários. Tais atividades, uma para cada subgrupo, deverá ser explicada pelo(a) professor(a) responsável ao grupo-classe da forma mais objetiva possível, para otimizar o tempo e potencializar as discussões entre os participantes de cada um dos subgrupos, e, também, o monitoramento das mesmas pelos voluntários; tendo em conta, para tanto, a realização do rodízio então dimensionado pelo tempo destinado para a realização de cada uma delas (em torno de 20 minutos). Ao final, com a passagem de todos os subgrupos por todas as atividades propostas, procede-se ao encerramento da aula e à (auto) avaliação coletiva.

O ser humano não vive isolado, ele participa de diferentes ambientes. Os grupos reúnem seus integrantes em torno de um objetivo comum e as pessoas geralmente participam desses porque se sentem acolhidas, porque percebem que naquele grupo sua presença é importante, então, pode-se afirmar que a comunicação cria vínculos e é fundamental para que os indivíduos se efetivem como ser social. (MELLO e TEIXEIRA, 2012, p.04, grifo meu).

A tese fundamental da perspectiva sociocultural de Vygotsky e de seus colaboradores sustenta que o desenvolvimento cognitivo das pessoas está intimamente relacionado com a sociedade e a cultura. Não é possível entender a mente fora da sociedade. Não podemos estudar a cognição sem estudar, ao mesmo tempo, os contextos de interação social em que se desenvolve. [...] A união de uma pessoa com seu contexto social, cultural, histórico e político nos permite entender sua relação dialética. Não é possível entender o indivíduo fora de seu contexto. (AUBERT et al., 2016, p.85-86, grifos meus).

Com isso, na próxima seção, tratarei da materialização dos conceitos dimensionados até o momento na Escola Estadual Pedro Augusto Carneiro Leão; bem como procederei acerca da apropriação dos mesmos para tratar da descrição das atividades desenvolvidas nos Grupos Interativos, como AEE realizadas com estudantes do 6º Ano do Ensino Fundamental desta escola.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA: OS GRUPOS INTERATIVOS E O CONTEXTO EDUCACIONAL DA ESCOLA ESTADUAL PEDRO AUGUSTO CARNEIRO LEÃO, RECIFE, PERNAMBUCO:

Como vimos, a proposta de criação de comunidades de aprendizagem nas escolas busca a transformação significativa tanto da gestão escolar, como – e também em função desta – do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem; fundamentalmente, a partir do cumprimento dos sete princípios que norteiam transversalmente os trabalhos dos professores, quais

sejam: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

Com base em tais premissas, a equipe gestora e o grupo profissional docente da Escola Estadual Prof. Pedro Augusto Carneiro Leão (doravante Escola Pedro Augusto) decidiram, em conjunto com a comunidade escolar, enfrentar o desafio de se tornarem uma escola de comunidade de aprendizagem, em parceria com o Instituto Natura. Imbuídos do objetivo de alcançar um salto qualitativo no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem então desenvolvido, centraram esforços na implementação de quatro atuações de êxitos das quais, como ações radicadas na concepção de Grupos Interativos, destaco o trabalho realizado pela Prof^a Ana Angélica dos Santos³ (doravante Prof^a Ana Angélica), no componente curricular matemática, em 3 (três) turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, do turno da manhã, abrangendo um universo de 126 estudantes.

3. Graduada em Licenciatura em Ciências – Habilitação em Biologia. Tem 43 anos e atua na Escola Pedro Augusto desde 1993. Leciona, também, na Rede Pública Municipal do Recife desde 2000.

4. Desse modo, segundo Habermas, o alcance de um entendimento mútuo, a partir do agir comunicativo, socializa e - ao mesmo tempo - individua o sujeito, dado seu caráter cooperativo/comunal simultâneo. Esse quadro faz com que as interações entre indivíduos criem estruturas intersubjetivas capazes de formar a identidade do indivíduo e dos sujeitos que se constituem reciprocamente pelo agir comunicativo. "A subjetividade se forma como o produto de um processo de interiorização das relações sociais que ocorreram no mundo externo. O pensamento subjetivo está intimamente relacionado ao pensamento social, intersubjetivo, e é produzido nas diversas socializações que as pessoas estabelecem em diferentes contextos, com diferentes pessoas ao longo de toda a vida." (AUBERT et al., 2016, p.105, grifo meu).

Na Formação realizada pela Prof^a Beatriz Siqueira, formadora do Instituto Natura, com carga horária de 16h, na Escola Pedro Augusto, sobre as características e especificidades de uma Escola de Comunidade de Aprendizagem, embasando suas ações nos princípios da aprendizagem dialógica, foram apresentadas, discutidas e refletidas sobre os princípios da aprendizagem. Diante desse conhecimento, a Prof^a Ana Angélica teve a oportunidade de se familiarizar com as bases científicas e os princípios norteadores das AEE, como também pôde conhecer práticas dialógicas e igualitárias, entre outros princípios da comunidade de aprendizagem; ou seja, percebeu ainda que a prática de ensinar pautada na ação mencionada proporcionaria a interação entre os estudantes, promovendo a aprendizagem mútua e ensejando uma série de condições favoráveis ao trabalho através do diálogo igualitário⁴

Cada turma é composta por 42 estudantes que realizam as atividades mensalmente. Sabe-se que a orientação recomendável é realizar quinzenalmente, mas, por falta de voluntários constantes na escola, a Prof^a Ana Angélica optou por realizá-las uma vez por mês, com duração de 1h40 de aula, sendo 20 minutos para cada atividade. A organização se deu da seguinte forma: 42 estudantes, uma (01) professora, seis (06) voluntários, seis (06) atividades diferentes e

desafiadoras⁵, com questões de conteúdos já vivenciados em sala de aula. Durante as visitas para acompanhamento da Escola e nas vivências do Grupo Interativo, pude observar a realização de atividades atinentes à resolução de problemas: (a) com números naturais; (b) com Medidas de tempo e comprimento e c) Fração. As três atividades em questão serão descritas com mais detalhes posteriormente.

Os/as estudantes foram distribuídos(as) em pequenos grupos heterogêneos. Os seis (06) voluntários foram apresentados pela docente que explicou para os(as) participantes dos subgrupos como seria a referida atividade. Vale ressaltar que eu estava participando também como voluntária e mediadora dos grupos. Para cada grupo, um (01) voluntário, que tinha o papel de mediar à interação entre os estudantes, incentivando a ajuda mútua. Por sua vez, percebemos dificuldades e avanços dos estudantes, tanto em relação aos conteúdos, como também no tocante à interação com os colegas. Esses pontos serão de grande relevância para serem relatados à professora, como devolutiva.

Percebi que houve um maior entrosamento entre o grupo de estudantes. Aquele(a) estudante que conseguia resolver a questão primeiro(a) era estimulado(a) pelo(a) mediador(a) a ajudar os colegas, dizendo como tinha conseguido resolver aquelas questões desafiadoras. Observei também que, no primeiro dia da atividade vivenciada, havia ainda alguns poucos alunos nos grupos que eram introvertidos e preferiam resolver as questões sozinhos (as), mas, o(a) mediador(a) incentivava o estudante a socializar com os seus colegas aqueles conteúdos que ele tinha apreendido.

5. Ressalto que para conseguir realizar as atividades dentro do tempo previsto, garantindo uma boa acolhida as voluntários (as) e a avaliação do trabalho ao final, a turma é organizada em dois grandes grupos e, dentro desses, em 3 subgrupos, de modo que ao final da aula cada estudante realizou 3 atividades diferentes e passou pela interação com 3 voluntários (as) distintos.

Um ponto forte foi perceber o quanto os(as) estudantes nos grupos ficavam focados nas questões que estavam resolvendo. O diálogo mantido era igualitário - uma vez que não havia qualquer polarização em regime de poder de qualquer ordem - e sempre referente às questões propostas na atividade. Outro ponto forte é que os estudantes, nas aulas tradicionais, uns por ficarem dispersos, outros por timidez não participavam/ questionavam sobre conteúdo, punham-se a fazer perguntas. A Prof^a Ana Angélica percebeu que seus alunos, nos grupos interativos, passaram a interagir de modo mais constante

e significativo⁶, como também passaram a fazer perguntas quando não entendiam a explicação da professora sobre o conteúdo abordado.

Com a devolutiva, dos voluntários, em reunião posterior a vivência dos grupos Interativos e também por parte da Prof^a Ana Angélica, que acompanhava sistematicamente cada um dos grupos, observando e percebendo as dificuldades e avanços dos alunos, a docente se apropria dessas informações importantes para a retomada de conteúdos não apreendidos. Desse modo, a professora pôde balizar seu planejamento no sentido de trabalhar as mesmas atividades em suas aulas tradicionais, uma vez que resolverá junto com os(as) estudantes as mesmas questões desafiadoras que foram propostas e resolvidas pelos(as) participantes dos Grupos Interativos. A mesma relatou que, nesta fase, percebeu que a presença do mediador (voluntário) é de grande importância, porque os alunos se sentem mais orientados e facilitados para compreensão e construção do processo cognitivo, assim favorecendo uma aprendizagem mais significativa.

6. Como exemplo, cito a visível mudança comportamental apresentada por uma aluna do 6^o E, “Maria”, que fora descrita em particular pela Prof^a Ana Angélica como de difícil interação tanto com os(as) colegas quanto com os(as) professores(as). Como voluntária e mediadora, pude acompanhá-la nos subgrupos que integrou. Diante do conhecimento de sua situação, pude me aproximar um pouco mais e, assim, passei a estimular a interação/ comunicação dela com os demais participantes do Grupo Interativo. Com o desenvolvimento das atividades, pude perceber que sua relação com o grupo, antes centrada em ameaças, e com a professora, com indiferença, conforme relato da docente, foi mudando aos poucos – “Maria”, que nunca fazia as lições de casa, passou a fazê-las, passando também a interagir com todos de forma mais amigável e gentil -; notadamente quando passei a questioná-la sobre os conteúdos abordados, desafiando-a a apresentar aos/ as colegas os raciocínios e estratégias de que lançou mão para solucionar-las.

Como, por exemplo, no 6^o B, em uma aula que a Prof^a Ana Angélica abordou o conteúdo de operação com frações, um estudante externou verbalmente que não sabia fração, então, a professora retomou o conteúdo em diálogo com o aluno, este percebeu o que estava dificultando a construção do conhecimento desse conceito, para ele eram outros conceitos associados à fração, e ele relatou que pôde fazer essa descoberta no estudo no grupo interativo, uma vez que existe o mediador; que, neste caso, levou o grupo interativo a perceber a necessidade de outro conceito que desse suporte para compreensão do estudo de operações com fração: a operação matemática divisão. Ainda relatou que percebe nas turmas que já vivenciaram mais atividades com grupos interativos, um amadurecimento mais rápido para o desenvolvimento do raciocínio na construção do conhecimento. Quando é perguntado ao estudante se ele compreendeu o conteúdo explicado em aulas tradicionais, eles não conseguiam apontar as suas dificuldades, porém com as turmas que já foram vivenciadas mais atividades com grupos interativos, os alunos têm maior facilidade de apontar os conceitos que não conseguiram compreender, como também interagem mais com a professora.

É importante referir que no 6º ano B, a professora ainda fez atividades em grupos, mas com apenas metade dos grupos com a participação do mediador e a outra metade estava sem o mediado, ficando ela mesma responsável pela mediação desses grupos. A professora observou, com isso, que sem a presença dos mediadores, não conseguiu alcançar o resultado esperado, como aconteceu na turma E, por exemplo. Isso se deveu fundamentalmente ao fato de a aula de matemática no 6º ano B ser depois do recreio, no final do turno da manhã; enquanto que os voluntários têm mais disponibilidade de participar das ações da escola no primeiro turno do horário da manhã.

Entendendo a escola como uma instituição social radicada na alteridade, que não deve apenas respeitar as diferenças humanas, mas, também, valorizá-las e trabalhar a partir delas no intuito de favorecer e estimular a aprendizagem de todos os estudantes, da Escola Pedro Augusto, ao se integrar o Projeto Comunidades de Aprendizagem, vem implementando sistematicamente a AEE Grupo Interativo com o intuito de favorecer o trabalho de seus/suas professores(as) no que se refere à (re)organização de suas turmas no sentido de superar as diferenças entre os(as) estudantes que as compõem, bem como as dificuldades encontradas no tocante à construção do conhecimento visando uma aprendizagem de qualidade de forma interindividual e significativa.

Os Grupos Interativos, coordenados pela Profª Ana Angélica, envolvem suas turmas dos 6º anos B, C e E. Ela sempre acreditou que suas aulas deveriam despertar o interesse dos(as) estudantes, para que, assim, eles(as) pudessem se sentir motivados(as) e desafiados(as) a construir o conhecimento de maneira agradável. Segundo a docente, as dinâmicas dos Grupos Interativos têm mais sabor; despertam a solidariedade, a cooperação, o diálogo coletivo, intervenções positivas, e a aprendizagem é muito mais significativa para os estudantes, como pode ser constatado nos depoimentos a seguir (extraídos do próprio acompanhamento das vivências e de conversas com a Profª Ana Angélica a respeito dos resultados obtidos com a realização do trabalho pedagógico organizado em Grupos Interativos):

*É bom trabalhar assim porque um ajuda o outro (Estudante/
Participante 1).*

*Desse jeito eu presto mais atenção na tarefa. (Estudante/
Participante 2).*

*Eu gostei porque o professor ajuda mais a gente. (Estudante/
Participante 3).*

Passamos a acreditar que podíamos SER uma comunidade escolar diferente, pois o projeto trazia a possibilidade de Unir esforços para alcançar objetivos comuns; Responsabilidade compartilhada a respeito das decisões que afetavam a escola; Relações de diálogo igualitário entre o professorado, alunado e os familiares, fundamentado por pretensões de validade e não de poder e, também, Altas expectativas sobre o papel das famílias como motor de transformação do contexto e da melhora da convivência e excelência na aprendizagem. (Prof^a Ana Angelica dos Santos).

No caminhar, destes últimos meses, após a transformação em “Comunidade de Aprendizagem”, começamos a identificar mudanças significativas em nosso meio. Temos estado atentos a favorecer um diálogo igualitário permanente, promovendo um debate onde o direito a argumentar independe da posição hierárquica; a tomada de decisão é descentralizada; o compartilhamento de responsabilidade pelo ambiente escolar e metas a serem alcançadas é igualmente cobrado de todos e onde há, principalmente, um compromisso coletivo por uma aprendizagem mais significativa. (Prof^a Ana Angélica dos Santos).

De modo geral os alunos mostraram-se mais empenhados em desenvolver as atividades propostas. Também percebi que muitos parecem ter desenvolvido/ampliado habilidades para compartilhar o conhecimento: a interação entre eles é mais fácil, flui melhor. (Prof^a Ana Angélica dos Santos).

A experiência com os grupos interativos permite aos alunos vivenciar a acolhida das diferentes características dos colegas, com as quais as vezes eles escolhem não conviver; também há a diferença de conviver com outras pessoas, além da professora, com diferentes modos de agir e a possibilidade de maior atenção. Acredito que essa experiência pode ampliar a empatia, a solidariedade e melhorar a convivência. Há traços disso no 6ºE, [turma que] tem demonstrado maiores qualidades em aprendizagem e interação. (Prof^a Ana Angélica dos Santos).

Considerações finais

Este relato de experiências resultou do acompanhamento do Projeto Comunidades de Aprendizagem na Escola Prof. Pedro Augusto, Escola de Ensino Fundamental Anos Finais, localizada na Zona Norte da Cidade de Recife, bairro Fundão, tem uma característica que atende aos estudantes que não são oriundos do próprio bairro, mas de bairros adjacentes. Ressaltamos que a referida instituição escolar vivenciou de forma paulatina as cinco etapas de transformação: Sensibilização, Tomada de decisão, Sonho, Seleção de Prioridades e Planejamento, sendo vividas com bastante otimismo, credibilidade e muita mobilização por parte de todos que fazem a escola Pedro Augusto. A gestora, Prof^a Cleia Sandra Gonçalves Cabral, compreendeu o significado e a importância que esse projeto traria de benefícios na aprendizagem e mudança de atitudes dos estudantes e também de toda comunidade escolar.

Com isso, vislumbra-se que essa escola venha a ser uma comunidade escolar diferente; que propõe unir esforço para alcançar objetivos comuns; responsabilidade compartilhada a respeito das decisões; relações de diálogos igualitários; melhoria da comunidade e excelência na aprendizagem.

O desenvolvimento das aulas em grupos interativos permite a visualização do processo de ensino e aprendizagem por parte do(a) professor(a) responsável em sua inteireza e amplitude; majoritariamente, quando do retorno às aulas tradicionais, esta dinâmica oferece como possibilidade didática a verificação do processo de construção de conhecimento ao permitir a docente e também aos estudantes participantes como o saber se constitui, disciplinar e interdisciplinarmente, relacionado à construção dos conceitos discutidos/ significados individualmente nas aulas normais (tradicionais) e rediscutidos, ressignificados interindividualmente (interdisciplinarmente/Grupos Interativos).

Em reunião destinada à discussão e planejamento pedagógico do ano letivo de 2018, os Grupos Interativos foram incluídos no Projeto Político-pedagógico da escola. As atividades desenvolvidas pelos/ nos grupos serão realizadas às quintas-feiras (assim como as Tertúlias

Literárias, que acontecerão às terças); o que demonstra a consolidação do Projeto Comunidade de Aprendizagem na Escola Pedro Augusto.

Como professores(as), acreditamos que o aprender se consuma quando existe uma interação entre professor, estudantes e o conhecimento, resultando em uma aprendizagem significativa. Uma comunidade de aprendizagem configura-se, consoante as pesquisas realizadas pelo centro CREA e também pelas nossas observações das atividades realizadas na Escola Pedro Augusto, como um modelo privilegiado para se construir o conhecimento com os(as) estudantes. Esperamos, pois, que a descrição das ações que acompanhamos na citada instituição de ensino ateste suficientemente aquilo que estamos afirmando.

6. REFERÊNCIAS:

AUBERT, Adriana; FLECHA, Ainhoa; GARCÍA, Carme; FLECHA, Ramón; RACIONERO, Sandra. Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos, EdUSCar, 2016.

BRIGHOUSE, Harry. Sobre educação. Trad. Beatriz Medina. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CAMBI, Franco. A história da pedagogia. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

INSTITUTO NATURA. Comunidade de aprendizagem. S.d.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1986.

MELLO, Roseli Rodrigues; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. Comunidade de aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: EdUSCar, 2014.

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes de; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. A interação social descrita por vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede. IX ANPED SUL: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

PAGNI, Pedro Angelo; SILVA, Divino José da. (Orgs.). Introdução à filosofia da educação: temas contemporâneos e história. São Paulo: Avercamp, 2007.



Comunidade de
Aprendizagem

O Princípio da Transformação: em busca de possibilidades.

Simone Cassiani

Resumo

“Não sou um ser no suporte, mas um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Um ser que faz coisas, que sabe, que ignora, que teme, que fala, que se aventura, que sonha, que ama, que tem raiva, que se encanta. Um ser que recusa a seguir, não importa em que momento ou tipo de história, na condição de mero objeto.” (FREIRE, 2013, p. 95).

PALAVRAS-CHAVE:

Transformação, Aprendizagem Dialógica, Comunidade de Aprendizagem, Formação de Gestores.

O presente texto é um relato de experiência que busca disseminar o princípio da transformação, um dos sete princípios da aprendizagem dialógica, referencial teórico do projeto Comunidades de Aprendizagem. A escolha por esse princípio se deu a partir do desafio de se transformar dificuldades em possibilidades, na perspectiva pessoal e coletiva, por meio de ações práticas de uma Secretaria Municipal de Educação do interior do Estado de São Paulo. O objetivo é apresentar uma experiência de articulação e sensibilização em Comunidades de Aprendizagem de uma rede de ensino, focalizando o princípio da transformação presente no conceito de Aprendizagem Dialógica.

Introdução

Diante de tantos desafios da educação brasileira, como por exemplo, recursos financeiros, vagas em creches, valorização do profissional do magistério, alfabetização até os 8 anos de idade, gestão democrática, dentre outros, previstos no Plano Nacional de Educação – PNE – (Brasil, 2014), queremos discutir nesse texto possibilidades. Possibilidades essas que estão ligadas à gestão escolar municipal ao ter a iniciativa de implementar uma proposta com vistas à melhoria da qualidade educacional, baseada em princípios e em pesquisas científicas consolidadas, como o Projeto de Pesquisa IncludEd, que teve como principal objetivo

(...) analisar estratégias educacionais que contribuem para a coesão social e estratégias educacionais que levam à exclusão social, no contexto da sociedade europeia baseada em conhecimento, proporcionando elementos chave e linhas de ação para melhorar as políticas educacionais e sociais. (CREA, 2012, p. 5)

Ao conhecermos o Projeto Comunidade de Aprendizagem, por meio do Instituto Natura, baseado na pesquisa supra citada, nós da Secretaria Municipal de Educação (SME), do município de Amparo, vimos possibilidades de mudar o atual cenário da educação municipal. Naquele momento, indagamos: “É hora de transformar?”; “Será que é possível?”; “É disso que estamos precisando?”. Essas interrogações da equipe técnica, juntamente com a Secretária de Educação e os representantes do Instituto Natura, nos colocaram este desafio: transformação, e é dele que iremos falar nesse texto com uma breve descrição e análise do momento vivido.

O projeto Comunidade de Aprendizagem “é um processo de transformação da escola e seu entorno por meio da implementação de Ações Educativas de Êxito que favorecem a participação da

comunidade, com o objetivo de superar as desigualdades sociais.”
(INSTITUTO NATURA, 2017a, p. 5)

Com essa explicação e a proposta de realizar uma formação intensiva para os gestores e gestoras das escolas e equipe técnica da SME, a Secretária de Educação do município de Amparo tomou a decisão de implementar o projeto Comunidade de Aprendizagem, mesmo considerando, que é um grande desafio por se tratar de uma proposta de transformação social e cultural.

O primeiro passo foi dado e logo veio a apresentação aos gestores da rede municipal. Como em todo projeto, alguns gostaram, outros nem tanto, porém, como diz Freire (2013, p. 32) “... estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros”. Dessa forma, todos os gestores foram convocados a conhecer o projeto e a participar da formação.

Estamos ainda na primeira fase de implementação da proposta: articulação/sensibilização, que, de acordo com as orientações do Caderno de Implementação (Instituto Natura, 2017b, p. 10) é constituída de dois momentos: articulação com os responsáveis pelas ações de formação e acompanhamento (gestores escolares, equipe técnica da SME) e, em seguida, encontros de formação em Comunidade de Aprendizagem. A decisão em se tornar uma Comunidade de Aprendizagem será feita após a formação e contará com a participação da comunidade escolar.

Desenvolvimento do trabalho

A primeira reflexão que nos inspira a escrever sobre a transformação são as dificuldades existentes nas escolas para se inovar, para mudar os velhos hábitos de lousa e giz, de fileiras de carteiras, com alunos sentados uns atrás dos outros, e do professor como detentor do saber; e, além disso, um gestor autoritário que toma as decisões do que ele, sozinho, pensa que é bom para a escola. Aubert et al (2016, p. 12) afirmam que

(...) inovação, aqui, significa ação consciente e compromissada com a superação das desigualdades e valorização do convívio respeitoso na diferença e na diversidade, com base em conhecimento comprovado em diferentes áreas, crivado pelo debate público entre diferentes sujeitos envolvidos nos processos educativos.

Logo, trazemos para nossa discussão a Lei nº 13005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação e apresenta a “Meta 19: assegurar condições, no prazo de 2 (dois) anos, para a efetivação da gestão democrática da educação, associada a critérios técnicos de mérito e desempenho e à consulta pública à comunidade escolar; no âmbito das escolas públicas, prevendo recursos e apoio técnico da União para tanto”. (BRASIL, 2014).

Ora, se já temos uma lei que estabelece que a escola precisa inserir em sua rotina de trabalho um modelo de gestão democrática que pressupõe a participação efetiva dos vários segmentos da comunidade escolar em todos os aspectos da organização da escola, vimos que esse projeto pode incidir positivamente na transformação dos atores envolvidos com a escola e, o mais importante, com a aprendizagem das crianças. O papel do professor, como afirma Freire (2016, p. 155), não pode nem deve se omitir ao propor sua leitura do mundo, é salientar que há outras leituras de mundo, diferentes da sua e às vezes antagônicas a ela. Assim, uma escola democrática descobre diferentes perspectivas em diferentes atores da sociedade.

De acordo com Redondo-Sama (2015), estudos como os de Leithwood, Day, Sammons, Harris & Hopkins (2006, apud Redondo-Sama, 2015) e Witziers, Bosker & Krüger (2003, apud Redondo-Sama, 2015) têm demonstrado que a liderança educacional se reverte em melhorar a educação, a qualidade de ensino e os resultados acadêmicos. Além disso, outros estudos, como os de Houston, Blankstein & Cole (2010, apud Redondo-Sama, 2015) e Sanders & Harvey (2002, apud Redondo-Sama, 2015), revelam que o desenvolvimento de formas de liderança efetiva que vai além das paredes da escola e consegue a melhoria de bairros, famílias e comunidades é um dos temas de crescente interesse em contribuições teóricas e empírico em liderança .

E desta forma, eis que o projeto Comunidade de Aprendizagem se tornou uma possibilidade de ouvir e dar voz a esses segmentos da sociedade, promovendo uma participação ativa, cujo papel do gestor é essencial para a transformação da escola, se nos posicionarmos de maneira dialógica frente às dificuldades.

DE QUE FORMA ISSO ACONTECE

A meta 19 do PNE também é uma meta do Plano Municipal de Educação – PME – do município em estudo, a qual tem sido discutida junto às equipes gestoras das Unidades Escolares municipais. Acreditamos que o projeto Comunidade de Aprendizagem tem colaborado para esse diálogo, talvez ainda não igualitário (como veremos a seguir), mas um diálogo que permite pensarmos juntos sobre as decisões que envolvem uma rede de ensino.

Partiremos da ideia de inovação para transformação, baseado na perspectiva do sujeito que aprende, que traz pra si os princípios e valores apresentados nesse projeto.

Como diz Vygotsky (1998), toda aprendizagem acontece, em um primeiro momento, no plano social e, posteriormente, é apropriada pelo sujeito no plano individual, de forma que tudo aquilo que incorporamos como aprendizagem vem sempre precedida de uma

interação, até que passa a fazer parte do sujeito. Para o autor, a aprendizagem não acontece independente do entorno sociocultural em que os alunos estão inseridos, mas a partir da interação com todos os sujeitos. Esses sujeitos fazem parte da comunidade e podem contribuir muito mais quando participam da escola, a partir das Ações Educativas de Êxito, ou seja, “aquelas que comprovadamente produzem resultados positivos ao serem desenvolvidas em diferentes contextos, no alcance da máxima aprendizagem instrumental por todos os estudantes e convívio respeitoso entre todos”. (BRAGA e MELLO, 2014, p. 166).

Mas para entendermos como essas Ações Educativas de Êxito podem contribuir com a aprendizagem dos alunos e com a melhoria dos resultados escolares, transpondo os muros da escola e diminuindo as desigualdades sociais, precisamos falar da fundamentação teórica de uma Comunidade de Aprendizagem: a aprendizagem dialógica.

Aubert et al (2016) descrevem que a principal característica da aprendizagem dialógica é a interação e a comunicação como fatores-chave do aprendizado e que “é fruto das análises científicas de atuações educativas que têm tido mais sucesso em alcançar, na sociedade atual, os objetivos que planejamos: superação do fracasso escolar, melhoria da convivência, etc.” (p. 25).

Marigo, Logarezi e Mello (2015, p. 145) afirmam que

a aprendizagem dialógica resulta das interações entre pessoas que se disponham a dialogar, de maneira igualitária, para conectar suas ações e, assim, superar problemas compartilhados na realidade em que se encontram. Sua concretização pressupõe a orientação por sete princípios, articulados entre si: diálogo igualitário, inteligência cultural, dimensão instrumental, transformação, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

Conforme Mello (2003), os princípios da aprendizagem dialógica podem ser encontrados em Flecha (1997), Sanches Arouca (1999), Valls y Carol (2000), ElbojSaso (2001), e, de acordo com Flecha e Mello (2005, p. 2), os sete princípios são indissociáveis:

1. Diálogo igualitário: em uma Tertúlia são respeitadas todas as falas igualmente; nenhuma pessoa pode impor a sua ideia às demais. O pressuposto é de que o encontro se dá entre sujeitos capazes de linguagem e ação. Assim, as diferentes manifestações são consideradas em função da validade dos argumentos e não da posição de poder de uns sobre outros;

2. Inteligência cultural: ao longo de nossa vida, aprendemos muitas coisas e de maneiras muito diversas. Assim, todas as pessoas têm as mesmas capacidades para participar num diálogo igualitário. Esta inteligência e desenvolve segundo os contextos de inserção das pessoas, permitindo, portanto, reformulações constantes a partir das novas inserções e interações;

3. Transformação: a aprendizagem através do diálogo permite viver transformações pessoais quanto à autoimagem e quanto à maneira de se pôr no mundo, produzindo transformações nas relações estabelecidas no entorno imediato e podendo chegar a implicações mais amplas;

4. Aprendizagem instrumental: o acesso a um conhecimento sistematizado em conteúdos e habilidades acadêmicos não é desprezado; o dialógico não se opõe ao instrumental, mas sim à colonização tecnocrática da aprendizagem;

5. Criação de sentido: a aprendizagem dialógica está baseada na construção de significados pelas pessoas em interações com seus iguais: educadores/as, familiares, participantes, vizinhos, etc. É a possibilidade de sonhar e agir, dando sentido à própria existência;

6. Solidariedade: encontra-se na gratuidade da atividade no apoio a pessoas que têm vergonha de expor suas ideias. Destas relações de respeito, vão nascendo ações de solidariedade nos encontros e na comunidade mais ampla;

7. Igualdade de diferenças: o mesmo direito de cada pessoa de viver de forma diferente. As pessoas têm garantido o igual direito a expor suas ideias e argumentar, não se pretendendo uma homogeneização de opiniões e pontos de vista, mas o conhecimento de diferentes perspectivas e a potencialização de processos reflexivos.

Os princípios da aprendizagem dialógica estão presentes em todo o projeto Comunidade de Aprendizagem. Baseado na busca da coerência entre a intenção e a ação, vamos discorrer sobre o princípio da transformação e o processo pelo qual a Secretaria Municipal de Educação (SME) está se transformando.

O PRINCÍPIO DA TRANSFORMAÇÃO

Tendo em vista que o princípio da transformação trata da aprendizagem por meio do diálogo, o qual permite viver transformações pessoais quanto à autoimagem e quanto à maneira de se pôr no mundo, produzindo transformações nas relações estabelecidas no entorno imediato e podendo chegar a implicações mais amplas, queremos destacar a importância da formação científica em Comunidade de Aprendizagem. Precisamos dialogar com esses sujeitos que ensinam, isto é, a profissão de professor envolve inúmeras situações de incertezas, de “como fazer” e alcançar melhores resultados e é preciso pensar sobre a mudança da prática pedagógica para que as novas ideias sejam colocadas aos atores da escola.

Durante o ano de 2017, a equipe técnica da SME e os gestores escolares participaram de uma formação de 84 horas sobre o Projeto Comunidade de Aprendizagem, promovido pelo Instituto Natura, a fim de conhecer a estrutura e a fundamentação teórica, bem como colocar em prática algumas das Ações Educativas de Êxito. O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, a partir do acompanhamento das formações, registros, observações e reflexões pessoais acerca do processo de transformação dos profissionais da educação, durante um período de aproximadamente 10 meses. Essas reflexões foram baseadas

na revisão bibliográfica sobre a aprendizagem dialógica, especialmente no princípio da transformação.

Pudemos observar pequenas mudanças nas condutas das reuniões de equipe¹, por exemplo: as pautas transformaram-se em formativas e problematizadoras. Questões que antes eram definidas pela gestão da SME, passaram a ser discutidas, pactuadas, registradas e encaminhadas aos gestores. A proposta da Secretária Municipal de Educação foi de receber as dúvidas e sugestões dos gestores anteriormente, por e-mail, reunir-se com a equipe técnica e pedagógica, discutir, levantar hipóteses, entender e buscar respostas, quando essas não dependiam apenas desse grupo, e definir a pauta. Assim, a pauta apresenta uma Tertúlia Dialógica² (literária, musical, pedagógica), informações e discussões. Por exemplo: houve uma reorganização da Educação Infantil: discutiu-se em reunião com todos os gestores e chegou-se à conclusão que era necessário levantar dados mais específicos. Então, organizamos um Grupo de Trabalho, com representação de diretores de escola, para pensar na proposta e, posteriormente, apresentá-la aos demais gestores e definir as alterações para o próximo ano (2018).

Percebemos que ações como essa já trouxeram benefícios. A percepção dos gestores nessa nova dinâmica e a participação coletiva implicam em corresponsabilidade, isto é, os gestores participaram da tomada de decisão, pautados em dados levantados por eles e pela SME, ou seja, ajudaram a definir tais propostas, que eles mesmos colocarão em prática em 2018. Outro ponto a ser destacado é o encaminhamento de ata após a reunião, com as decisões acordadas, pois isso facilita as ações do gestor na escola.

1. Reuniões de equipe tratam-se de encontros mensais da Secretária Municipal de Educação e equipe técnica e pedagógica com os gestores das escolas municipais.

2. Tertúlia Dialógica é uma das Atuações Educativas de Êxito. “É uma prática de leitura dialógica que consiste em um encontro ao redor da literatura, no qual os participantes leem e debatem, de forma compartilhada, obras clássicas da literatura universal.” (INSTITUTO NATURA, 2017a, p. 3)

De acordo com estudos realizados e publicados pelo Instituto Natura (2017a, p. 24), Paulo Freire é considerado o autor mais importante da educação do século XX, pois desenvolveu a ideia de ação dialógica, na qual o diálogo é o processo básico para a aprendizagem e a transformação da realidade. Dessa forma, é um dos autores que nos ajuda a entender o princípio da Transformação, pois destaca a condição do ser humano que, ao agir, transforma seu entorno e o mundo. E é isso que queremos. Queremos professores e gestores que se coloquem como sujeitos de transformação e não de acomodação.

Acreditar que as pessoas e a sociedade podem mudar e que a escola é um agente de mudança já é um grande avanço. “Sem o sonho de uma melhora coletiva, não é possível realizar a atividade transformadora”. (AUBERT et al, 2016, p. 163)

Ao mesmo tempo, Freire (2005, p. 93) nos diz: “Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.”

Nesse sentido, devemos sim acreditar que os ideais e as altas expectativas em relação aos nossos alunos têm a força da mudança. Se um projeto educativo ou social melhora a educação e a sociedade, logo produz melhores aprendizagens. E o sonho, quando compartilhado, conduz à transformação da educação e da sociedade. É o que nos comprova o Projeto IncludEd, (CREA, 2012), com vastas experiências nesse sentido.

Como afirma Freire (2013), trata-se de transformar as dificuldades em possibilidades. Por isso, na luta pela mudança, não podemos ser nem só pacientes, nem só impacientes. Quando a paciência, que jamais se inquieta, pode imobilizar a prática transformadora, bem como, a impaciência, que exige o resultado imediato da ação, enquanto ainda a planeja. Para ele, o caminho está na dosagem entre a paciência e a impaciência, pois não se transforma o mundo com apenas uma ou outra, pois se precisam de ambas.

Desta forma, Aubert et al (2016, p. 163) nos alerta que “sem horizontes desafiadores é difícil melhorar a educação”, e mais ainda “é a esperança de um futuro melhor que cria sentido em ir à escola e ali aprender”.

De acordo com Vygotsky (1998), a aprendizagem e o desenvolvimento estão vinculados ao contexto sociocultural. Portanto, se transformarmos as interações e o contexto social, poderemos favorecer a aprendizagem.

Baseando-nos em pesquisas publicadas pelo Instituto Natura (2017a,

p. 27 e 28) podemos afirmar que o princípio da Transformação se dá em dois eixos distintos: um que trata a transformação nas próprias pessoas e outro nos contextos em que vivem. Sendo assim, no âmbito social, o sujeito atua como agente transformador da realidade, pois acredita que a escola é um agente de transformação que possibilita conquistas cada vez maiores e melhores, em busca da superação das desigualdades educacionais e sociais. Como afirmam Aubert et al (2016):

Quando a prática educacional diária de todos os agentes educacionais é orientada pelo desejo de transformação das dificuldades em possibilidades, da desigualdade em igualdade, dos níveis baixos de aprendizagem nos mais altos, dos conflitos em solidariedade, da exclusão em inclusão, etc., então há maiores possibilidades de encontrar mais e melhores soluções para os obstáculos. Além disso, a orientação transformadora de nossas ações ajuda enormemente a superar a cultura da queixa, que coloca freios na transformação igualitária da educação, e a substituí-la pela linguagem da possibilidade e a cultura da ação transformadora. (AUBERT et al, 2016, p. 165).

Nesse sentido, aproveitamos os estudos de Mead (1973, apud Aubert et al, 2016, p. 147), autor que afirma que “toda a natureza da inteligência é social até a medula – então, colocar-se no lugar do outro não é simplesmente um dos diferentes aspectos ou expressões de inteligência ou conduta inteligente, mas é a própria essência de seu caráter”. Dessa forma, quando a equipe gestora propõe novas formas de trabalho e atitudes baseadas nos princípios da aprendizagem dialógica, “desenvolvem essa capacidade de ‘adotar a atitude do outro’, o que torna a própria conduta mais eficiente”.

É importante, então, manter as ações coerentes com os princípios. As mudanças não acontecem por acaso, elas demoram, e é preciso se perguntar e refletir: o que, na minha postura, está facilitando ou dificultando o diálogo igualitário ou a vivência dos princípios da aprendizagem dialógica?

Finalizando, Aubert et al (2016, p. 161) afirmam que “os autores e autoras mais referenciados pela comunidade científica internacional

concordam em atribuir às pessoas, individual ou coletivamente, a capacidade de transformação da sociedade e de si mesmas”. E ainda “reconhecem que a educação tem um papel fundamental na superação das desigualdades sociais”.

Desta forma, precisamos continuar investindo na formação para que todos possam compreender o sentido da inovação para a transformação, de si e dos outros, na construção de uma comunidade mais participativa e dialógica, mais justa e mais coerente, em prol da aprendizagem de todos os alunos.

Considerações finais

Podemos destacar que a aprendizagem dialógica se mostra relevante para enfrentarmos os desafios apresentados pelo contexto escolar e promover ações de transformação da própria pessoa (particular) e do coletivo (social), buscando a transformação da qualidade da aprendizagem e do convívio na escola.

Desta forma, a equipe da Secretaria Municipal de Educação e os gestores das escolas estão num processo de sensibilização em Comunidade de Aprendizagem, uma etapa que, de acordo com Braga e Mello (2014), garante a todos, atores da escola e da comunidade, o conhecimento que abrange as bases teórico-metodológicas da proposta, o contexto atual, aprendizagem dialógica, dinâmicas de funcionamento de uma Comunidade de Aprendizagem, etc. Além disso, os professores estão se dedicando a discutir suas implicações para a transformação do contexto educacional. É a partir da sensibilização que se dirige a uma tomada de decisão coletiva, a qual todos precisam estar de acordo com o desenvolvimento da proposta na escola.

Por fim, durante o processo de formação que estamos vivenciando, já temos clareza da necessidade de transformar as dificuldades em oportunidades para todos adquirirem conhecimento e novas aprendizagens, tornando cada vez menores as desigualdades educacionais e sociais. Sabemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido quando tratamos de gestão democrática, de diálogo igualitário, mas vimos que a transformação também faz parte de um dos princípios e que, enquanto há possibilidade de transformação, há sonho e esperança.

REFERÊNCIAS

AUBERT, A. et al. Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos: EduFSCar, 2016.

BRAGA, F. M.; MELLO, R. R. Comunidades de Aprendizagem e a participação educativa de familiares e da comunidade: elemento-chave para uma educação de êxito para todos. Educação Unisinos 18(2):165-175, maio/agosto 2014. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449644343008>. Acesso em 26dez.2017.

BRASIL. Lei nº 13005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, junho 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 15out.2017.

CENTRO ESPECIAL DE INVESTIGACIÓN EM TEORIAS Y PRÁCTICAS SUPERADORAS DE DESIGUALDADES (CREA). Relatório INCLUD-ED final - Estratégias para a inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. 2012. Disponível em <http://www.comunidadedeaprendizagem.com/material-biblioteca/12/INCLUD-ED-versao-em-portugues>. Acesso em 26dez.2017.

FLECHA, R.; MELLO, R. R. de. Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias. Presente! Revista de Educação, ano 13, n.º 48, Salvador, mar. 2005. Disponível em <<http://www.comunidadedeaprendizagem.com/uploads/materials/210/152d8c5158c8e403bd4efb9ef106f950.pdf>>. Acesso em 15out.2017.

FREIRE, P. À sombra desta mangueira. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 23ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. Pedagogia do Oprimido. 42ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

INSTITUTO NATURA. Fichário de Comunidade de Aprendizagem. São Paulo, 2017a.

_____. Caderno de Implementação. Comunidade de Aprendizagem. São Paulo, 2017b.

MARIGO, A. F. C.; LOGAREZZI, A. J. M.; MELLO, R. R. de. Aprendizagem dialógica na escola, na pesquisa e na formação docente: contribuições do “Projeto Roda com Arte”. Revista Educação

e Linguagens, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jun. 2015. Disponível em <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/805/435>>. Acesso em 15out.2017.

MELLO, R.R. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. Contrapontos - volume 3 - n. 3 - p. 449-457 - Itajaí, set./dez. 2003. Disponível em <<https://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/740/59>>. Acesso em 15out.2017.

REDONDO – SAMA, G. (2015). Liderazgo dialógico en Comunidades de Aprendizaje. Intangible Capital IC, 2015 – 11(3): 437-457 – Online ISSN: 1697-9818 – Print ISSN: 2014-3214 Disponível em <http://dx.doi.org/10.3926/ic.651> Acesso em 26dez.2017.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



Comunidade de
Aprendizagem

Recreio: um espaço de convivência e respeito, construído através do modelo dialógico de prevenção e resolução de conflitos e violência

Tânia de Andrade Magalhães

Resumo

PALAVRAS-CHAVES:

Diálogo Igualitário, Conflitos,
Prevenção, Relações Dialógicas,
Respeito, Aprendizado

Este texto é um relato de experiência sobre o início da implantação na E.M.E.B. “Professora Ana Isabel da Costa Ferreira”, da Atuação Educativa de Êxito: Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos. Com a finalidade de resolver seus problemas de disciplina e melhorar o momento do recreio foi decidido a implantação do Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos, envolvendo todos os segmentos e utilizando o princípio do diálogo igualitário; as regras de convivência foram discutidas e se chegou a um consenso. Por meio das assembleias as diferentes vozes, anseios e desejos foram ouvidos e isto possibilitou mudanças e adequações. Através desta atuação educativa de êxito os envolvidos tornaram o recreio um momento prazeroso e de aprendizado para todos, transformando assim mais um aspecto esta unidade escolar e, principalmente, melhorando a função social da escola que é o aprender.

Introdução

Este texto se destina à Certificação de Formadores do Projeto Comunidade de Aprendizagem, parceria entre o município de Mogi Mirim e o Instituto Natura e deste com Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) através Núcleo de Investigação e Ação Social Educativa (NIASE) e Comunidade de Investigação em Excelência para Todos (CREA) da Universidade de Barcelona.

Tem o objetivo de ser um relato de experiência de como se iniciou a implantação de uma Atuação Educativa de Êxito o Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos na E.M.E.B. “Professora Ana Isabel da Costa Ferreira”.

A E.M.E.B. Ana Isabel da Costa Ferreira localizada em um bairro periférico que atende alunos na faixa etária de 4 a 12 anos, ou seja, da educação infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental.

No ano de 2015, o município de Mogi Mirim aderiu ao Projeto Comunidade de Aprendizagem. Neste mesmo momento, após o processo de sensibilização, a E.M.E.B. “Professora Ana Isabel da Costa Ferreira”, em votação nos diferentes segmentos, resolveu aderir ao projeto e iniciou o processo de transformação, trazendo pais, professores, alunos e o entorno para sonhar por uma escola melhor:

Junto com a comunidade, criou-se sua comissão mista, categorizando os sonhos de todos e passou gradativamente a efetuar as Atuações Educativas de Êxito, que chamaremos de A.E.E.

Durante 2015 e 2016 ocorreu a implantação das Tertúlias Dialógicas Literárias e dos Grupos Interativos, além de dar continuidade à transformação da escola através dos sonhos.

A escola, neste mesmo período, passou por um processo de

mudança, expandindo seu atendimento devido à entrega de vários prédios do programa federal Minha casa, Minha vida.

Com este movimento, a unidade escolar passou a ter mais de 590 alunos, atendendo sua demanda em dois períodos, com 26 a 29 discentes por sala.

A entrada de alunos das mais variadas regiões da cidade e que possuíam distintas histórias de vida ampliou os conflitos que havia na escola. Desta forma, foi necessário repensar ações que pudessem melhorar o convívio diário, bem como envolvessem a todos nas atividades e que estes participassem de maneira respeitosa.

Os conflitos eram intensos e variados: em alguns momentos a equipe gestora, os funcionários e professores não enxergavam soluções.

Após uma visita da formadora do Instituto Natura, Priscila Collet, que apontou algumas reflexões, a equipe da escola e a comissão mista resolveram iniciar a implantação do Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos.

A escola já estava passando há algum tempo por mudanças, e seus vários segmentos tinham a consciência de que dar voz e realizar uma escuta respeitosa leva à melhoria e à transformação nas relações e na aprendizagem de modo geral, como afirma Teresa Sordé:

Se conseguimos analisar em profundidade e compreender a raiz da violência, não só identificaremos mais de perto os casos que ocorrem em torno de nós, mas também vamos colocar em prática todos os dias atuaremos e promoveremos interações que promovam relacionamentos iguais e respeitosos. (SORDÉ, p.07)

Assim, este trabalho se dedica a este tema e se desenvolverá em três partes: a primeira na qual há uma retomada do escopo teórico desta A.E.E. e o relato dos conflitos e situações existentes na escola antes da implantação. Posteriormente far-se-á uma análise do caminho percorrido, e por fim, serão apontados os desafios e as conquistas existentes.

Desenvolvimento do trabalho

UMA SITUAÇÃO DE INDISCIPLINA E CONFLITO

Nesta sociedade informacional estamos vivendo uma crise de autoridade; os velhos paradigmas já não funcionam. A autoridade pela hierarquia, pela posição já está gasta e os meninos e meninas não reconhecem nestas um elo para o aprendizado, principalmente o aprender a ser:

Como Mello, Braga e Gabassa afirmam:

Mais recentemente, fins do século XX, os constantes conflitos dentro da escola e altos índices de não aprendizagem dos conteúdos escolares, pelas crianças e jovens, denunciam a inoperância do trabalho da escola, pautado nos seus antigos pressupostos. Isto remete a se considerar que o trabalho da instituição, tal qual vinha sendo entendido e realizado, já não atende à demanda e nem a anseios. Assim, é preciso transformar a escola. (MELLO, BRAGA e GABASSA, 2014, p.19.)

Na E.M.E.B. “Professora Ana Isabel da Costa Ferreira” não era diferente, principalmente depois que a escola aumentou o contingente de alunos.

Os problemas no recreio eram inúmeros:

- Os alunos corriam o tempo todo, colocando-se em situação de perigo;
- Na hora em que batia o sinal todos gritavam e corriam ainda mais para poderem beber água ou ir ao banheiro;
- Muitos conflitos entre alunos aconteciam neste momento;

- Os alunos não ouviam as inspetoras e ignoravam suas orientações.

Em visita de acompanhamento realizada pela formadora Priscila Collet, do Instituto Natura e em reflexão junto com a equipe gestora, a mesma levantou questionamentos como:

- Já perguntaram para as crianças por que há tanta correria no recreio?
- Por que gritam quando batem o sinal?
- Qual a necessidade de fila, se todas crianças já sabem onde é sua sala?
- Como as inspetoras conversam com as crianças?

Com a reflexão produzida com os apontamentos da formadora, a equipe gestora, os alunos e as inspetoras buscaram um caminho para mudar a situação e resolveram implantar a A.E.E. Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos.

A IMPLANTAÇÃO DO MODELO DIALÓGICO DE PREVENÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

O Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos é uma das Atuações Educativas de Êxito da Comunidade de Aprendizagem.

Esta A.E.E. traz em seu bojo, princípios como: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

O Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos é uma atuação que utiliza o diálogo igualitário como instrumento, com a participação dos vários segmentos, como alunos, professores, funcionários, pais e comunidade para prevenção e resolução dos conflitos.

Nesta atuação, o diálogo igualitário se faz presente, sendo decisivo ouvir a todos com o mesmo peso e respeito, pois a força está na argumentação e não na posição hierárquica.

O consenso é elaborado através da diversidade de argumentos, para que seja respeitado por todos, que se veem nas normas e acordos. Como afirma o Caderno de Formação:

Criar oportunidades de diálogo (em assembleias, conselhos, reuniões de Classe, comissões, etc) evita conflitos. Isso requer o envolvimento de toda a Comunidade para estabelecer as causas e origens dos conflitos e suas Soluções, enquanto o conflito está latente. (Instituto Natura, 2017, p.102)

Assim, conceitos como diálogo, argumentação, consenso e deliberação são marcas desta atuação, principalmente, com o objetivo de educar para o respeito e boa convivência, como afirma em Caderno de Formação:

Como todo comportamento humano, a violência e o desrespeito com o Outro são aprendidos e adotados socialmente conforme são ou não aceitos. Por isso, é papel da escola adotar práticas pedagógicas que ensinem em todos os espaços a boa convivência e o respeito como norma (INSTITUTO NATURA, 2017, p.103)

Primando pela implantação desta A.E.E. é necessário:

- Não banalizar ou naturalizar justificando qualquer forma de violência, evitando falas como: isto é coisa de criança ou mesmo ele é nervoso não liga para ele;
- Apoiar a vítima em primeiro lugar, se solidarizando com a mesma e evitar o seu isolamento, quebrando o silêncio e criar redes solidárias; que os valentes (crianças que juntas se tornem forte), desaprovem o agressor e se posicionem a favor das vítimas;
- Tornar público a desaprovação com o agressor, não

permitir o apoio, mesmo que seja com a omissão, fomentar que o agressor seja rechaçado;

- Incentivar que as crianças desde pequenas entendam e respeitem a questão de que não é não, ou seja, não tocar no corpo do outro sem o consentimento do mesmo e não permitir que ninguém toque o seu corpo.
- Incentivar e orientar a escolha dos bons modelos de socialização e de amigos;
- Construir através do respeito, do diálogo igualitário novas formas de masculinidades.

Assim, pode-se dizer que, com a implantação desta A.E.E haverá transformação, como afirma Alinhoe Flecha et AL:

Para isso, é necessário realizar um trabalho conjunto que afete todos os processos de socialização. As escolas porque são espaços onde ocorre um grande número de interações que influenciam a socializam (entre pares, familiares, professorado...) se tornam motores importante de transformação e construção de relações igualitárias livres de violência. (FLECHA et al – 2009 – p.91)

Em busca do escopo apontado acima, a vice-diretora, Elaine Depieri resolveu fazer o curso Ensino a Distância (EAD) do módulo Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos alocado no site Comunidade de Aprendizagem, bem como releu o Caderno de formação, citado na bibliografia deste artigo.

Já munida de algum conhecimento incentivou e acompanhou as inspetoras para que estas também realizassem o curso EAD sobre a AEE, bem como algumas professoras.

As inspetoras sentaram por algumas semanas com a vice-diretora para realizarem o curso em horário de trabalho e estudaram juntas.

Com a capacitação puderam entender o conceito de diálogo

igualitário, bem como de uma ação dialógica, assim, afirma-se que perceberam, como reafirma Adriana Aubert et al, resgatando as ideias de Paulo Freire:

Em um ambiente dialógico de ensino e aprendizagem são geradas perguntas, e quem pergunta sabe muito bem por que está fazendo isso. As ações dialógicas criam espaços educacionais em que não existe silêncio, inclusive quando não se fala, porque "os educadores democráticos não estão- são dialógicos" [...] Em sua teoria da ação dialógica, Freire distingue entre ações dialógicas, ou seja, que promovam o entendimento, a criação cultural e a liberação, e as ações antidialógicas, aquelas que negam a possibilidade de diálogo, distorcem a comunicação e reproduzem o poder. (AUBERT ET AL, 2016, p.104)

Assim, pode-se afirmar que, com a formação, os envolvidos puderam entender a diferença entre o modelo disciplinador, que até então tinham na escola e as chamadas pretensões de poder. Por outro lado, se apropriaram do modelo dialógico para dar voz e vez a todos os envolvidos, com o intuito de qualificar o espaço e o tempo do recreio.

Quando optaram por realizar reuniões com as crianças e a comunidade educativa, com o desejo de desenvolver também um aprendizado para melhorar as relações entre alunos, inspetores, professores, o grupo priorizou criar condições onde as pretensões de validade pudessem ser exercidas.

Todos os envolvidos buscaram desenvolver, através do diálogo, relações mais igualitárias e um consenso para resolução de problemas. Assim deixaram de exercer pretensões de poder para tentar conter os problemas ocorridos no recreio.

Tendo capacitado vários agentes da escola, que estavam diretamente envolvidas no recreio, marcaram a primeira Assembleia, tendo claro que o caminho era o da escuta respeitosa e do diálogo igualitário.

Todos os profissionais envolvidos sabiam que, como afirma Aubert et al:

“[...] Os conceitos e teorias que formam as bases da aprendizagem dialógica são coerentes com a atual sociedade da informação, com o multiculturalismo e com o giro das sociedades [...]” (AUBERT ET AL, 2016, p 25).

Sabiam, ainda, como afirma a autora citada acima que:

“Essa é a principal característica da aprendizagem dialógica, a interação e a comunicação como fatores-chave do aprendizado.” (AUBERT ET AL, 2016, p. 25).

A primeira Assembleia foi surpreendente, pois todos os adultos perceberam que as crianças realizavam uma avaliação crítica em relação ao recreio e mais do que isto, que estas propuseram várias soluções e caminhos para a melhoria. Para os alunos foi um momento especial, se sentiram ouvidos, respeitados e acolhidos em suas opiniões e sugestões.

Entre as propostas efetivou-se:

- A compra de mais brinquedos para o recreio, pois todos corriam porque não havia brinquedos;
- Os alunos envolveram duas mães voluntárias para fazer, por exemplo, roupinhas para bonecas;
- As filas foram abolidas, pois as crianças se comprometeram a ir para sala com o sinal.

Considerações finais

O processo de implantação de uma A.E.E. necessita passar por estudos com aprofundamento e reflexões, que levem a um entendimento global dos conceitos e atuações necessárias para que esta obtenha resultado e que gere melhoria de aprendizado.

Na E.M.E.B. “Ana Isabel da Costa Ferreira”, o processo de implantação está apenas iniciando, foram dados apenas alguns passos.

A comissão mista percorreu as salas para conversar sobre a Assembleia, orientar como ela ocorre e para levantar os problemas pertinentes ao recreio.

Na assembleia, o diálogo igualitário, a argumentação, a busca de consenso e deliberação iniciou um processo de criação, entendimento e respeito às normas de convivência, bem como um sentimento de pertencimento.

A construção coletiva de regras e soluções para os conflitos e problemas fez com que o trabalho de todos: funcionários, professores e, principalmente, alunos fossem resignificados.

O desafio neste momento está em ter espaço e tempo dentro do cotidiano escolar para que todo o processo de implantação e execução seja feito da maneira correta.

A escola junto com a formadora local necessita se debruçar sobre os conceitos, priorizar a implantação desta A.E.E. de forma comprovada cientificamente, isto é:

- Trabalhar para a criação de normas que realmente tenham como tema importância para a vida dos alunos;
- Que seja reconhecida e aprovada pela sociedade;

- Que seja desrespeitada na escola e que possa mudar um comportamento;
- Que com a resolução do conflito este reflita para a comunidade como um todo, extrapolando os muros da escola.

Ao longo do segundo semestre do corrente ano foram realizadas assembleias bimestralmente, porém precisam entrar como uma atividade permanente e não somente para resolver um dado momento de conflito ou problema.

Por outro lado, também há necessidade de enfrentar e instituir todos os passos para assegurar a participação, o diálogo e a construção das normas.

Com a atuação da comissão mista, a exposição da proposta da norma, a distribuição e publicidade para que seja amplamente discutida, bem como a participação dos representantes de classe discutindo a concretização da norma e sua aplicabilidade. Uma Assembleia geral, a reescrita da norma com as novas sugestões.

A equipe da escola sabe e reconhece que os meninos e meninas gostam e validam esta prática, pois se sentem ouvidos, respeitados, pois a prática concretiza as pretensões de validez.

REFERÊNCIAS

AUBERT, A. et al. Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos: EduFSCar, 2016.

FLECHA, A., MELGAR, P., OLIVER, E., PULIDO, C. Socialización preventiva en las Comunidades de Aprendizaje, Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 67 (24,1) (2010), 89-100

MELLO, Roseli Rodrigues; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa - Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível, São Carlos, EDUFcar, 2014.

INSTITUTO NATURA. Cadernos de formação: Comunidade de Aprendizagem, São Paulo, 2016
Disponível em: < https://www.comunidadeaprendizagem.com/nossa-biblioteca?group_id=4>
Acesso em: Nov, 2017.

SORDÉ, Teresa (coord.) – Guia para la Comunidad Educativa de Prevención Y apoyo a las
victimas de violencia escolar; Barcelona, 2017

Disponível em: <<http://blog.educalab.es/cniie/2017/05/17/guias-para-la-comunidad-educativa-de-prevencion-y-apoyo-a-las-victimas-de-violencia-escolar-y-de-ciberacoso-en-el-contexto-escolar/>>
Acesso em: Dez, 2017.



**Comunidade de
Aprendizagem**

www.comunidadeaprendizagem.com



ÍNDICE REMISSIVO

TERTÚLIA PEDAGÓGICA

Tertúlia pedagógica: aprender com prazer e o prazer de aprender
Rosely Correa Ferreira 5

Tertúlia dialógica pedagógica das obras de Paulo Freire na formação do coordenador pedagógico
Rosimara Negri Gomes 15

A aprendizagem dialógica, a tertúlia pedagógica dialógica e suas interlocuções
formativas para o desenvolvimento profissional docente
Manoel dos Santos (RAE Bahia) 28

TERTÚLIA MUSICAL

A tertúlia dialógica musical como estratégia para uma formação integral, transformadora e pedagógica na sala de aula
Maria da Conceição Alexandre Souza 39

TERTÚLIA LITERÁRIA COM DEFICIENTE AUDITIVO

Tertúlias dialógicas literárias: alunos com necessidades especiais auditivas
Maria José Soares de Oliveira 50

TERTÚLIA LITERÁRIA - FOCO MAIOR EM LEITURA DIALÓGICA

Tertúlias Dialógicas: um espaço privilegiado para se promover diálogo igualitário. Suas implicações. Seus ganhos
Maria Bernadete Boscolo 61

TERTÚLIA LITERÁRIA

Importância da tertúlia literária para as turmas do Fundamental II
Adailson Araújo 72

Tertúlia literária: um comparativo relevante entre a prática desta ação educativa de êxito do IN e
o projeto de leitura na escola de tempo integral Almiro da Cruz no município de Barbalha - Crede19
Adriana Maria Bezerra de Oliveira 79

Tertúlia literária dialógica: contribuições para a humanização das relações
Fernanda Pavan Fiorin 88

Tertúlia dialógica literária na construção do diálogo igualitário
Gilmar Dantas Silva 98

A implementação da tertúlia como disciplina curricular
Luana Maria Monteiro Campos 107



TERTÚLIA DIALÓGICA FILOSÓFICA

Tertúlias dialógicas filosóficas Ronaldo Mendes Martins	120
--	-----

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Histórico de comunidade de aprendizagem: município de São Carlos – novas propostas de implementação José Maria Loureiro Diniz	128
Como os professores em processo de implementação da Comunidade de Aprendizagem podem contribuir com iniciantes no processo de sensibilização? Karla Regina Pereira Oliveira	140
Atuações educativas de êxito e Ginásios Cariocas: uma relação dialógica Luciana Cortes	149
O encontro entre o projeto comunidade de aprendizagem e a educação de Pernambuco: uma reflexão sobre o processo de transformação Danielle da Mota Bastos	158
Transformar para melhorar: reflexão acerca das fases de transformação da escola Danielle Navarro	169
Relação da proposta pedagógica do município de Cajamar com o projeto Comunidade de Aprendizagem, a partir de uma experiência na Emeb Antônio Pinto de Campos Maria Claudinez da Silva Strublic	178
Serra do Salitre: de ponto a ponto costurando a educação com retalhos de qualidade Luciene de Souza Borges	187

PRINCÍPIOS

A aprendizagem dialógica e o princípio da criação de sentido Rosemary Silva Lobato	201
Comunidades de Aprendizagem: o princípio da criação de sentido pelo viés da aprendizagem dialógica Zeneida Elaine Ribeiro Holanda	209
Diálogo igualitário na transformação das relações de poder na escola na fase de implementação Nilce Araujo Fernandes Sano	219
Participação voluntária - eu aprendo, eu ensino! Samara Dinis da Silva	228

PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA DA COMUNIDADE

Participação educativa da comunidade na EJA da Emeb Arthur Natalino Deriggi: sonhos e ciência na busca de uma nova escola Osmair Benedito da Silva	236
---	-----

PRÉ-SENSIBILIZAÇÃO

O papel do gestor escolar na transformação da escola em Comunidade de Aprendizagem Maria Medeiros	252
--	-----



GRUPOS INTERATIVOS

Grupos interativos na educação de jovens e adultos: a mudança do meu olhar sobre o outro. Uma vivência na Emeb Arthur Natalino Deriggi Sara Rebecca Bianchi	262
Grupos interativos – uma forma de agrupamento inclusivo que melhora a aprendizagem e convivência Cristiane Casquet Elias	272

FASES

Sensibilização: em busca da ilha desconhecida Olívia Amélia Cavalcante Freire	282
Implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem através do diálogo igualitário Cláudia Aparecida de Abreu Costa	289
Palavras que embalam: o papel do gestor na implementação do Comunidade de Aprendizagem Cristina Alves de Souza Cardoso	301
Reflexão sobre os limites e possibilidades vivenciados nas fases de transformação na implementação de Comunidade de Aprendizagem numa escola de educação infantil Rita de Cássia de Castro	310

COMISSÕES MISTAS

As comissões mistas como um caminho para democratização do espaço escolar Maria Gabriela dos Santos Rodrigues	319
--	-----

AEE – MODELO DIALÓGICO DE PREVENÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Desporjar-se e resilir-se Eljomara Germana Barros Pinto	329
--	-----